NOMES DE PLANTAS E DE ANIMAIS

O ESTUDO DOS LÉXICOS BOTÂNICOS E ZOOLÓGICOS : A ARQUEOLOGIA DAS PALAVRAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A DIFUSÃO DA AGRICULTURA E PARA AS MIGRAÇÕES HUMANAS NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

HENRI RAMIREZ

[feito em 1999]

Resumo *Ao longo da nossa pesquisa sobre as línguas da Amazônia, descobrimos um grande número de empréstimos linguísticos. As línguas indígenas frequentemente tomam emprestadas entre si palavras que designam animais ou plantas. Esse tipo muito especial de empréstimos sugere que os contatos interétnicos devem ter sido numerosos em tempos remotos. Baseados neste fato, propomo-nos a explorar as relações entre empréstimos e contatos, e a vasculhar 2.000 anos de migrações pré-históricas e de colonização indígena na América do Sul. Esta "Arqueologia das Palavras" deve ser bem-sucedida se incorporada a disciplinas como a Linguística Histórica, a Etnobotânica, a Antropologia e a Arqueologia.*

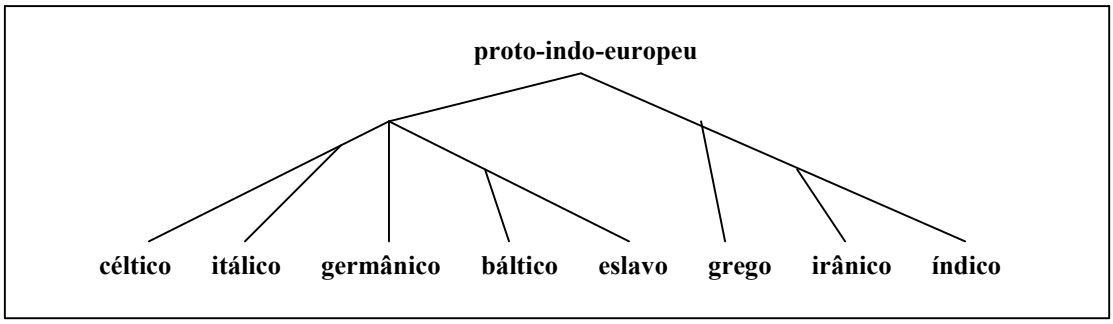
Abstract *In doing extensive research on Amazon languages, we found a large number of linguistic loans. Indian languages frequently borrow words which designate animals or plants from one another. This very special kind of loans seems to indicate that interethnic contacts have formerly been numerous. Based on this fact, we propose to explore the connections between loans and contacts, and to trace 2,000 years of prehistorical migrations and Indian settlements in South America. Such an "Archeology of Words" is likely to prove successful if integrated to fields such as Historical Linguistics, Ethnobotany, Anthropology and Archeology.*

Quando eu estudava - durante esses últimos quinze anos - as línguas indígenas do Rio Negro (o tukano, o baniwa, o bahuana, o yanomami e os idiomas maku), o interesse de amador que tinha desde pequeno para os animais e as plantas me levava sempre a favorecer a descrição dos léxicos zoológicos e botânicos. Nesses últimos anos, consegui juntar um número considerável de palavras designando animais ou plantas que são obviamente **empréstimos linguísticos** de línguas indígenas entre si. Por isso, cheguei a imaginar um projeto tão ambicioso que poderia parecer um pouco louco à primeira vista: a reconstituição das migrações humanas na América do Sul e o seu relacionamento com a difusão da agricultura a partir de um mapeamento exaustivo desses empréstimos linguísticos e de sua conversão em rotas de aculturação linguística através de toda a América do Sul. E a primeira impressão de inviabilidade desaparece logo quando alguém tenta integrar este projeto inicial a certos módulos – como a botânica e a agronomia – o que multiplica as possibilidades de verificação dos resultados obtidos durante a pesquisa linguística e o que também possibilita algumas correções para o modelo. É este projeto integrado que vamos esboçar em algumas linhas.

1. A linguística comparativa: algumas considerações gerais

Desde mais de 200 anos, os linguistas admitem que as línguas que apresentam semelhanças no seu vocabulário básico (partes do corpo, objetos naturais como "água", "sol" e "lua", pronomes pessoais, etc.) e na sua gramática são historicamente e que elas derivam de uma língua ancestral comum ou **proto-língua** (como o latim para as línguas romanas). Uma **família linguística** compõe-se assim de todas as línguas que nasceram de uma mesma proto-língua. Depois de comparar sistematicamente as línguas de uma família, os pesquisadores de **linguística histórica ou comparativa** são capazes de reconstruir a proto-língua hipotética desta família e grande parte de seu vocabulário.

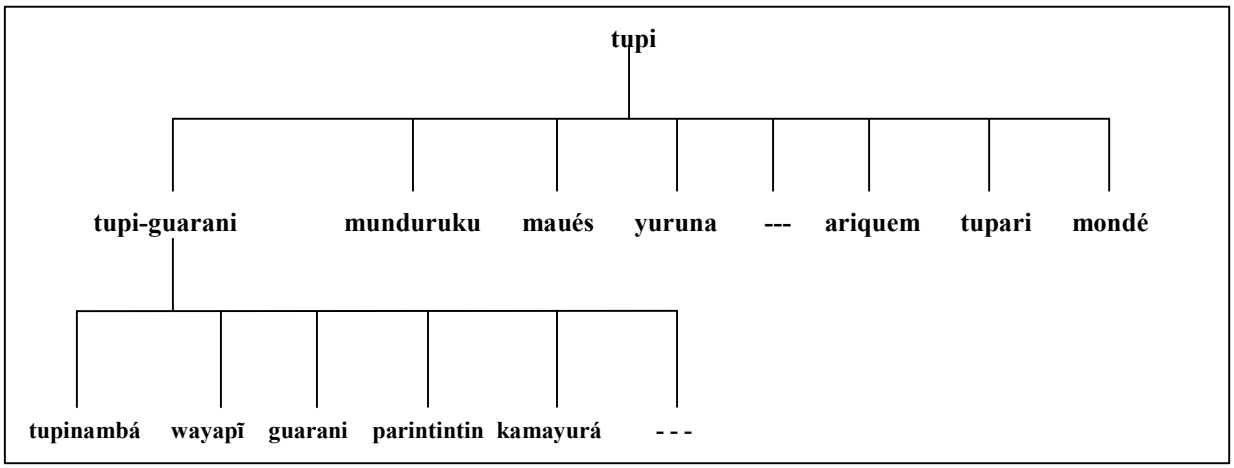
Podemos representar uma família linguística por uma **árvore** tendo como raiz a proto-língua. Como exemplo, o parentesco reconhecido desde o começo do século XIX entre quase todas as línguas da Europa e outras faladas na Índia e no Irã permitiu a descoberta da **família indo-européia** que podemos representar pela árvore simplificada seguinte:



Comparando as línguas aparentadas e reconstituindo o léxico da proto-língua, os linguistas evidenciam a área de origem a partir da qual a proto-língua se disseminou e se diferenciou em numerosas línguas, o que ocorre frequentemente por aumento demográfico devido à difusão da agricultura. O estudo científico das línguas, com a reconstituição de um vasto léxico, pode dar assim mais informações sobre a história passada da humanidade e os seus modelos agrícolas e ecológicos que os próprios objetos arqueológicos.

2. As línguas da América do Sul

Das 300 línguas faladas na América do Sul, perto de 200 encontram-se no Brasil. Ainda faltam muitos estudos para ter um quadro linguístico sistemático e coerente da região, porque grande parte dessas línguas ainda não possui uma boa descrição gramatical e um dicionário. Apesar deste conhecimento precário, os linguistas conseguem classificar as línguas da América do Sul em várias famílias de línguas (como o *tupi*, o *karib*, o *arawak*, o *tukano*, o *pano* etc.), certas famílias comportando um só membro, como o *tarumã* que era falado na região de Manaus durante o século XVIII. Como exemplo de uma família linguística da América do Sul, damos a árvore simplificada da família *tupi* com suas principais subfamílias (*tupi-guarani, munduruku* etc.), explicitando algumas línguas da subfamília tupi-guarani (*tupinambá*, *parintintin* etc.):



3. O problema dos empréstimos: o exemplo das famílias tupi e karib

Além de semelhanças devidas ao parentesco genético, todas as línguas do mundo partilham outro tipo de semelhanças com as línguas vizinhas: são os **empréstimos linguísticos**, cuja expansão depende do prestígio de que goza uma língua ou uma cultura em relação a outra. Assim, o *latim* adotou muitos termos culturais do grego nos campos da filosofia e da ciência. Mais longe de nós, há 5.000 anos, o *indo-europeu* fez empréstimos de termos agrícolas a línguas semíticas como o *egípcio antigo* (assim com o termo que designa o *vinho* e a *uva*). Mais perto de nós, na língua portuguesa, o vocabulário próprio às espécies animais e vegetais do Brasil desenvolveu-se a partir de uma língua indígena, o *tupinambá*. No domínio econômico e agrícola, são introduzidos muitas vezes o objeto e a palavra correspondente. Da mesma forma, as técnicas agrícolas de um certo grupo podem ser adotadas por grupos vizinhos por um mecanismo de aculturação que pode implicar uma certa aculturação linguística e empréstimos no léxico e na estrutura morfológica. Enfim, o estudo dos empréstimos linguísticos ajuda a reconstruir a história das migrações: analisando as mudanças fonéticas das diversas línguas, os linguistas determinam por exemplo a ordem pela qual esses empréstimos foram efetuados.

Os linguistas possuem modelos de evolução fonética para determinar se as semelhanças entre línguas resultam de empréstimos ou de uma ascendência comum. Além de não pertencer a campos semânticos básicos (como partes do corpo, objetos naturais, pronomes pessoais, etc.), os empréstimos têm geralmente certas propriedades fonológicas distintas que os separam da estrutura fonológica "normal" da língua. Por exemplo, as palavras "dossiê", "complô", "jacaré", "tracajá", "tchau", "pizza", etc., são obviamente empréstimos dentro do idioma português: enquanto as quatro primeiras são acentuadas na última sílaba (o que os afasta do padrão normal de acentuação do português, requerendo que o acento recaia na penúltima sílaba em palavras que terminam por vogal), as duas últimas apresentam sons "anormais" para a língua portuguesa (como **tch** e **ts**). Como se vê, para descobrir que essas palavras são empréstimos, não precisamos conhecer o francês, o italiano, o tupinambá com sua longa história de contatos! Como se pode também concluir, o estudo sistemático dos empréstimos nas línguas de tradição oral (sem escrita) pode ser metodologicamente usado em sentido inverso: como ponto de partida para explorar, comprovar e rastejar uma longa história de contatos inéditos. Daremos agora um exemplo desta metodologia cuja problemática mostra que não estamos falando de fenômenos sem importância.

As línguas que pertencem à subfamília *tupi-guarani* (um ramo da família tupi) têm um pouco menos de 100 termos em comum com as línguas da família *karib*. Como as famílias *tupi* e *karib* não parecem linguisticamente aparentadas e como esses termos, que **designam principalmente animais ou plantas**, não fazem parte do vocabulário básico dessas línguas, temos, portanto, uma lista de quase 100 palavras que são candidatos potenciais ao estatuto de empréstimos (para mais detalhes, veja A.D. Rodrigues, 1985).

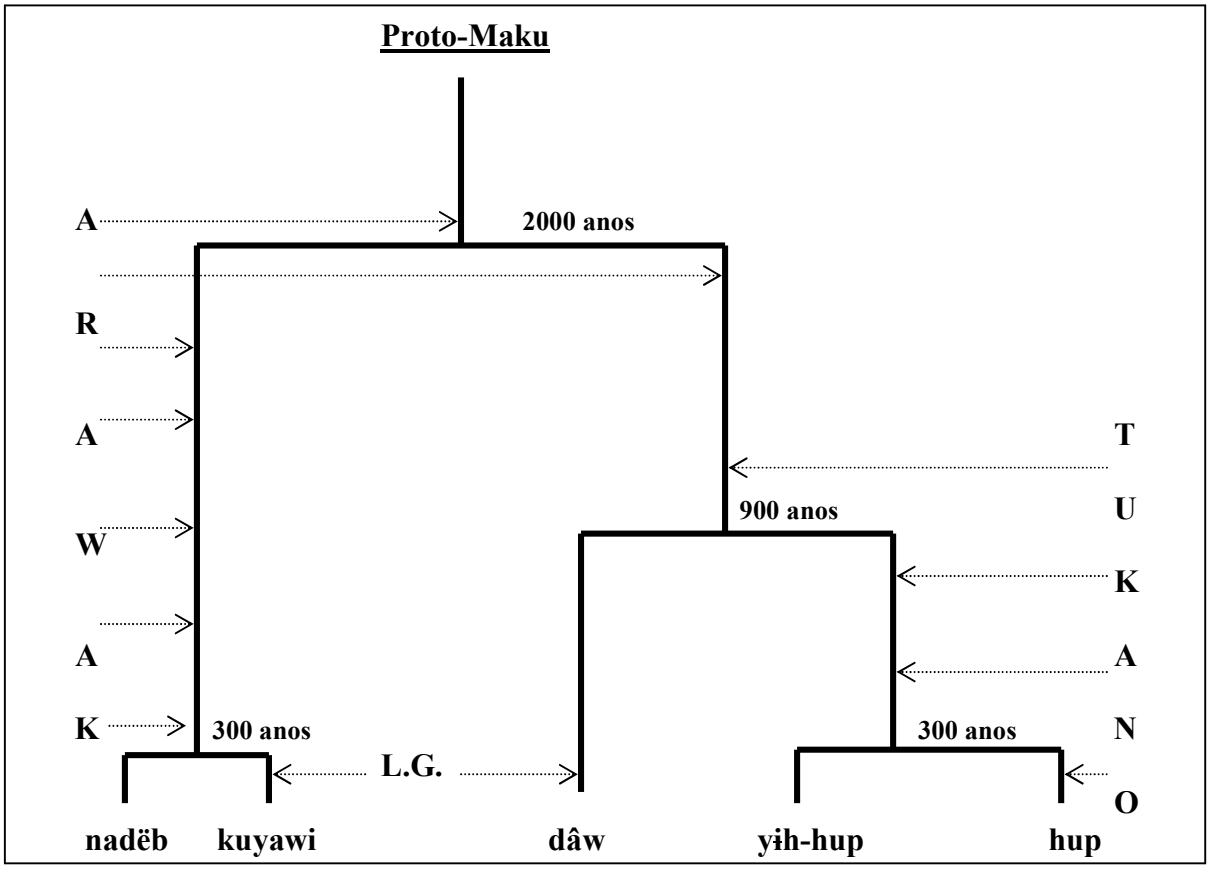
Em que sentido, quando e onde se efetuaram esses empréstimos? Tendo em vista que as formas desses empréstimos não parecem conformar-se à estrutura das línguas *tupi-guarani*, podemos inferir que a transferência de palavras efetuou-se das línguas *karib* para as línguas *tupi-guarani* (ou, como alternativa que deixaremos de lado aqui para simplificar a discussão, de uma língua X desconhecida para o conjunto das línguas *karib* e *tupi-guarani*). Tendo em vista que todas as línguas *tupi-guarani* têm essas palavras, mas que nenhuma das outras subfamílias da família *tupi* as possui, os empréstimos devem ter sido introduzidos no *tupi-guarani* em uma época em que o proto-tupi-guarani já se tinha separado das outras subfamílias tupi e ainda não tinha evoluído para várias línguas (há 1.500-2.000 anos) e em uma região onde o proto-tupi-guarani tinha como vizinho(s) algum(ns) povo(s) karib, possivelmente em uma área que ia do baixo rio Tapajós ao baixo rio Xingu.

O exemplo que acabamos de apresentar foi propositadamente simplificado e a realidade deve ter sido muito mais complexa. Vários pontos ainda deverão ser verificados e, devido à falta de sistematização nos estudos *karib*, sabemos muito pouco sobre o *proto-karib*, sua área de origem e seus modelos de dispersão no espaço geográfico. No entanto, o exemplo acima mostra a importância deste tipo de exploração e a necessidade de extendê-la a todo o espaço linguístico e geográfico da América do Sul. A nossa pesquisa pessoal revela inúmeros empréstimos botânicos e zoológicos entre as línguas *tukano, arawak, yanomami* e *maku* na área do alto Rio Negro. Como simples ilustrações, mencionaremos os nomes que designam o jenipapo (*Genipa americana*) [**d'ăd** em hup (maku), **dáana** em baniwa (arawak), **tana** em yanomami], o surucuá (*Trogon* spp.) [**suruku'á** em tupi-guarani, **xotokoa-koa-mɨ** em yanomami] e a onça [**yawa-ra** em tupi-guarani, **ya'ám** em hup (maku), **yáawi** em baniwa (arawak), **yáí** em tukano, **yao** em yanomami], o que mostra obviamente para qualquer observador que não se trata de considerações fortuitas sobre fenômenos sem importância!

Em seguida, ilustraremos esses fenômenos com mais dois exemplos, comentando os empréstimos encontrados nas línguas maku (seção 4) e examinando os termos que designam a pupunha (seção 5).

4. Os empréstimos maku

A pequena família *maku* compõe-se de 3 línguas (nadëb/kuyawi, dâw e hup/yɨh-hup). A árvore seguinte indica as ligações entre essas 3 línguas e a profundeza temporal desta pequena família, calculada muito aproximadamente a partir do método léxico-estatístico:



Vamos agora avaliar as influências *arawak* e t*ukano* sobre as línguas *maku*. A influência arawak sobre a língua hup/yɨh-hup pode ser evidenciada por mais de 40 empréstimos designando animais e plantas, alguns dos quais são reproduzidos no quadro seguinte:

Português	Arawak	Hup
tatu-comum	**je, jeʔe**	**jĕw**
tatu-canastra	**uka[-ra], waka**	**ǰk**
paca	**dáapa, náapa**	**naw/dãw**
tincoã	**wájuwe**	**wajwéʔ**
pipira	**wítsi**	**bʔítʃ**
surucuá	**dóodo[li]**	**totóbʔ**
jacaré	**hatu[li]**	**hăt**
tambuatá	**óo[ro]**	**ǰʔ**
mandioca	**káini**	**kĕn**
paxiúba	**puúpa**	**pŭp**
tucumã	**komá[lhi]**	**kʔŏb**
jenipapo	**dáana**	**dʔăd**

As formas da maioria desses empréstimos os denunciam como uma transferência de palavras orientada das línguas *arawak* para todas as línguas *maku*, i.e. uma transferência que se efetuou em uma época em que as línguas maku ainda não se tinham diferenciadas (proto-maku, 2 000 anos). Ainda mais importante foi a influência das línguas *arawak* do rio Japurá (como o *kaixana*) sobre o *nadëb* e o *kuyawi*, e essa influência continuou durante muito tempo. Desde a chegada dos portugueses no século XVIII, uma língua colonial introduzida por eles - o *nheengatu* ou *Língua Geral da Amazônia* (abreviada em L.G. na árvore) - foi a responsável de numerosos empréstimos em *nadëb* e em *dâw*.

De maneira um pouco diferente, a influência *tukano*, muito nítida na língua *hup* (e na sua variante *yɨh-hup*) e, em escala menor, na língua *dâw*, não aparece em *nadëb*. São mais de 200 termos que a língua *hup* recebeu do *tukano*. O quadro seguinte apresenta alguns deles:

Português	Tukano	Hup
tamanduá-bandeira	**bɨkó**	**bɨ́g**
capivara	**díá-wekɨ**	**deh-tăh** [decalque]
rato	**biʔí**	**bĭʔ**
gavião sp.	**báá-ro**	**bărо**
saracura	**saʔkú**	**tʃăg**
bem-te-vi	**piti-rĭ**	**pitirĭh**
tico-tico	**bóó[-ga]**	**bŏ**
mandi	**ikí**	**ikʔíh**
tucunaré	**buʔŭ**	**bʔŏʔ**
pacu	**uhŭ**	**húhuʔ**
peixe-espada	**soʔó**	**tʃʔŏ**
saúva sp.	**boʔko[-ro-á]**	**bʔokŏ**
ingá	**méré**	**mĭn**
buçu	**móá**	**bʔŏh**
taioba	**kapó**	**kapŏjʔ**
abacaxi	**sẽrɜ̃**	**tʃãrɜ̃**
arumã	**wɨhɨ̆**	**wɨhɨ́wʔ**
curauá	**johŏ**	**jɔ̃j**
curare	**nimă**	**năm**
murici	**muĭ**	**mŭjʔ**

Ainda aqui, o sentido das transferências, muito mais recentes que no caso *arawak* (já que não abrangem todas as línguas maku), não faz dúvida: uma simples observação dos elementos do quadro mostra do lado *hup* palavras de 2 sílabas, o que fazem delas formas atípicas para uma língua onde predominam os monossílabos, enquanto a língua *tukano* mantém a sua própria estrutura bimoraica (i.e. com raízes de duas vogais). Além disso, os numerosos decalques entre o *tukano* e o hup reforçam a importância desses empréstimos linguísticos. Como decalque, o leitor poderá consultar o segundo item da lista precedente, "capivara", que se traduz em ambas as línguas como "anta-d'água". Assinalamos também os seguintes decalques: "vespa-de-cancão", "vespa-japurá", "vespa-da-terra" para várias espécies de vespas; "cabeça-esmagada" para um tipo de saúva; "cabelo-de-gavião" para um tipo de traíra; "cabelo-de-duende" para a tuberculose; assim como um extraordinário jogo de decalques isomorfos entre essas línguas para as espécies e as variedades de beija-flores, minhocas, abius, bananas etc.

O que podemos concluir desses fatos? Segundo Nimuendaju (1927, 1955), o povoamento do alto Rio Negro teria sido efetuado em três ondas migratórias: uma primeira ocupação **maku**, seguida por duas invasões feitas por povos de práticas agrícolas mais elaboradas, os **arawak** e, depois deles, os **tukano**. Em primeira análise, o estudo preliminar dos empréstimos que acabamos de apresentar apoia esses diversos estratos de ocupação territorial (V. Anexo I):

- Mais de 2000 anos atrás, vários povos *arawak* irromperam no médio e alto Rio Negro, em uma região onde já havia povos *maku* e outras etnias provavelmente afiliadas a eles (*puinave, kakua, nɨkak*). Surgiu assim um certo tipo de relação entre vizinhos, o que possibilitou a nossa primeira lista de empréstimos.
- Há aproximadamente 1000 anos, em uma época em que os *nadëb* já se tinham separados dos *hup* e dos *dâw*, os povos *tukano* irromperam de repente na área do rio Caiari-Uaupés e eles foram os responsáveis pelos empréstimos da segunda lista.

Na realidade, os fatos devem ter sido muito mais complexos, o exame minucioso dos empréstimos mostrando que a ocupação *tukano* provavelmente efetuou-se em várias etapas, o que gerou várias camadas de palavras transferidas. Para afinar nossas posições, será preciso efetuar um estudo pormenorizado dos termos lexicais zoológicos e botânicos encontrados nas línguas dos *nadëb* e de todos os grupos *tukano*.

5. Os termos que designam a pupunha (*Bactris gasipaes*)

Como último exemplo desta **arqueologia das palavras**, os quadrinhos da página seguinte apresentam alguns termos que designam a pupunha. Em Anexo II, o leitor encontrará esses termos em um mapa. À primeira vista, três centros de dispersão (2 maiores e 1 menor) podem ser detectados e associados às palavras seguintes:

① a raiz lexical **pupɨ** ou **wepɨ** de grande profundeza temporal (2.000-3.000 anos). Obviamente associada à família arawak, esta raiz encontra-se em 5 das 10 subfamílias arawak (Ramirez, 2001) e parece corresponder a uma expansão territorial arawak a partir do rio Solimões e em direção ao alto Rio Negro e aos Lhanos da Colômbia. As formas encontradas são: **pupɨ, bubi, wepi, bibi, pipi[ri]**, **pihi[pe]** e **hihi[ri]**. Essas formas aparecem também como empréstimos em outras famílias, como o *guahibo* (**hipi[ri]** em *sikuani*), o *chibcha* (**bib[i]ra** em *tunebo*) e o *tupi* (**pupui** em *kokama-omagua*). Foi esta raiz que prevaleceu na língua portuguesa do Brasil quando, no século XVII, os colonizadores portugueses com seus guias tupinambá invadiram a Amazônia e descobriram as grandes plantações de pupunheiras nas missões espanholas do médio Solimões: **pupɨ > pupui > pupui-a** (com o sufixo nominalizador **-a** das línguas tupi-guarani) **> pupunha**. Encontra-se também em *wayapĩ* sob a forma **pɨpɨi**. Os colonizadores espanhóis transformaram o termo, da costa venezuelana e de Panamá até o Peru, em **pijibay**, **pijiguao** e **pifuayo**.

② a raiz lexical **sɨrɨ-wa** (1.500 anos), provavelmente associada à subfamília tupi-guarani. Na seção 2.2, sugerimos que o centro de dispersão dessa subfamília poderia ter sido entre o baixo Tapajós e o baixo Xingu. De lá, os povos tupi-guarani levaram o termo para o sul (**hɨrɨwa** em parintintin, **sɨrí** em guarayo, etc.).

ARAWAK

8 línguas	**pipi, pupɨ**
baré	**bubi**
baniva	**wepi**
marawa	**bibi**
apurinã	**kawi-ri**
piro	**kiru**
kampa	**kuɨri**
mojeño	**pihipe**
bauré	**siria[pa]**

(empréstimo tupi-guarani)

TUKANO

7 línguas	**ɨrẽ**
makuna	**hata / hotaw**
sekoya	**oda**

HOTI

^{h}lebã

SÁLIBA

nen

ARAWÁ

paumari, arawá	**kawi-ri**
yamamadi	**jawidä**
kulina	**dzawida,**
(var. brava)	**tosi**

CHOCÓ

5 línguas	**meme**
embera	**sãsãgara**
wounaan	**tʃor**

TUPI

nheengatu	**pupui[a]**
kokama	**pupui**
kawahiwa	**hɨrɨwa**
wayapĩ	**pɨpɨi**
karitiana	**ɲõɲmit**
mawé	**mɨrawe**
guarayo	**sɨrí**
munduruku	**wesudu[a]**

MAKU

hup, dâw	**tʃʔɨw**
nadëb	**jɨh / dʒɨw**
puinave	**mõn**
kakua	**bĩdaʔ dãʔ**
nɨkak	**hũɲũni**

MURA

ahuhɨ

BORA

muinane	**moomo**
bora	**meeme**

YANOMAMI

raʃa, riʃa

KATUKINA

tsoo

BARBACOA-PAEZ

paez, totoró	**tʃu[n]ta**
awa	**waltɨ**
tsafiqui	**bintsala**
chapalaachi	**kanutʃi**

KARIB

carijona	**hɨrɨwa**
kinha	**merepɨ**
panare	**[k]atʃama**
caripuna	**paripu**

GUAHIBO

sikuani	**misi, hipiri**
cuiba	**miʃi ?**
jitnu	**kuer ?**
guajabero	**wibux-tot ?**

WITOTO

witoto	**ofego[ɨ]-dʒɨ, ne.egoɨ, hime**
ocaina	**hami-iɲha**

PANO

yora	**nɨna**
mayoruna	**kawi-tsi**

CHAPAKURA

m^{w}utʃic

CHIBCHA

kogui	**nuldi**
tunebo	**bib[i]ra**
bari	**tʃikaanə**
miskito	**supa, zuma**

③ a raiz lexical **kawi[ri]**, de pouca difusão espacial (região ao sul da foz do rio Juruá), provavelmente associada a uma das dez subfamílias *arawak* (**kawi[ri]** em *apurinã*, **kuɨ[ri]** em *kampa*, **ki[ru]** em *piro*) e, como empréstimo, a certas línguas de outras famílias (*mayoruna* na família *pano*, *paumari* na família *arawá*).

Certas raízes, como **chonta**, **chontaduro** e **cachipay** devem ser provavelmente analisados como termos genéricos de palmeiras espinhosas, de palmitos ou de qualquer coisa menos a pupunha e, em consequência, eliminadas. Com efeito, nas listas dos termos coloniais (Patiño, 1960), essas raízes nunca aparecem associadas a tal ou tal etnia específica, que designavam a pupunha por outros nomes.

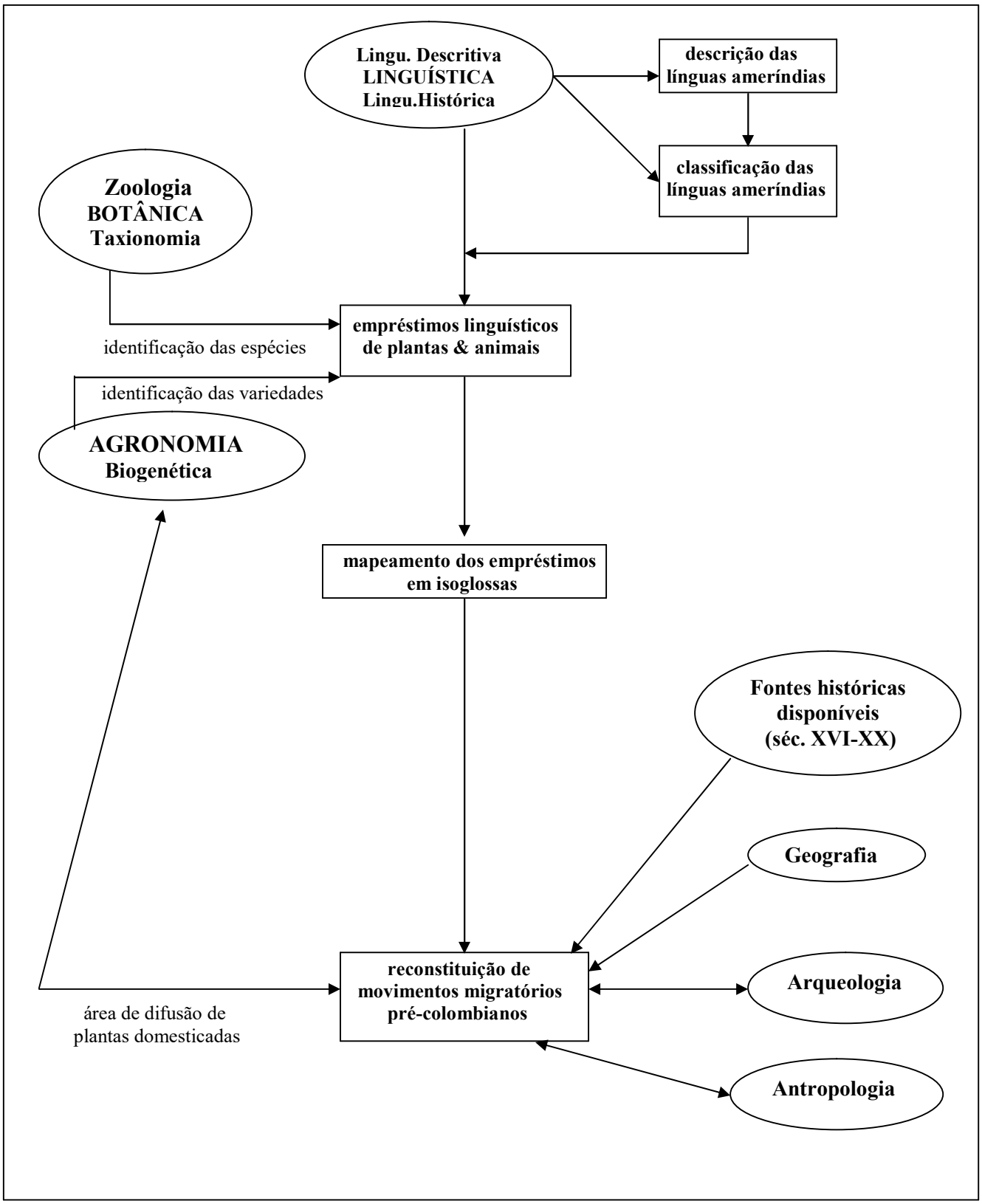
Tudo isso parece fornecer um certo número de bons argumentos a favor da origem da domesticação da pupunha na calha amazônica (V. discussão em Mora-Urpí *et al.*, 1997, pp. 26-27). No entanto, só um exame linguístico minucioso e exaustivo de todos os termos (especialmente, para as línguas que não comentamos) e a elaboração de mapas análogos para outras plantas como graviola, taioba, cuieira, urucu, abacaxi, curauá, mamão, batata-doce, cará, coca, mandioca, milho, abacate, amendoim, feijão, algodão, uariá, arumã, maracujá, jenipapo, abiu, tabaco, pimenta, cubiu, flecha, caju, taperebá, castanha-do-pará, cucura, ingá, seringueira, caapi, murici, goiaba, tucumã, açaí, buriti, bacaba, patauá, cacao, cupuaçu, piquiá etc. (V. lista em Clement, 1999), poderá sustentar ou destruir a nossa primeira análise.

6. O projeto integrado

Um projeto que pretende ser capaz de explorar os empréstimos linguísticos para mapeá-los exaustivamente e convertê-los em seguida em rotas de migrações e/ou de trocas sócioeconômicas deve ser integrado. Integrando certos módulos, a escolha de certos parâmetros torna-se mais fácil e os procedimentos assim aperfeiçoados maximalizam a relevância dos resultados.

O diagrama da página seguinte dá uma ideia preliminar sobre o tipo de aparência que este projeto integrador de módulos pode ter. Assim como a **linguística** ajuda a localizar e a **fazer a lista dos empréstimos** em cada língua da América do Sul, comparando os idiomas e apoiando-se na classificação e na correspondência de sons para definir a direção dos empréstimos, a **botânica**, a **zoologia** e a **agronomia** ajudam a **identificar os gêneros e as espécies de vegetais e animais** designados pelos empréstimos, ou as **variedades de plantas cultivadas**. Esta tarefa não é sempre das mais fáceis, especialmente nos campos entomológicos (as línguas indígenas possuindo frequentemente numerosos nomes que designam espécies de formigas, vespas e abelhas) e botânicos (quantas plantas frutíferas, medicinais e tintórias conhecidas e designadas pelos povos indígenas ainda esperam um trabalho taxonômico para identificá-las?). Este trabalho é imprescindível para que a elaboração da lista de empréstimos se torne correta: sem uma rigorosa identificação prévia, o analista corre o perigo de descrever um empréstimo improvável depois de comprovar, por exemplo, que o termo que designa uma espécie de louro (laurácea) em uma língua X parece-se muito com o termo que designa uma espécie de sorva (apocinácea) em uma língua Y e depois de "chutar intuitivamente" que as duas plantas devem ser parentes!

Uma vez elaborada esta lista múltipla (para cada par de línguas), uma vez mapeados todos os empréstimos em mapas superpostos, a interpretação dos movimentos e das difusões culturais e/ou linguísticas pode ser facilitada e reforçada por uma **comparação intermodular** entre agronomia, genética, geografia, antropologia, arqueologia, história da colonização europeia etc. O sucesso do projeto depende assim da variedade dos pesquisadores empenhados nele.


Lingu. Descritiva
LINGUÍSTICA
Lingu.Histórica
descrição das línguas ameríndias
classificação das línguas ameríndias
Zoologia
BOTÂNICA
Taxionomia
empréstimos linguísticos de plantas & animais
identificação das espécies
identificação das variedades
AGRONOMIA
Biogenética
mapeamento dos empréstimos em isoglossas
Fontes históricas disponíveis (séc. XVI-XX)
Geografia
reconstituição de movimentos migratórios pré-colombianos
Arqueologia
área de difusão de plantas domesticadas
Antropologia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHIAS, Renato (1997). *Hupdë-Maku et Tukano: Les Relations Inégales entre deux sociétés du Uaupés Amazonien (Brésil)*. Tese de Doutorado, Universidade de Paris X, Paris.

BOUQUIAUX, Luc & Thomas, Jacqueline (1976). *Enquête et description das langues à tradition orale*. SELAF, Paris.

CLEMENT, Charles R. (1999). "1492 and the Loss of Amazonian Crop Genetic Resources: I. The Relation Between Domestication and Human Population Decline; II. Crop Biogeography at Contact", *Economic Botany*, 53(2): pp. 188-202 e 203-216, The New York Botanical Garden Press, Nova Iorque.

GRENAND, Françoise (1989). *Dictionnaire wayãpi-français. Lexique français-wayãpi (Guyane française)*. Paris, Peeters/SELAF.

GRENAND, Françoise & E. H. Ferreira (1989). *Pequeno Dicionário da Língua Geral*. SEDUC, Manaus.

HOCK, Hans Henrich (1991). *Principles of Historical Linguistics*. Mouton de Gruyter, Berlin/Nova Iorque.

MORA-URPÍ, J., J.C. WEBER & C.R. CLEMENT (1997). *Peach palm. Bactris gasipaes Kunth*. IPGRI, Roma.

NIMUENDAJU, Curt (1927). "Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés", *Journal de la Société des Américanistes*, 39: 125-182 (primeira parte), Paris.

NIMUENDAJU, Curt (1955). "Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés", *Journal de la Société des Américanistes*, 64:149-178 (segunda parte), Paris.

NIMUENDAJU, Curt (1987). *Mapa Etno-Histórico*. IBGE, Rio de Janeiro.

PATIÑO, V.M. (1960). "Historia colonial y nombres indígenas de la palma pijibay (*Guilielma gasipaes* H.B.K. Bailey)", *Revista Colombiana de Antropologia*, 9: 25-72.

RAMIREZ, Henri (1992). *Le Bahuana, une nouvelle langue de la famille arawak*. Chantiers Amerindia, suplemento 1 ao n° 17 de Amerindia, Paris.

RAMIREZ, Henri (1994). *Le parler yanomami des Xamatauteri*. Tese de doutorado, Universidade de Provence, Aix-en-Provence.

RAMIREZ, Henri (1997). *A Fala Tukano dos Ye'pâ-Masa (tomo I: gramática, tomo II: dicionário, tomo III: método de aprendizagem*. Inspetoria Salesiana do Amazonas, Manaus.

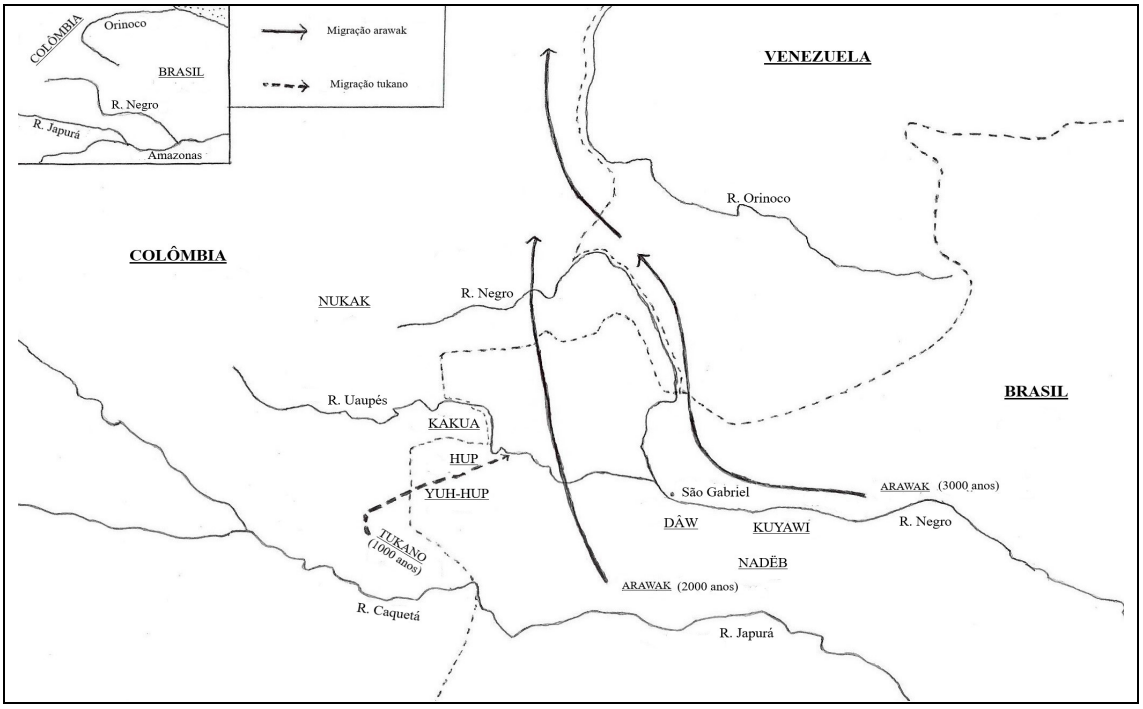
RAMIREZ, Henri (2001[a]). *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

RAMIREZ, Henri (2001[b]). *Dicionário da Língua Baniwa*. Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

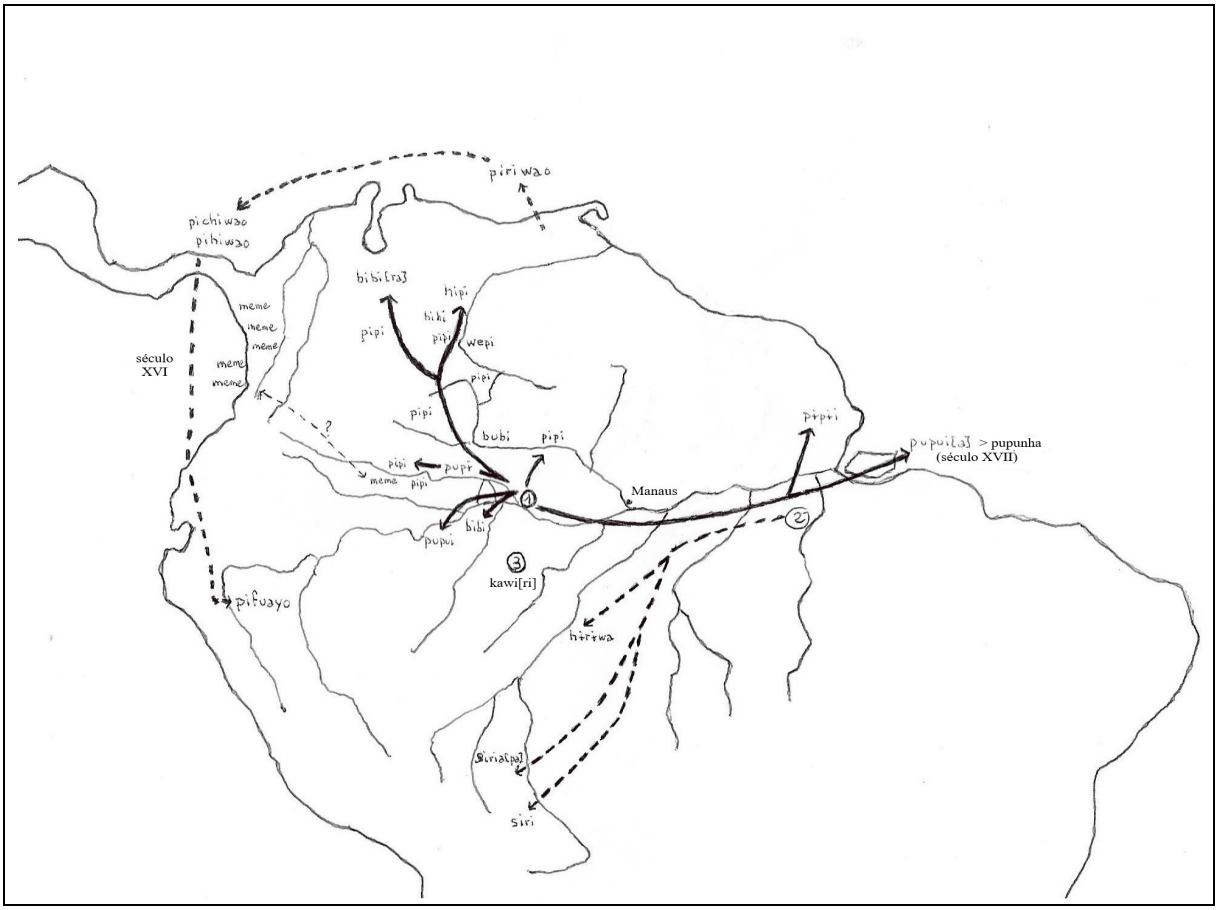
RAMIREZ, Henri (2004). *Dicionário da língua dos Hupd'äh*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife (no prelo).

RODRIGUES, Aryon D. (1986). "Evidence for Tupi-Carib relationships", *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, pp. 371-404, editado por H.E.M. Klein & Stark, L.R., University of Texas Press, Austin.

ANEXO I: Contatos entre maku, arawak e tukano



ANEXO II: Nomes da pupunha: arawak: ① e ③ ─ tupi-guarani: ②



COMPARAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS
Métodos e Limites

[2009, Museu Goeldi]

> « A subida para as origens, tipo de arqueologia lingüística, permanece fascinante para o espírito, e estamos muito longe de ter explorado inteiramente a contribuição que a lingüística histórica, e mais particularmente a lexicologia, poderia fornecer para a história da evolução da humanidade. » (Jacqueline Picoche, Dictionnaire etymologique du français)

1. Matrix, -icis (latim): "porca prenhe", "árvore que produz brotos". - Após o fim relativo das inseguranças subsequentes à queda do Império Romano ocidental, nos séculos IX e X, todos os sábios daquela época descobriram que o latim se tinha transformado, e assim ficaram sabendo que as línguas evoluem e que **as palavras mudam de forma e de sentido ao passar dos séculos**. Longe de refutar essa opinião, a "ciência moderna" verificou e comprovou isso de maneira sistemática (variação genética, tendência humana a simplificar as coisas, gosto da mudança, etc.). Mesmo assim, muitos ainda pensam que essa evolução é uma deterioração e que o sentido mais antigo é o "verdadeiro" sentido da palavra.

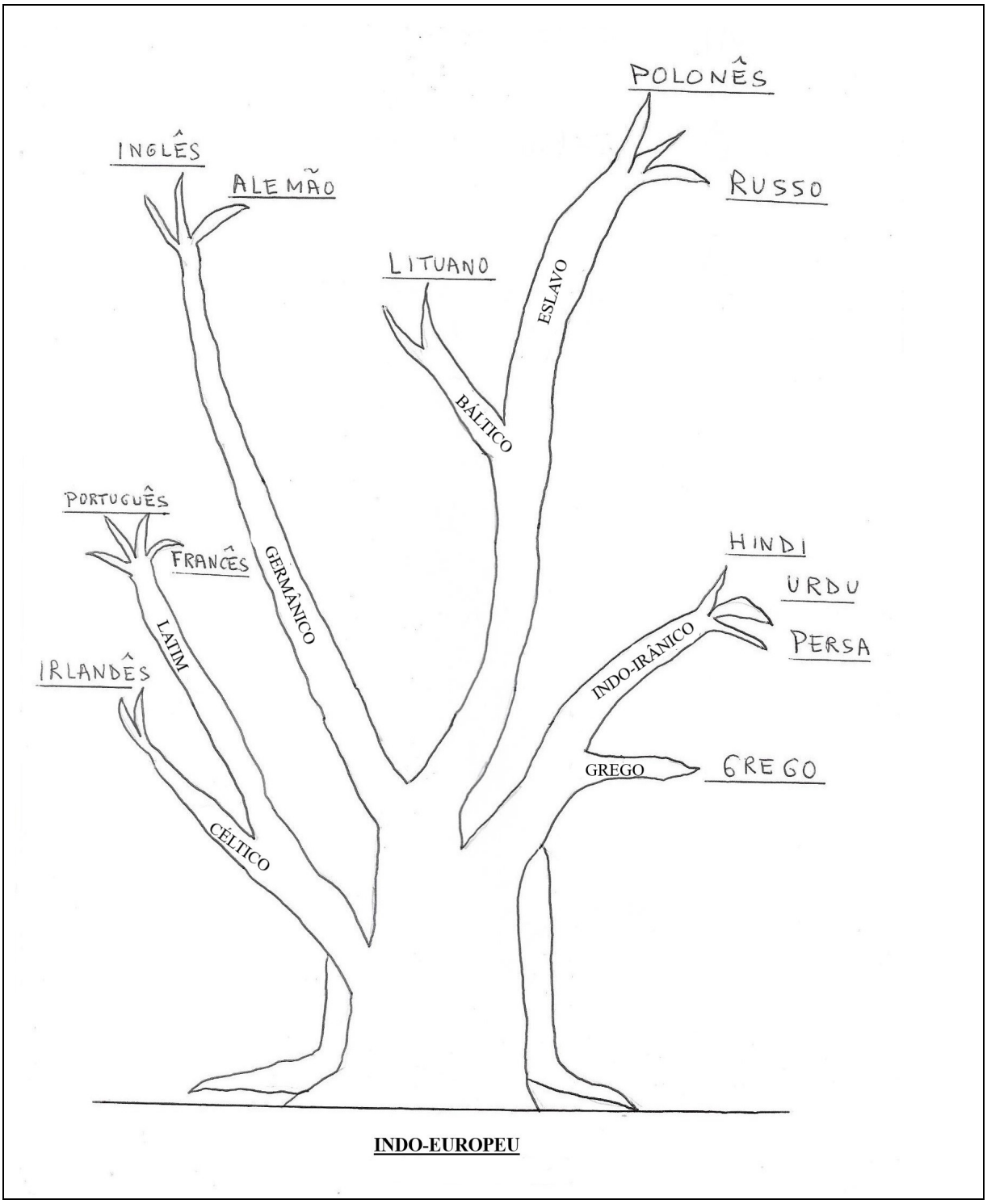
Essas idéias de mudança e a noção de indo-europeu começaram com as classificações sistemáticas (e frequentemente erradas) dos teólogos dos séculos XVI -XVII e com as semelhanças entre as línguas da Europa e das Índias entrevistas desde o século XVI pelos que viajavam, a etimologia se desenvolvendo no século XVII. Chegamos assim às noções de **línguas matrizes** e de **línguas derivadas**: "Lingua matrix: podemos chamar aquelas das quais derivam muitos dialetos que podem ser considerados como seus descendentes" (Scaliger, J.J. "Diatriba de Europaeorum linguis", in *Opuscula varia ante-hac non edita*, Paris, 1610, p. 115 da tradução de K. Zimmer (1612), Frankfurt). No entanto, a maioria dos linguistas preferem ignorar os fatos e começar sua ciência com William Jones em 1786. Muito antiga como atividade da imaginação e do sonho, essa "nova" lingüística histórica aparece com a descoberta do sanscrito nos últimos anos do século XVIII, o que permitiu elaborar melhor a noção de *língua indo-européia*, e esclarecer assim a natureza das relações até então desorientadoras que existem dentro de um conjunto de línguas na maioria européias. Diversas disciplinas, interligadas mas distintas, ajudaram a edificar esta lingüística histórica:

1. O *estudo comparado das línguas antigas* permitiu, em primeiro lugar, reconstituir as raízes indo-européias que, no interior dessa língua-mãe, língua pré-histórica não escrita falada no III^{e} milênio antes de Cristo, obedeciam a regras estruturais que puderam ser determinadas. Esse estudo permitiu também a formulação das *leis fonéticas* que governam a evolução segundo a qual as diversas línguas antigas nasceram do indo-europeu. Dentro de cada grande ramo indo-europeu, o *estudo comparado das línguas vivas* evidenciou as leis fonéticas que regem a evolução de cada uma delas a partir do ancestral comum. Esse ancestral pode ser diretamente conhecido quando se trata de uma língua escrita como o *latim*. O ancestral pode ser também indiretamente conhecido quando se trata de uma língua oral como o *latim vulgar*, falado na parte ocidental do império romano, e que se afastava passavelmente da língua literária escrita. Nesse caso, trata-se de formas reconstituídas como as do latim vulgar **sapēre* e **fallĭta*, que deram em português *saber* e *falta*.
2. A *filologia*, ou estudo dos textos antigos, classifica e data as diferentes formas e os diversos sentidos das palavras ao passar do tempo.

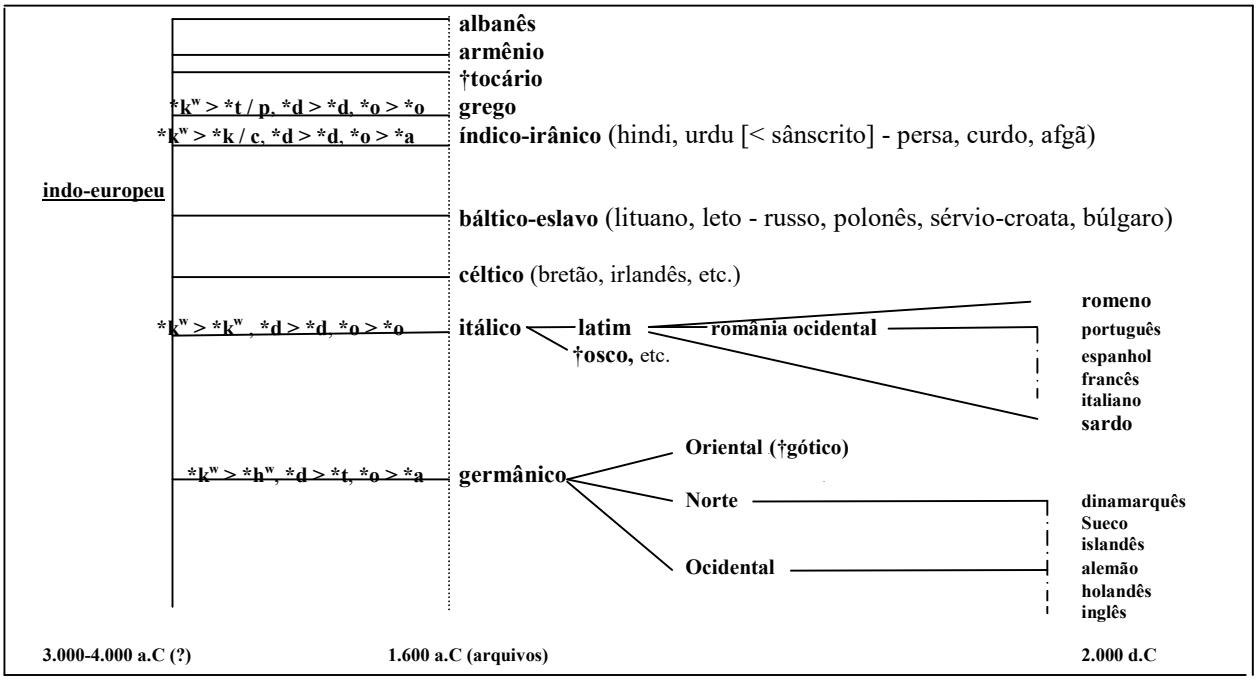
Hoje, não se pode considerar a lingüística histórica indo-européia como uma ciência acabada, principalmente no que diz respeito à história dos sentidos das palavras, e menos ainda como uma ciência totalmente segura, por não se basear na dedução lógica ou na experimentação. Temos quase certeza dos processos que realmente ocorreram quando se trata de palavras pan-indo-européias com evolução fonética regular e clara. As conjeturas são menos convincentes

quando se trata de *etimologia popular*, de *analogia* ou de *cruzamento*, ou ainda em algumas palavras de formação popular. A enorme massa de empréstimos ou palavras cultas, diretamente emprestadas do latim, do grego ou do francês e constituindo - pelo menos em número - a maior parte do vocabulário português, francês ou inglês, não apresenta problema algum de identificação.

Como exemplo, a matriz ou família **indo-européia**, que mostra o parentesco entre quase todas as línguas da Europa e outras faladas na Índia e no Irã, e que podemos representar pela *árvore* simplificada seguinte:



Ou :



Comparando as línguas aparentadas e reconstituindo o léxico da proto-língua, certos lingüistas pretendem evidenciar a área de origem ou ponto original de dispersão da família (a partir do pressuposto que o lar de origem mais provável é a área de diversidade linguística máxima) a partir da qual o proto-indo-europeu se disseminou e se diferenciou em numerosas línguas. O estudo científico das línguas, com a reconstituição de um vasto léxico, poderia dar assim mais informações sobre a história passada da humanidade e os seus modelos agrícolas e ecológicos que os próprios objetos arqueológicos. Desde pelo menos o século XVI, os "filólogos" do passado e os "lingüistas" de hoje admitem que as línguas que apresentam semelhanças no seu *vocabulário básico* (partes do corpo como "língua", "sangue", objetos naturais como "água", "sol" e "lua", atividades como "dormir", "comer", "ouvir", pronomes pessoais como "eu", tu"", etc.) e na sua gramática são geneticamente/historicamente aparentadas e que elas derivam de uma língua ancestral comum ou **proto-língua**, como o latim para as línguas românicas. Consideramos uma pequena lista de palavras básicas entre seis línguas faladas na Europa:

Português	**Castelhano**	**Francês**	**Italiano**	**Romeno**	**Sardo**
dente	diente	dent	dente	dinte	dente
orelha	oreja	oreille	orecchio	ureche	oricra
mão	mano	main	mano	mână	manu
homem	hombre	homme	uomo	om	òmine
água	agua	eau [o]	acqua	apă	abba
eu, me, mim	yo, mi	moi	io, me	eu	yo, mimmi
tu, te, ti	tu	toi, tu	tu, te	tu	tui, ti
dormir	dormir	dormir	dormire	dormi	dromì

As semelhanças entre as formas são evidentes e não parecem devidas ao acaso ou a empréstimos.

1.1. O que muda. Todas as linguas mudam com o tempo. Observando as mudanças a partir de textos, verifica-se que tudo pode mudar:
- a fonologia e a fonética: por exemplo, o latim ***clave** > português **chave**. No Brasil, algumas mudanças aconteceram recentemente, como o **l** final que se vocalizou em [u]: **jornal > jornau**.

- o lexical: palavras inteiramente novas podem aparecer. Por exemplo, o proto-indo-europeu tinha um termo para designar o cão, termo que deu ***cane** em latim e ***hund** em germânico. No entanto, 1.000 anos atrás, apareceu em inglês a palavra **docga** (**dog** em inglês moderno). De onde provém esta palavra **dog**? Ninguém sabe, como ninguém sabe de onde provém a palavra **perro**, que, em espanhol, eliminou quase de vez a forma latina **cán**. Frequentemente também, as formas ficam, mas mudam de sentido. Por exemplo, o latim ***moneta** *alcunha da deusa Juno* [< grego **mnêmosunê** *conselheira*] > português **moeda** (porque, no templo onde se venerava a deusa Juno, funcionava a prensa em que se cunhava as moedas romanas).
- a gramática: em português, perda das declinações latinas por erosão fonética e pelo uso generalizado de preposições, a ordem das palavras tornando-se rígida por causa da perda das marcas casuais latinas.

1.2. Tipos de mudança de sons. - As línguas tendem a mudar de maneira extraordinariamente similar. As mudanças mais comuns são:
1°) Abrandamento (= enfraquecimento dos sons). As mudanças acontecendo freqüentemente do som forte para o fraco. Exemplos de abrandamento: **p > b, t > d, k > g**. Assim, do latim ao português, uma oclusiva surda passou para uma oclusiva sonora (***lupu > lobo**, ***lacu > lago**, ***lutu > lodo**).
2°) Perda de consoantes ou de vogais: ***luna** (latim) **> lua**, ***malu > mau**, ***cal̲idu > caldo**, ***ver̲ecundia > vergonha**.
3°) Redução de grupos consonânticos.
5°) Adição de sons: consoante acrescentada (***ŭm(ĕ)ro > ombro**, ***memrar > nembrar > lembrar**, ***hibernu > inverno**), vogal acrescentada (**advérbio > adivérbio**, ***fea > feia**, ***tea > teia**) ou adição de som em começo de palavra (***stella > estrela**, ***schola > escola**).

1.3. Expressão das mudanças de sons. - Como escrever as regras? Por exemplo, em havaiano, onde o proto **t** muda para **k**, o proto **ŋ** para **n**, e o proto **k** para **ʔ**:

***tapu**	**>**	**kapu**	*proibido*
***taŋi**	**>**	**kani**	*chorar*
***pito**	**>**	**piko**	*umbigo*
***ŋutu**	**>**	**nuku**	*boca*
***aka**	**>**	**aʔa**	*raiz*
***paki**	**>**	**paʔi**	*bofetada*

As mudanças serão escritas: ***t > k**, ***ŋ > n**, ***k > ʔ**. E, às vezes, pode se determinar a ordem das mudanças. Aqui temos a seguinte ordem em duas mudanças: ***k > ʔ** seguida temporalmente por ***t > k**.

1.4. Método comparativo e leis fonéticas. - O *método comparativo* confronta as palavras básicas de duas ou mais línguas dadas, como no francês *fille*, *oreille*, *six, sept* e no português *filha*, *orelha*, *seis, sete*. Propõe-se então para cada uma dessas palavras a hipótese de que remontam a uma forma única que evoluiu. É aí que se faz intervirem as leis fonéticas, permitindo reconstruir as etapas sucessivas pelas quais passou a forma única (ou "étimo") para chegar às formas modernas (ou "atestadas", ou "reflexos"). Estabelece-se assim o *parentesco* que permite dizer que duas ou mais línguas desenvolveram-se a partir de uma mesma língua, a *proto-língua*. A família indo-européia, representada pela maior parte das línguas da Europa, forneceu à gramática comparativa a melhor matéria de pesquisa, com a possibilidade de verificar as formas reconstruídas graças a textos antigos conservados desde centenas e mesmo milhares de anos. O termo *lei fonética* designa o princípio de regularidade de uma mudança fonética dada. Foi empregado na segunda metade do século XIX pelos foneticistas neogramáticos, como Scherer, e em seguida generalizou-se. Para esses lingüístas, **as leis fonéticas são imutáveis e totalmente regulares**: o mesmo fonema, no memo contexto fonético, sofre na mesma língua e durante um certo período a mesma mudança em <u>todas</u> as palavras da língua em questão: se ***/p, t, k/** do latim passam a **/b, d, g/** em português, essa

mudança deve realizar-se em todas as palavras latinas conservadas em português em que **/p, t, k/** estiver em posição intervocálica, como em: ***lŭpo > lobo**, ***nătāre > nadar**, ***lăco > lago**. As únicas exceções admitidas eram variações em conformidade com outras leis, ou variações devidas a analogia ou a empréstimos. Uma das leis fonéticas mais conhecida é a que foi formulada por Grimm (1822) para explicar a mutação consonântica do germânico. Grimm notou que uma palavra que começa por [p] em sanscrito, latim ou grego começa por [f] nas línguas germânicas. Da mesma forma, palavras começando por [t] tem geralmente [θ] nas línguas germânicas. Por exemplo:

latim	**pater**	*inglês*	**father**	"pai"
	piscis		**fish**	"peixe"
	tres		**three** [θri]	"três"

Para ilustar o funcionamento do método, consideram-se as palavras do quadro seguinte:

*LATIM	PORTUGUÊS	CASTELHANO	FRANCÊS	ITALIANO
(1) ***mŏvet** ***pŏrta**	**move [ɔ]** **porta [ɔ]**	**mueve** **puerta**	**meut [Ø]** **porte**	**muove** **porta**
(2) ***famōsu**	**famoso [o]**	**amoso**	**fameux [Ø]**	**famoso**
(3) ***fŭrnu**	**forno [o]**	**horno**	**four [u]**	**forno**
(4) ***lūna**	**lua**	**luna**	**lune [y]**	**luna**

A língua latina possui um conjunto de vogais sensível à duração vocálica, com um jogo de vogais breves (**ă, ĕ, ĭ, ŏ, ŭ**) e um jogo de vogais longas (**ā, ē, ī, ō, ū**). No quadro acima, as palavras latinas compreendem em (1) um ***o** breve, em (2) um ***o** longo, em (3) um ***u** breve, e em (4) um ***u** longo. Dito isto, é possível registrar as seguintes **regras de correspondências** entre as vogais:

*LATIM	PORTUGUÊS	CASTELHANO	FRANCÊS	ITALIANO
(1) ***ŏ [sil. aberta]**	**ɔ**	**ue**	**ø**	**uo**
(1) ***ŏ [sil. fechada]**	**ɔ**	**ue**	**o**	**o**
(2) ***ō**	**o**	**o**	**ø**	**o**
(3) ***ŭ**	**o**	**o**	**u**	**o**
(4) ***ū**	**u**	**u**	**y**	**u**

VOCABULÁRIO BÁSICO INGLÊS-PORTUGUÊS

***I.Arc.** inglês arcaico [450-1100 d.C.] < ***PGmc** proto-germânico < ****PIE** proto-indo-europeu > ***L.Arc.** latim arcaico > ***L.** l. clássico

head < I.Arc. ***heafod** < PGmc ***khaubuthan** < PIE ****kauput-** > L. ***caput, capit-** > **cabeça**
beard < I.Arc. ***beard** < WGmc ***barthaz** < PIE ****bhar-dha** ? > L. ***barba** > **barba**
nose < I.Arc. ***nosu** < PGmc ***nusus** < PIE ****nas-** > L. ***nasus** > **nariz / nasal**
ear < I.Arc. ***eare** < PGmc ***auzon** < PIE ****aus-** > L. ***auris** > **orelha**
eye < I.Arc. ***eage** < PGmc ***augon** < PIE ****oqw** > L. ***oculus** > **olho**
knee < I.Arc. ***cneow** < PGmc ***knewan** < PIE ****g(e)neu-** > L. ***genu** > **joelho**
mouth < I.Arc. ***muÞ** < PGmc ***munthaz** < PIE ****mnto-s** > L. ***mentum** *queixo* > **mento** *queixo*, Fr. **menton**
lip < I.Arc. ***lippa** < PGmc ***lepjon** < PIE ****leb-** > L. ***labium** > **lábio**
tongue < I.Arc. ***tunge** < PGmc ***tungon** < PIE ****dughwa-** > L.Arc. ***dingua** > L. ***lingua** > **língua**
nail < I.Arc. ***negel** < PGmc ***naglaz** < PIE ****(o)nogh** > L. ***unguis** > **unha**
tooth < I.Arc. ***toð** < PGmc ***tanth / *tunth** < PIE ****dont- / ****dent-** > L. ***dente** > **dente**
foot < I.Arc. ***fot** < PGmc ***fot** < PIE ****pod / ****ped** > L. ***pes, ped-** > **pé**
arm < I.Arc. ***earm** < PGmc ***armaz** < PIE ****ar** > L. ***armus** *ombro* > **armila** *bracelete*
milk < I.Arc. ***meoluc** < PGmc ***meluk** < PIE ****melg** *ordenhar (to milk)* > L. ***mulgere** > **mungir** *ordenhar*
heart < I.Arc. ***heorte** < PGmc ***khertan** < PIE ****kerd** > L. ***cor, cord-** > **coração**
meat < I.Arc. ***mete** *comida* < PGmc ***matiz** < PIE ****mat / ****met** *medida* > L. ***metri** *medida* > **medir, i-menso**
corn < I.Arc. ***corn** *grão* < PGmc ***kurnam** < PIE ****ger** > L. ***granum** > **grão**
egg < I.Arc. ***aeg** < PGmc ***ajja** < ? PIE ****owyo / ****oyyo** > L. ***ovum** > **ovo**
fat < I.Arc. ***faet** < PGmc ***faitaz** < PIE ****poid** > L. ***pinguis** *gordura* > **pingo, pingue** *banha de porco*
name < I.Arc. ***nama** < PGmc ***namon** < PIE ****nomn** > L. ***nomen** > **nome**
father < I.Arc. ***faeder** < PGmc ***fader** < PIE ****pater** > L. ***pater** > **pai**
mother < I.Arc. ***modor** < PGmc ***mothaer** < PIE ****mater** > L. ***mater** > **mãe**

fish < I.Arc. ***fisc** < PGmc ***fiskaz** < PIE ****piskos** > L. ***pisces** > **peixe**
sun < I.Arc. ***sunne** < PGmc ***sunnon** < PIE ****s(u)wen / ****s(e)wol** > L. ***sol** > **sol**
light < I.Arc. ***leht** < PIE ****leuk** > L. ***lucere** > **luz, luzir**
star < I.Arc. ***steorra** < PGmc ***sterron** < PIE ****ster** > L. ***stella** > **estrela**
moon < I.Arc. ***mona** < PGmc ***maenon** < PIE ****me(n)ses** *lua, mês* > L. ***mensis** *mês* > **mês**
water < I.Arc. ***waeter** < PGmc ***watar** < PIE ****wed** (> **wodor / ****wedor / ****uder**) > L. ***unda** > **onda**
wind < I.Arc. ***wind** < PGmc ***wendas** < PIE ****we-nt-o** [**we** *soplar*] > L. ***ventus** > **vento**
sand < I.Arc. ***sand** < PGmc ***sanda** < PIE ****samatha** > L. ***sabulum** > **sabuloso** *areento*, Fr. **sable**
hill < I.Arc. ***hyll** < PGmc ***khulnis** < PIE ****kel** > L. ***collis** > **colina**
night < I.Arc. ***niht** < PGmc ***nakht** < PIE ****nok(w)t** > L. ***nox, nocte** > **noite**
warm < I.Arc. ***wearm** < PGmc ***warmaz** < PIE ****gwher** > L. ***formus** > **forno**
cold < I.Arc. ***cald** < PGmc ***kaldaz** < PIE ****gel / ****gol** > L. ***gelu** > **gelo**
new < I.Arc. ***niwe** < PGmc ***newjaz** < PIE ****newos** > L. ***novus** > **novo**
full < I.Arc. ***full** < PGmc ***fullaz** < PIE ****ple** > L. ***pleno** > **cheio**
well < I.Arc. ***wel** < PIE ****wel / ****wol** > L. ***velle** *querer* > **vontade, voluntário, benévolo**
long < I.Arc. ***lang** < PGmc ***langgaz** < PIE ****dlonghos** > L. ***longus** > **longo**
far < I.Arc. ***feorr** < PGmc ***ferro** < PIE ****per** *através* > L. ***per** *através* > **por**
black < I.Arc. ***blaec** < PGmc ***blakaz** *queimado* < PIE ****bhleg** > L. ***flaga-re** *queimar* > **chama, inflamar, conflagração**
red < I.Arc. ***read** < PGmc ***rauthaz** < PIE ****reudh** > L. ***ruber, rufus** > **ruivo, rubro, roxo**
eat < I.Arc. ***etan** < PGmc ***etanan** < PIE ****ed** > L. ***edere** > **com-er**
food < I.Arc. ***foda** < PGmc ***fodon** < PIE ****pa / ****pi** > L. ***pabulum** *comida*, **panis** *pão*, **pastor** > **pão, pastor**
bite < I.Arc. ***bitan** < PGmc ***bitan** < PIE ****bheid** > L. ***findere, fisura** > **fender, fenda, fissura**
listen < I.Arc. ***hlysnan** < PGmc ***khlusinon** < PIE ****kleu** > L. ***cluere** *ser chamado* > **claro** *próprio para chamar*
know < I.Arc. ***cnawan** < PGmc ***knoeanan** < PIE ****gno** > L. ***gnoscere** > **conhecer**
mind < I.Arc. ***gemynd** < PGmc ***ga-menthijan** < PIE ****men** > L. ***mens, ment-** > **mente**
beat < I.Arc. ***beatan** < PGmc ***bautan** < PIE ****bhau** ? > L. ***battuere** > **bater**
come < I.Arc. ***cuman** < PGmc ***kwem** < PIE ****gwem** > L. ***venire** > **vir**
give < I.Arc. ***giefan** < PGmc ***gebanan** < PIE ****ghabh** *pegar, dar* > L. ***habere** > **haver**
blow < I.Arc. ***blawan** < PGmc ***blae-anan** < PIE ****bhle** > L. ***flare** > **soprar, flauta, inchar**
lie < I.Arc. ***licgan** < PGmc ***legjanan** < PIE ****legh-** > L. ***lectus** ***cama*** > **leito**
sit < I.Arc. ***sittan** < PGmc ***setjanan** < PIE ****sed** > L. ***sedere** > **sentar, ser**
stand < I.Arc. ***standan** < PGmc ***sta-n-d-** < PIE ****sta** > L. ***stare** > **estar**
I < I.Arc. ***ic** < PGmc ***ekan** < PIE ****ego** > L. ***ego** > **eu**
me < I.Arc. ***me** < PGmc ***mes** < PIE ****me** > L. ***me** > **me**
thou < I.Arc. ***Þu** < PGmc ***thu** < PIE ****tu** > L. ***tu** > **tu**
us < I.Arc. ***us** < PIE ****ns** > L. ***nos** > **nos**
no < I.Arc. ***ne** < PIE ****ne** > L. ***non** > **não**
one < I.Arc. ***an** < PGmc ***ainaz** < PIE ****oinos** > L. ***unus** > **um**
two < PGmc ***twai** < PIE ****duwo** > L. ***duo** > **dois, duas**
three < PGmc ***thrijiz** < PIE ****trejes** > L. ***tres** > **tres**

EMPRÉSTIMOS: FRANCÊS / LATIM > INGLÊS (séc. XI-XV, milhares de palavras)

Fr. francês , **Fr.Arc.** francês arcaico [900-1400], **L.V.** latim vulgar

face (séc. XIII) < F.Arc. ***face** < L.
muscle (1.530) < L. ***musculus** *ratinho*
abdomen (1.540) < L ***abdomen**
intestine (1.597) < L ***intestina**
stomach (1.300) < F.Arc. ***estomac** < L.
vein (1.300) < F.Arc. ***veine** < L.
skeleton (1.578) < L. ***sceleton** < Grego
flower (1.200) < F.Arc. ***flor** < L < PIE ****bhlo** *florescer*
fruit (séc. XII) < F.Arc. ***fruit** < L.
grease (séc. XIII) < F.Arc. ***graisse** < L.
people (1.275) < F.Arc. ***peupel** < L. [em competição desigual com a palavra germânica **folk**]
male (1.373) < F.Arc. ***masle** < L. ***masculus**
female (séc. XIV) < F.Arc. ***femelle** < L .
trunk (1.462) < F.Arc. ***tronc** < L.
river (1.300) < F.Arc. ***riviere** < L [destruindo a palavra germânica **ea** *rio*]
air (1.300) < F.Arc. ***air** < L. < Grego

rock < L.V. ***rocca**
forest (1.690) < F.Arc. ***forest**
village (séc. XIV) < F.Arc. ***village** < L.
country (séc. XIII) < F.Arc. ***cuntree** < L.V.
soil (1.300) < F.Arc. ***soil** < L. ***solum**
mountain (1.200) < F.Arc. ***montaigne** < L.
large (séc. XIII) < F.Arc. ***large** < L.
humid (1.412) < F.Arc. ***humide** < L. ***humus** *terra*
blue (1.300) < F.Arc. ***blo** < Gmc < PIE ****bhle** (cf. L. ***flavus** *amarelo*)
vomit (séc. XIV) < L. ***vomitare**
afraid (séc. XIV) < F.Arc. ***esfreer**
stop < L.V. ***stuppare** *colocar estofa, estofear*

EMPRÉSTIMOS : LATIM > LÍNGUAS GERMÂNICAS (900-100 a.C., 500 palavras)

chest < I.Arc. ***cest** < PGmc. ***kista** < L. ***cista** < Grego ***kiste** *caixa*
street < I.Arc. ***straet** < L. ***(via) strata**
cap < I.Arc. ***caeppe** < L. ***cappa**
cheese < I.Arc. ***cese** < L. ***caseus**
kitchen < I.Arc. ***cycene** < L. ***coquina, cocina**
cup < I.Arc. ***cuppe** < L. ***cuppa**
plant < I.Arc. ***plante** < L. ***planta**
plum < I.Arc. ***plume** < L. ***prunum**
sack < I.Arc. ***sacc** < L. ***saccus**
school < I.Arc. ***scol** < L. ***sc(h)ola**
wall < I.Arc. ***weall** < L. ***vallum**
wine < I.Arc. ***win** < L. ***vinum**

1.5. Classificação: método léxico-estatístico. - Quando as línguas são parentes e representam formas progressivamente divergentes, as diferenças são cada vez menores à medida que se recua no tempo. Quanto mais tempo separa os membros de uma mesma família lingüística do ancestro comum, tanto mais diferenciações lexicais entre elas. Daí, a idéia de classificar as línguas parentes a partir da percentagem de **retenções lexicais** partilhadas: é o **método léxico-estatístico**. Aplica-se esse método a setores da linguagem onde se pode evitar ao máximo a inclusão de empréstimos: o vocabulário básico (partes do corpo, pronomes pessoais, etc.). Vamos exemplificar o método léxico-estatístico com 9 línguas neolatinas. Os quadros que seguem dão uma lista de 100 palavras básicas, comparadas com o latim clássico:

Português	Castellano	Francês	Italiano	Romeno	*Latim
1. cabeça	cabeza	tête	testa, capo	cap	*capite, *testa
2. cabelo	cabello	cheveu	capello	păr	*capillu, *pilu
3. orelha	oreja	oreille	orecchio	ureche	*auricula
4. olho	ojo	œil	occhio	ochi	*oculu
5. nariz	nariz	nez	naso	nas	*nasu, *naris
6. boca	boca	bouche	bocca	gură	*bucca, *gula
7. dente	diente	dent	dente	dinte	*dente
8. língua	lengua	langue	lingua	limbă	*lingua
9. unha	uña	ongle	unghia	unghie	*ungula
10. pé	pie	pied	piede	picior	*pede
11. joelho	rodilla	genou	ginocchio	genunchi	*genuculu
12. mão	mano	main	mano	mână	*manu
13. barriga	vientre, barriga	ventre	pancia,ventre	burtă, pântec	*venter,*pantice,*barrica
14. pescoço	cuello	cou	collo	gât	*collu
15. peito	pecho	poitrine	petto	piept	*pectu(rina)
16. coração	corazón	cœur	cuore	inimă	*cor
17. fígado	hígado	foie	fegato	ficat	*ficatu
18. osso	hueso	os	osso	os	*ossu

19. sangue		sangre	sang	sangue	sânge	*sanguen
20. carne		carne	viande, chair	carne	carne	*carne
21. pele		piel	peau	pelle	piele	*pelle
22. raiz		raíz	racine	radice	radacina	*radicina
23. folha		hoja	feuille	foglia	frunza	*folia
24. semente, grão		semilla	graine	semente,grano	sământă	*sementia, *granu
25. ovo		huevo	œuf	uovo	ou	*ovu
26. chifre, corno		cuerno	corne	corno	corn	*cornu
27. pena		pluma	plume	penna, piuma	pană	*penna, *pluma
28. cauda		cola	queue	coda	coadă	*coda
29. gordura		grasa	graisse	grasso	grăsime	*crassia, *gordu
30. nome		nombre	nom	nome	nume	*nomen
31. homem		hombre	homme	uomo	bărbat, om	*homine
32. mulher		mujer	femme	donna	femeie	*femina, *muliere,*domina
33. gente, pessoa		gente, persona	gens,personne	gente, persona	persoană, ?	*gente, *persona
34. peixe		pescado	poisson	pesce	peste	*pisce
35. pássaro, ave		pájaro	oiseau	uccello	pasăre	*aucellus,*passere, *ave
36. cão		perro	chien	cane	câine	*cane
37. piolho		piojo	pou	pidocchio	păduche	*peduculu
38. árvore		árbol	arbre	albero	arbore	*arbore
39. sol		sol	soleil	sole	soare	*sol(iculu)
40. lua		luna	lune	luna	lună	*luna
41. estrela		estrella	étoile	stella	stea	*stella
42. água		agua	eau	acqua	apă	*aqua
43. chuva		lluvia	pluie	pioggia	ploaie	*ploia, *pluvia
44. pedra		piedra	pierre	pietra	piatră	*petra
45. areia		arena	sable	sabbia	nisip	*arena, *sabulu
46. terra		tierra	terre	terra	pământ	*terra
47. nuvem		nube	nuage	nuvola	nor	*nube
48. fumaça		humo	fumée	fumo	fum	*fumare
49. fogo		fuego	feu	fuoco	foc	*focu
50. cinzas		ceniza	cendre	ceneri	cenusă	*cinere
51. caminho		camino	chemin	sentiero,cammino	cărare,potecă	*camminu (céltico), *semita
52. montanha		montaña	montagne	montagna	munte	*montanea
53. noite		noche	nuit	notte	noapte	*nocte
54. grande		grande	grand	grande	mare	*grande, *magnu
55. pequeno		pequeño	petit	piccolo	mic	*pittittu, pit/cinnu
56.comprido,longo		largo	long	lungo	lung	*longu
57. vermelho		rojo	rouge	rosso	rosu	*rubeu, *vermiculu
58. verde		verde	vert	verde	verde	*viride
59. amarelo		amarillo	jaune	giallo	galben	*galbinu
60. branco		blanco	blanc	bianco	alb	*albu, *blank (fr)
61. preto		negro	noir	nero	negru	*niger
62. quente		caliente	chaud	caldo	cald	*calidu
63. frio		frio	froid	freddo	frig	*frigidu
64. cheio		lleno	plein	pieno	plin	*plenu
65. novo		nuevo	nouveau, neuf	nuovo	nou	*novu
66. bom		bueno	bon	buono	bun	*bonu
67. redondo		redondo	rond	rotondo	rotund	*re/otundu
68. seco		seco	sec	secco	uscat ; sec	*siccu
69. beber		beber	boire	bere	bea	*bibere
70. comer		comer	manger	mangiare	mânca	*manducare, *comedere
71. morder		morder	mordre	mordere	înhăpa,musca	*mordere
72. ver		ver	voir	vedere	(a) vedea	*videre
73. escutar		escuchar	écouter	ascoltare	auzi, asculta	*ascultare
74. saber		saber	savoir	sapere	sti	*sapere
75. dormir		dormir	dormir	dormire	dormi	*dormire

76. morrer	morir	mourir	morire	muri	*morire
77. matar	matar	tuer	uccidere	ucide	*occidere
78. nadar	nadar	nager	nuotare	înota	*navigare
79. voar	volar	voler	volare	zbura	*volare
80. andar, ir	andar, ir	marcher, aller	andare, ire	duce	*ambul/itare, *ire
81. vir	venir	venir	venire	veni	*venire
82. deitado	acostado	couché	giacere, sdraiato	sta întins, zăcea, consta	*jacere
83. sentado	sentado	assis	seduto	(a) sedea	*(as)sedere
84. de pé	de pie	debout	in piedi	sta în picioare	
85. dar, doar	dar	donner	dare, donare	(a) oferi, da	*donare
86. dizer	decir	dire	dire	(a) zice	*dicere
87. queimar	quemar,arder	brûler	bruciare	(a) arde	*ardere, *cremare
88. eu, me	yo, mi	je, moi	io, me	eu	*ego, *me
89. tu, te, você	tu, usted	toi, tu	tu, te	tu	*tu, *te
90. nós	nosotros	nous	noi	noi	*nos
91. este	este	ce(t)	questo	acesta	*ecce iste
92. aquele	aquel	ce…la, celui	quello	acel	*ecce ille
93. quem	quién	qui	chi	cine	*qui
94. quê	qué	quoi	que, que cosa	ce, care	*quid
95. não	no	non, ne	non, no	nu	*non
96. tudo	todo(s)	tout	tutto	toti	*tottus
97. muito	mucho	beaucoup	molto	mult	*multu
98. um	uno	un	uno	unu	*unu
99. dois	dos	deux	due	doi	*duo
100. três	tres	trois	tre	trei	*tres

Português	Catalão	Occitano	Piemontês	Logudorês	*Latim
1. cabeça	cap, testa	cap, tèsta	testa	conca	*capite, *testa
2. cabelo	cabell, (pel)	pèl, cabel	cavèj	pilu	*capillu, *pilu
3. orelha	orella	aurelha	orija	oricra	*auricula
4. olho	ull	uelh	öji	ocru	*oculu
5. nariz	nas	nas	nas	nare	*nasu, *naris
6. boca	boca	gola, bouco	boca	bucca	*bucca, *gula
7. dente	dent	dent	dent	dente	*dente
8. língua	llengua	lenga	lenga	limba	*lingua
9. unha	ungla	ongla	ongia	ungra	*ungula
10. pé	peu	pè	pè	pee	*pede
11. joelho	genoll	genolh	ginòj	ghenugru	*genuculu
12. mão	mà	man	man	manu	*manu
13. barriga	ventre	pança, ventre	pansa	matza,(barriga)	*venter,*pantice,*barriculu
14. pescoço	coll	còl	còl	tzugru	*collum
15. peito	pit	pitre		pettus	*pectu(rina)
16. coração	cor	còr	cheur	coro	*cor
17. fígado	fetge	fetge	fidish	figau	*ficatu
18. osso	(h)os	òs	oss (Lomb)	ossu	*ossu
19. sangue	sang	sang		sàmbene	*sanguen
20. carne	carn	charn, carn	carn	carre, petta	*carne
21. pele	pell	pèl		peddi	*pelle
22. raiz	arrel, rel	racina, rasic		rèxini	*radicina
23. folha	fulla	fuèlha		folla	*folia
24.semente, grão	sement,grana	grana	grana	sèmini	*sementia, *granu
25. ovo	ou	uòu	euv	obu	*ovu
26. chifre	corn	bana	còrn	corru	*cornu
27. pena	ploma	pluma			*penna, *pluma
28. cauda	cua	coa	cua	coda	*coda
29. gordura	greix	graissa	grass	sagginu	*crassia, *gordu
30. nome	nom	nom			*nomen

31. homem		home	òme	òm	òmine	*homine
32. mulher		dona	frema, femna	fomna	fèmina	*femina, *muliere, *domina
33.gente,pessoa		gent, persona	mond, persona		genti	*gente, *persona
34. peixe		peix	peisson	pess	pische	*pisce
35.pássaro,ave		ocell	aucèl	osel	ave	*aucellus, *passere
36. cão		gos, ca	chan, gos	can	perru	*cane
37. piolho		poll	pesolh	pedoce(Lomb)		*peduculu
38. árvore		arbre	arbre, aubre	alber	àrbore	*arbore
39. sol		sol	solelh	sol	sole	*sol(iculu)
40. lua		lluna	luna	luna	luna	*luna
41. estrela		estel	estela	stèila	isteddu	*stella
42. água		aigua	aiga	eva	abba	*aqua
43. chuva		pluja	pluèja	pieuva	abba	*ploia, *pluvia
44. pedra		pedra	pèire	pera	perda	*petra
45. areia		sorra, arena	sabla	sabia	arena	*arena, *sabulu
46. terra		terra	tèrra	tèra	terra	*terra
47. nuvem		núvol	nivol	nìvola	nue	*nube
48. fumaça		fum	fum		fumu	*fumare
49. fogo		foc	fòc, fuòc	feu	fogu	*focu
50. cinzas		cendra	cendre		cinus	*cinere
51. caminho		camí	camin, dralha		mori, pareda, bia	*camminu [< céltico],*semita
52. montanha		muntanya	montanha	montagna	monte	*montanea
53. noite		nit	nuèch	nòcc	notte	*nocte
54. grande		gran	bèl (bèla)	grand	mannu, grussu	*grande, *magnu
55. pequeno		petit	pichon,petit,pichòt	picinì	pitticcu	*pittittu, pit/cinnu
56. comprido		llarg	long	longh	longu	*longu
57. vermelho		vermell, roig	ros	ross	ruju	*rubeu, *vermiculu
58. verde		verd	verd	verd	birde	*viride
59. amarelo		groc	jaune	giàun	grogu	*galbinu
60. branco		blanc	blanc(h)	bianch	arbu	*albu, *blank [<franco]
61. preto		negre	nièr, negre	nèir	nieddu	*niger
62. quente		calent, cald	caud	càud	caente	*calidu
63. frio		fred	freid, freg	frèid	fridu	*frigidu
64. cheio		ple	plen		prenu	*plenu
65. novo		nou	nòu		nou	*novu
66. bom		bo	bòn	bon	bonu	*bonu
67. redondo		redó	redond		retundu	*re/otundu
68. seco		sec	sec		siccu	*siccu
69. beber		beure	beure	bèive	bìbere	*bibere
70. comer		menjar	minjar, manjar	mangé	pappai	*manducare, *comedere
71. morder		mossegar	mossegar,mordre	abucà	mussiai	*mordere
72. ver		veure, mirar	veire		biri	*videre
73. escutar		escoltar	escotar	scoté	ascultare	*ascultare
74. saber		saber	saupre, saber		sciri	*sapere
75. dormir		dormir	durmir	deurme	dromì	*dormire
76. morrer		morir	morir		morri	*morire
77. matar		matar	matar/masar,tuar	massé	occiri	*occidere
78. nadar		nedar	nadar		annadai	*navigare
79. voar		volar	volar		volai	*volare
80. andar, ir		anar, caminar	anar	andé	andare	*ambul/itare, *ire
81. vir		venir	venir	vègnèr		*venire
82. deitado		jeure, gitar-se	jaire, colcar, ajaçar			*jacere
83. sentado		sentar, seure	sèire, assetar		traseri	*(as)sedere
84. de pé		dret, dempeus	dreit			
85. dar, doar		donar	donar	dé	donai	*donare
86. dizer		dir	dire	parlé	narai	*dicere
87. queimar		cremar, bleir	cremar	brusà (Lomb)	abburare	*ardere, *cremare
88. eu, me		jo, me	iu, ieu	mi	yo (?), mimmi	*ego, *me

89. tu, te, você	tu	tu	te	tui, ti	*tu, *te
90. nós	nosaltres	nosautri		nosatrus	*nos
91. este	aquest	aqueste	quest (Lomb)	custu	*ecce iste
92. aquele	aqueix	aquel	chiel	cuddu,cussu,issu	*ecce ille
93. quem	qui	qui	chi		*qui
94. quê	què	qué			*quid
95. não	no	no(n), pas	no	no	*non
96. tudo	tot	tot		tottu	*tottus
97. muito	molts	plan	tant	paricius	*multu
98. um	nn	un		unu	*unu
99. dois	dos	dos	doi	dusi	*duo
100. três	tres	tres		tres	*tres

O quadro seguinte apresenta as percentagens de cognatos para essas nove línguas românicas:

Castelhano	Francês	Italiano	Romeno	Catalão	Occitano	Piemontês	Logudorês	
88%	**65,5%**	**80%**	**71%**	**79%**	**74%**	**75%**	**65%**	Português
	70,5%	**84,5%**	**72,5%**	**82,5%**	**77,5%**	**80%**	**70%**	Castelhano
		79%	**66%**	**80,5%**	**81%**	**82,5%**	**63,5%**	Francês
			80%	**86%**	**87,5%**	**90%**	**72%**	Italiano
				72%	**76%**	**75%**	**65,5%**	Romeno
					88,5%	**87%**	**70%**	Catalão
						91,5%	**69%**	Occitano
							69%	Piemontês

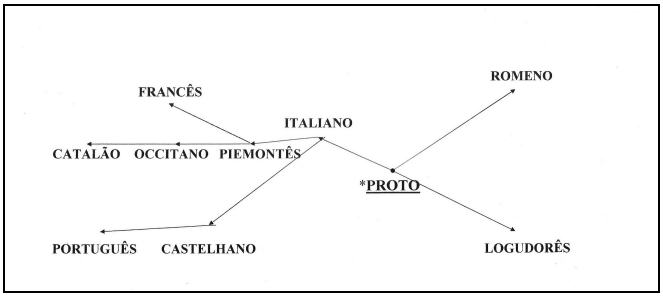
Como se vê, várias dessas línguas têm uma percentagem de cognatos em comum muito elevada. Por exemplo, as formas muito parecidas entre o piemontês e o occitano são 91,5%. Olhando para as mais altas percentagens, obtemos os cinco seguintes subgrupos (mais de 86% de comum):

Subgrupo I francês **Subgrupo II** italiano + catalão + occitano + piemontês
Subgrupo III português + castelhano **Subgrupo IV** romeno **Subgrupo V** logudorês (sardo)

Podemos então calcular as percentagens em comum dos subgrupos evidenciados, fazendo a média. Por exemplo: **I & II = (Francês & Ita + Francês & Cata + Francês & Occ + Francês & Piem) / 4**, obtendo assim o novo quadro:

Francês	Ita/Cata/Occ/Piem	Romeno	Logudorês	
68%	**79%**	**71,75%**	**67,5%**	Port/Cast
	80,75%	**66%**	**63,5%**	Francês
		75,75%	**70%**	Ita/Cata/Occ/Piem
			65,5%	Romeno

Os subgrupos sucessivamente evidenciados permitem uma classificação dessas nove línguas sob forma de uma árvore ou de outra representação adequada. No caso que apresentamos aqui, parece-nos que uma arborescência capturaria mal as relações entre esses nove falares, alguns deles aparecendo em *contínuo dialetal*: por exemplo, os falares "italiano", "catalão", "occitano" e "piemontês", que formam uma seqüência com uma continuidade de ponto em ponto no continuum: **Cata ↔ Occ ↔ Piem ↔ Ita**. Por essa razão, a seguinte representação parece-nos mais adequada:



E esta classificação das línguas românicas corresponde muito bem ao que outros tentaram fazer com outros métodos como, por exemplo, o romanista F.B. Agard com o estudo das alterações fonológicas! E é justamente com este método (percentagem de retenção lexical no vocabulário básico, na base da semelhança entre palavras de diversas línguas: sanscrito, latim, grego, etc.) que William Jones descobriu o indo-europeu em 1786!

OBSERVAÇÕES

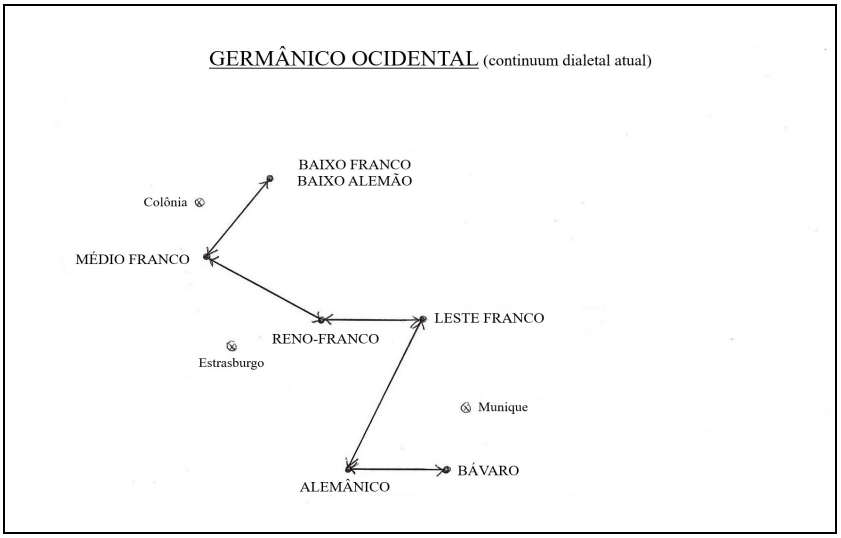
1) O método apresentado (percentagem de inovação lexical) pode ser melhorado levando em conta a erosão linguística e "incorporando" dentro dele as percentagens de inovação fonológica ("léxico-fono-estatístico"), i.e. em vez de dar a cada par de palavras o valor **1** ou **0**, podemos dar os seguintes valores: **1** similaridade (fonológica) total ─ **0,75** grande similaridade ─ **0,50** similaridade média ─ **0,25** similaridade mínima ─ **0** nenhuma similaridade.

2) Não confundir o método apresentado, ou **método léxico-estatístico**, baseado na percentagem de retenção lexical com a **glotocronologia**, que é uma técnica de datação utilizada para estabelecer a época em que os grupos e as línguas aparentadas se separaram.

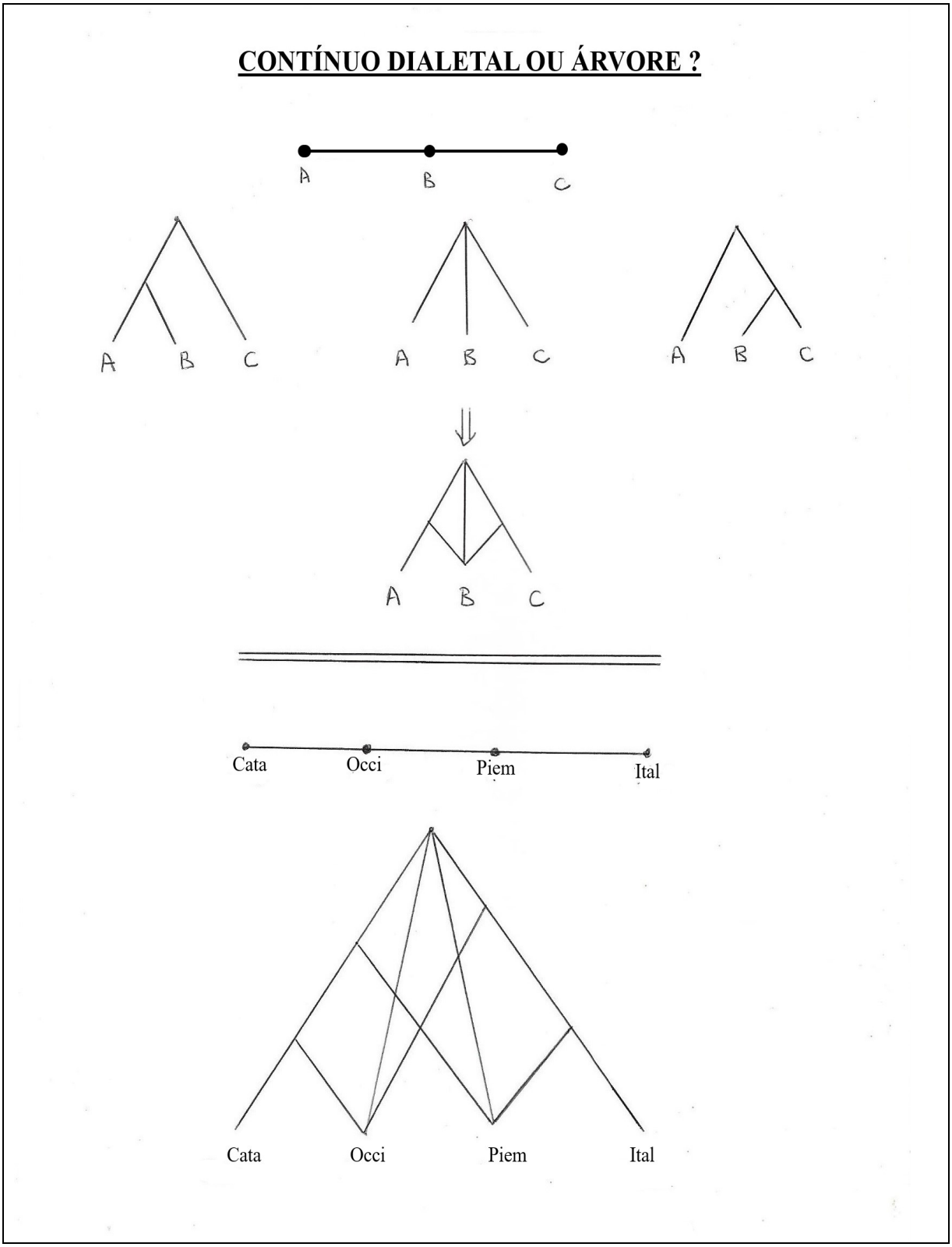
3) Outro método de classificação de uma família de línguas baseia-se na procura da ordem das mudanças de sons, o que é quase impossível quando não há registro escrito das etapas anteriores (como no caso das famílias americanas). De fato, esse método exigiria:
- o conhecimento da ordem das mudanças;
- e a escolha de proto-sons para saber onde estão os grupos inovadores, o que, na prática, é feito de forma subjetiva: as correspondências fônicas **não dão** os proto-fonemas de forma automática, mas exigem a introdução de dedução a partir de considerações fonéticas.

4) As línguas, em vez de divergir, podem convergir. É o problema do *contínuo dialetal*:
> Frequentemente, as relações linguísticas entre dialetos da mesma língua não são traduzíveis em árvores. Isso é uma consequência do fato que essas variedades dialetais são mutuamente inteligíveis e geograficamente próximas, o que favorece a interação entre elas, conforme as circunstâncias políticas e sociais" (Hock, p. 450)

Exemplo de contínuo dialetal com o germânico ocidental :



Como visualizar os contínuos dialetais:



1.6. Cuidado com o boto! - Muitos linguistas, especialmente no século XX(I), que se especializaram na reconstrução do vocabulário do proto-indo-europeu e no estabelecimento das correspondências fonéticas que ligam as palavras, misturam **classificação** e **reconstrução**. Como já salientamos, nenhum linguista descobriu a família indo-européia: foi

William Jones que a descobriu e a entregou todo pronta e já dividida em 5 ou 6 ramos. Os indo-europeanistas do século XIX nunca pensaram nem um instante que as reconstruções ou as correspondências que faziam tivessem algo a ver com uma "prova" do indo-europeu:

> Foi provado por Bopp e outros que as línguas ditas indo-européias são aparentadas. A prova foi fornecida pela justaposição de palavras e de formas de sentidos semelhantes. Quando se considera, nessas línguas, a formação das formas flexionais do verbo, do nome e do pronome, a hipótese de uma concordância acidental só pode parecer absurda (B. Delbrück).

Esses linguistas do séc. XX não entendem que a classificação precede e é apenas reforçada pelas regras de correspondência de sons. Não querem enxergar que a reconstrução só tem sentido depois de ter chegado à classificação de uma série de línguas. Essas idéias extravagantes são o atributo exclusivo dos indo-europeanistas do século XX, que promulgaram um monte de exigências para ligar uma língua a outra, exigindo uma comparação minuciosa e sistemática que levará à reconstrução da língua mãe e à descoberta das leis fonéticas que formaram as línguas filhas. Se um biólogo exigir uma reconstrução completa do proto-mamífero, com uma explicação completa de como essa criatura evoluiu em cada espécie de mamífero conhecido, antes de admitir o fato que os golfinhos são aparentados aos gatos e aos ratos, seus colegas iam crer que é brincadeira!!! No entanto, é esse tipo de loucura furiosa que os indo-europeanistas ensinam nas universidades desde tanto tempo que a maioria dos linguistas nem sequer têm conciência de sua natureza mítica. E essa mentalidade é desastrosa quando não se dispõe de dados amplos. Hoje, quase nenhum livro de linguística histórica diz sequer uma palavra sobre a maneira de como se descobre as famílias de línguas: a classificação é pura e simplesmente deixada de lado, e ninguém tem a menor idéia da diferença fundamental entre classificação e reconstrução, termos que acabam sendo pensados como sinônimos. Em resumo, confundiu-se a reconstrução, que é na realidade a segunda etapa da linguistica histórica, com a primeira etapa, que é a classificação. No mundo real, os pesquisadores que realizam classificações devem trabalhar com o que eles têm. E na América do Sul, o que eles têm é pouco porque estamos sem arquivos escritos e, portanto, em grande desvantagem com o indo-europeu, o que exige do pesquidador um verdadeiro esforço heróico de detetive.

1.7. As exceções às leis fonéticas. - Como já vimos, no espírito dos neogramáticos do século XIX, as leis fonéticas não comportariam exceções. Em uma das mais ambiciosas reconstruções jamais efetuada, o lingüista alemã Schleicher (séc. XIX) reconstruiu uma fábula em proto-indo-europeu, língua falada 2500 a.C.! Uma versão dessa fábula seria a seguinte:

<u>O carneiro e os cavalos</u>

***Gwerei owis, kwesyo wlhna ne est, ekwons espeket, oinom ghe gwrum woghom**
morro-sobre ovelha cuja lã não existe cavalos viu uma pesada carga
Sobre um morro uma ovelha que não tinha lã viu alguns cavalos, um puxando uma carga pesada,

***weghontm, oinom-kwe megam bhorom, oinom-kwe ghmenm oku bherontm.**
puxando um-também grande fardo um-também homem rápido carregando
outro agüentando um grande fardo e outro carregando um homem com rapidez.

***Owis nu ekwo-mos ewewkwet: "ker aghnutoi moi ekwons agontm nerm widentei".**
ovelha agora cavalos-a disse coração dói me cavalos dirigindo homem vendo
A ovelha disse aos cavalos: "dói-me o coração vendo o homem dirigindo cavalos ".

***Ek'wos tu ewewkwont: "khudhi, owei, ker ghe aghnutoi nsmei widntmos ner, potis,**
cavalos então disseram escuta ovelha coração dói nos vendo homem dono
Então os cavalos disseram: "escuta, ovelha, dói-nos o coração quando vemos como o homem, o dono,

***owiom r wlhnam sebhi gwermom westrom kwrneuti. Negui owiom wlhna esti".**
ovelha lã ele mesmo quente roupa transforma e-não da-ovelha lã está
transforma a lã da ovelha em roupa quente para ele. E a ovelha não tem lã".

***Tod kekluwos owis agrom ebhuget.**
isso ouvindo ovelha planície fugiu
Ouvindo isso, a ovelha fugiu para a planície.

Muitas formas reconstruídas parecem-se com o latim (**ovis** *carneiro*, **equus** *cavalo*) ou o grego (**mega** *muito grande*, **aner** *homem*), esssas línguas sendo mais próximas do proto-indo-europeu. Mas, em nossos dias, não se crê tanto quanto no século XIX na universalidade e na imutabilidade das leis fonéticas. Na realidade, os mecanismos e as causas das mudanças fonéticas são extremamente complexas, e o resultado é frequentemente mais confuso que a hipótese de uma regularidade completa o queria. Certos mecanismos, como as *mudanças esporádicas*, que já eram conhecidas em 1870, não são regulares e só afetam algumas palavras. E outros mecanismos, que preservam na maioria dos casos uma semelhança entre palavras aparentadas, acabam perturbando essas correspondências regulares, **cuja percentagem de regularidade só pode logicamente decrescer quando se ascende no tempo**. Como exemplo de irregularidade: ***alto** (latim) > **alto** em português, mas **haut** em francês, com a consoante **h**, totalmente inexplicável pelas simples leis fonéticas. O estudante conhece bem a queda, do latim ao português, das consoantes **d / l / n**:

***gradu > grau** ***pede > pee > pé**
***colore > coor > cor** ***filu > fio**
***luna > lua** ***moneta > moeda**

No entanto, ***una > uma**, ou seja, ***n > m** só nesta palavra! E temos ***vena > vea > veia**, o que é "normal", mas ***vela > vela**, o que é "anormal": esforço consciente para diferençar as duas palavras? Enquanto temos ***fidare > fiar** (confiar) e ***filare > fiar** (fiar o algodão), sem que nenhum "esforço" foi feito para desfazer a homonimia!

ALGUMAS MUDANÇAS ESPORÁDICAS

• Metátese (interversão de sons, totalmente imprevisível): ***geolho > joelho, *pigritia > pegriça > preguiça, *alemosina > esmolna > esmola**, etc. Da mesma forma ***waps** (inglês arcaico) **> wasp** *vespa*, ***brid > bird** *ave*, etc.

• Aférese (perda de vogal inicial, totalmente imprevisível): ***apotheca > bodega, *inamorare > namorar** (ou empréstimo do espanhol, ninguém sabe)**, *horologiu > relógio** (dizer que **ho** permaneceu em francês não resolve nada, porque não há regularidade), etc.

• Assimilação (um som influência outro): ***novacula > navalha, *parabola > paravra > palavra**, etc., sem esquecer o famoso ***hac nocte** *nesta noite* **> a nocte > a õite > oonte > onte > ontem** (sem os arquivos, duvido que o melhor linguista do mundo teria descoberto a origem da palavra "ontem"!).

• Dissimilação (um som se afasta de outro): ***memorare > nembrar > lembrar, *locusta > lagosta, *rotundu > redondo** (já em latim vulgar), etc.

• Confusão de prefixos: ***as- > es-** em ***abscondit > asconde > esconde, *auscultare > ascuitar > escutar**, etc., mas ***sperare > asperar** (em português arcaico, por analogia com aspirar?). Outros exemplos: ***anguila > anguia > enguia, *imparare > amparar, *intum > então, *exsugere > enxugar, *examen > enxame, *asciatu > enxada, *exagiu > ensaio** (ou empréstimo do espanhol?).

• Contaminação (cruzamento lexical): ***admanescere > amanhecer** (**nh** por influência de **manhã < * maneana**), ***reposita > resposta** (**s** por influência de **responder < *respondere**), ***sic > sim** (nasalidade por influência de **não < *non**), ***puppe > popa** (**a** por influência de **proa < *prora**, por causa da expressão "de popa a proa"), **camion** (francês) **> camião > caminhão** (por influência de **caminho**), ***alas > aas > asas** (sem explicação!), ***sanare > saar > sar > sarar** (sem explicação!)), ***litania > ladainha** (por influência de **ladino < *latinu**), etc. O *cruzamento lexical*, que associa duas palavras e produz como resultado, por contaminação, uma terceira forma é muito comum: ***(e)stella**, por influência de **astro**, deu **estrela**; ***veruculum** *ferrolho*, diminutivo de **veru** *espeto*, por influência de **ferrum**, deu **ferrolho**; **foresta**, sob a ação de **flor**, deu **floresta**; etc.

• **a** protético: ***remittere > remeter > arremeter, *nanam > anã, *monstrare > mostrar > amostrar, *minatiare > meaçar > ameaçar, *memorare > lembrar > alembrar**, os últimos exemplos por influência do prefixo latino **ad-** ou do artigo árabe **al**, como em ***ad-oculare > aolhar > olhar**.

• Divisão errônea: **Sant-Iago > Tiago, *pruna damascea > pruna d-amacea > ameixa**, etc.

Algumas importantes fontes de irregularidade foram apresentadas. Outras mudanças importantes, como o empréstimo (cf. 1.9), podem também perturbar uma forma lingüística. Por exemplo, o processo de **analogia** simplifica e regulariza os paradigmas gramaticais. Daremos um exemplo: observando palavras do português arcaico como *mãao*, *coraçom*, *chão*,

multidõe, *cam/cã*, *razom/razon* e comparando-os com os respectivos étimos (**manu*, **coratione*, **planu*, **multitudine*, **cane*, **ratione*), vemos que a nasal final variava segundo a proveniência. Hoje, todas essas palavras terminam em *-ão* niveladas por *-anu* > *-ão*, que era mais comum e, portanto, mais produtivo. Como se vê, esse processo interfere com a mudança de sons que se esperaria.

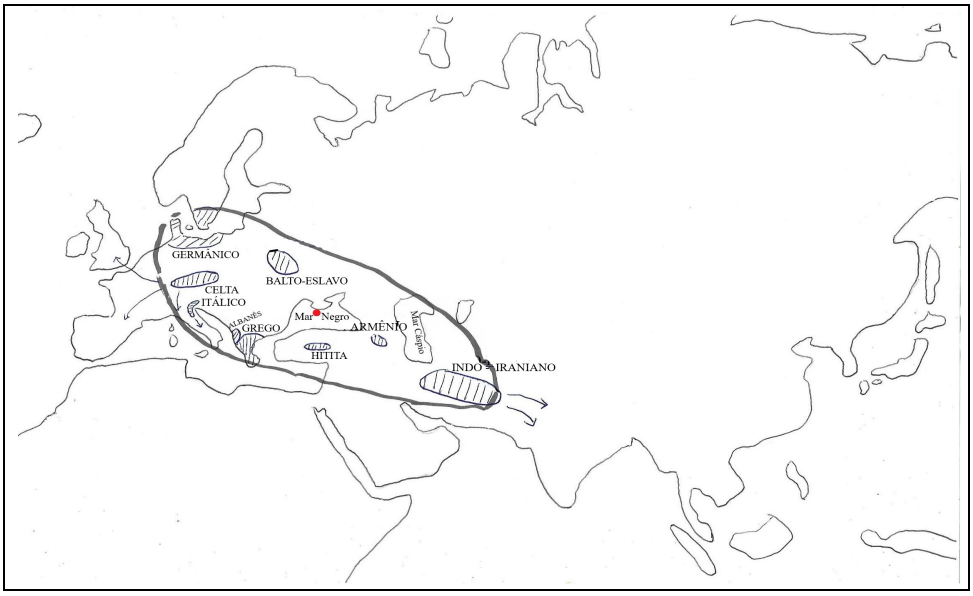
Esses exemplos mostram que, além da evolução fonética, opera crucialmente na formação das línguas a criatividade dos falantes, particularmente ativa toda vez que se tornava necessário desfazer colisões homonímicas e salvar palavras foneticamente pouco consistentes, ou toda vez que a etimologia popular alterou a forma de uma palavra para relacioná-la a algum paradigma conhecido.

1.8. Algumas palavras sobre o foco original indo-europeu. – Na medida em que a família indo-européia foi descoberta há mais de dois séculos e que ela foi o objeto de mais estudos de linguística histórica que todas as outras famílias de línguas do mundo reunidas, poderíamos pensar que o lar original e as rotas de dispersão dos povos indo-europeus sejam muito bem conhecidos. Infelizmente, estamos muito longe disso, e não há consenso entre linguistas, arqueólogos e geneticistas. Até a questão de saber quem, dos linguistas ou dos arqueólogos, deve resolver o problema suscita desagradáveis polêmicas:

> É perfeitamente claro que a solução das origens indo-européias – de um ponto de vista espacial e temporal – está nas mãos dos arqueólogos" (Marija Gimbutas)
>
> Os linguistas são aptos a determinar os parâmetros geográficos e culturais da comunidade proto-indo-européia, e toda tentativa da parte dos arqueólogos para chegar a uma conclusão sem levar em conta todos os fatos linguísticos podería os levar a cometer erros graves (Dolgoposki, 1988, p.7).

Hoje, temos pelo menos duas teorias: na Ucrânia (ao Norte do Mar Negro, revelado por imponentes túmulos, a cultura indo-européia chamada pelos arqueólogos cultura dos *kourganes*), ou na Anatólia Central. O problema está nas datas propostas para o proto-indo-europeu que foram determinadas sobre fundamentos circulares: os arqueólogos a tiraram dos linguistas, e os linguistas as deduziram dos achados dos arqueólogos! Nessas condições confusas sobre o indo-europeu, o leitor deve ler com muitíssimo ceticismo os focos e as datas de origem propostas para as famílias da América do sul, que são muito menos estudadas que o indo-europeu!

O mapa abaixo mostra a área de expansão secundária do indo-europeu:



1.9. Empréstimos. - Nenhuma língua existe em um vácuo. E até línguas geograficamente isoladas como o basco nos Pireneus e o burushaski no Himalaia foram influenciadas pelas

línguas vizinhas durante sua história. Apesar das línguas inglesa e francesa serem geneticamente ligadas pela família indo-européia em passado remoto, o contato entre essas duas línguas depois da conquista da Inglaterra pelos Normandos levou a um vocabulário partilhado. De maneira análoga, o chinês e o japonês têm uma história de contatos culturais apesar de não ter uma origem comum, o que levou à introdução de muitos termos chineses na língua japonesa assim como do sistema ideográfico do chinês. O contato entre línguas pode levar muitas formas que as pesquisas modernas ajudaram a entender. Em particular, os empréstimos ocorrem quando línguas se aproximam por finalidade comercial, e o multilinguismo próprio a muitas regiões do planeta pode afetar a estrutura das línguas que vivem nelas e criar áreas de convergência cultural.

Cuidados!!!

1) Os empréstimos são mais comuns entre línguas da mesma família e, sobretudo, entre os dialetos da mesma língua, sobretudo quando esses dialetos estão próximos no espaço. Esse tipo de empréstimo é também o mais difícil a detetar! Conclusão: o fato de ser uma palavra comum a uma família ou a parte dela - digamos por exemplo *Zea mayz* - não prova que os proto desta família cultivavam o milho, especialmente se as regras de correspondências de sons não podem ser determinadas e até mesmo se as leis fonéticas "batem" entre si. Por exemplo, as palavras provavelmente não indo-européias **cat / gato** (empréstimo), **rat / rato** (empréstimo?) e **maiz** (empréstimo), muito comuns nas línguas indo-européias, não provam a existência de gatos domésticos, de ratazanas e de milho na época do proto.

2) Em sentido inverso, o fato de ter palavras diferentes na mesma família para - digamos - o trigo não prova que esta planta não era cultivada pelos proto desta familía. Assim, *Triticum sp.* é **trigo** [< *latim **tritico**] em português e espanhol, **blé** [< empréstimo gaulês ou germânico?] em francês, **grano / frumento** em italiano, **wheat / corn** em inglês, **weizen** em alemão, **tarwe** em holandês, **gwinizh** em bretão, **siro- / sitor-** em grego, **zboze / pszenica** em polonês, **grurë** em albanês. No entanto, o trigo era provavelmente cultivado há mais de 4.000 anos pelos Proto-Indo-Europeus. O peso dos empréstimos e das inovações lexicais proíbe toda simplificação desse tipo!!! Como crítica a "Where there is no evidence of a maize term for an ancestral language, this suggests a minor or even no role for maize in the lives of its speakers." (Brown, Cecil H., Glottochronology ane the Chronology of Maize in the Americas, 2006, p. 648).

A primeira coisa que vem à mente quando pensamos em empréstimo é a adoção de palavras como *canapé*, *tsunami*, *futebol* ou *jacaré*. Esses empréstimos vieram e ainda vêm de todas as direções: do francês ("madame", ""regimento", "pelotão", "piquenique", "abajur", etc.), do inglês ("esporte", "bife", "flerte", etc.), do tupi no caso do português brasileiro ("piranha", "capim", "paraná", "pipoca", etc.) e de muitas outras línguas. No entanto, nenhuma fonte de empréstimos foi tão importante como o latim culto (LC). Como as outras línguas românicas, o português é o desenvolvimento natural do latim vulgar (LV). No entanto, durante toda a Idade Média e na Renascença, o português e as outras línguas românicas ocidentais entraram em contato, pelos livros, com LC, que era a língua dos autores antigos e se ensinava nas escolas apesar de ser um idioma morto. Esse latim culto dos livros, antigo ou medieval, entra na composição do vocabulário português moderno em quantidade igual ou superior ao "romance comum" dos romanistas. Em outras palavras, **mais da metade do idioma português moderno é formado por empréstimos medievais do latim culto**. De forma análoga, o inglês tirou, desde o fim do século XI, mais de 10.000 palavras da língua francesa (como *people, beef, crime, religion, virgin, nature, art, sport, beauty, table, etc*.).

Em todo o léxico português, há uma oposição essencial entre *palavras populares* e *palavras cultas*. As primeiras, provindo de LV, submetidas à erosão fonética e a inúmeros acidentes de etimologia popular, tendo geralmente perdidas qualquer semelhança com o étimo, em suma, palavras que se tornaram essencialmente portuguesas, formando o núcleo central do vocabulário. Por exemplo: ***plano > chão**, ***veculu > velho, *plicare > chegar**, etc. No entanto, se muitas dessas palavras populares são entre as mais usadas da língua, não é por isso que elas são as mais numerosas. Com efeito, ao longo dos séculos, os juristas, os letrados e os

sábios enriqueceram o português de inúmeras palavras tiradas de LC ou do grego (as palavras gregas geralmente pelo intermediário do latim). Levemente aportuguesadas, essas palavras formam frequentemente com as palavras populares pares que coexistem e competem na língua moderna. Por exemplo: **logro** / **lucro**, **malha** / **mácula**, **cheio** / **pleno**, **chão** / **plano**, **artelho** / **artículo**, etc. (pares LV / LC). Como exemplos de empréstimos de LC:

- na ideologia: *natureza, liberdade, nação, dominar, agir, produção, unânimo, educar, veículo, revolução, vocação, provisório* etc.
- na racionalidade & conhecimento: *invenção, dedução, animal, vegetal, transparente, introdução, autor, articulação, universo, vértebra, vertical, óbvio, visível, corrigir, regra* etc.
- na sensibilidade ocidental: *inteligente, estúpido, admirável, melancólico, generoso, avarento, prudente, paciente, artista* etc.

Além das *palavras populares* (derivadas naturalmente do latim vulgar) e das *palavras cultas* (geralmente empréstimos de LC), existem também muitas *palavras semicultas* (i.é., palavras cultas emprestadas bastante cedo para ter sofrido depois uma certa evolução fonética, como ***articulu* > artigo**, ou palavras populares refeitas sob a influência de uma forma latina culta) e *empréstimos de línguas (ainda) vivas* (árabe, francês, inglês, tupi-guarani, etc.).

Os empréstimos lexicais podem também introduzir novos segmentos fonéticos. Muitos atribuem a LC a conservação do *-s* final e a restauração dos grupos consonânticos *cl*, *fl* e *pl*. Isso parece ter acontecido pela "existência simultânea" de formas naturais (formas populares) e de formas tomadas emprestadas de LC, como: *flore* (LV) > *chor* + *flor* (empréstimo de LC), *plenu* (LV) > *cheio* + *pleno* (empréstimo de LC), *planu* (LV) > *chão* + *plano* (empréstimo de LC), etc. Se o empréstimo suplantou às vezes a forma popular ("chor" desapareceu), a maioria desses formas coexistem até hoje: "olho" vs "ocular", "chave" vs "clavícula", "chorar" vs "implorar", "logro" vs "lucro", etc. Isso levou à adopção de grupos consonânticos (*cl*, *fl*, *pl*) que tinham desaparecido diacronicamente. Da mesma forma, o português tomou palavras germânicas com um *w* inicial (como **werra** *guerra*, **winch** *guincho*, **widan** *guiar*), modificando a consoante inicial e introduzindo na sua língua novos tipos de sílabas como *gue* e *gui*. A influência de LC se fez sentir também na ortografia: a maneira de escrever *hora* ou *homem* com *h* inicial é um empréstimo aos textos medievais. Em gramática, são traços tomados emprestados de LC: os futuros e condicionais (*amare habeo* > *amarei*) ; as formas adverbiais em *-mente* ("francamente", "lentamente", et.) ; etc.

Os empréstimos aparecem por necessidade prática (LC, tupi, inglês: modernização, etc.). Como exemplo, o tupi que introduz o Novo Mundo na língua portuguesa: nomes de animais e plantas (*cupim*, *sabiá*, *mandioca*, *buriti*), elementos de paisagem (*caatinga*, *capoeira*, *pororoca*), topônimos (*Ipiranga*, *Ceará*, *Paraná*). Os empréstimos aparecem também por prestígio: das românticas "razões do coração" ao "empréstimo de luxo" e às tendências pretenciosas do "metido à besta". Da marca de solidariedade dos adolescentes, como *tchau, brother!* (< italiano + inglês) ao mais pedante *tsunami*. Nomes de pessoas: do *Iracema* dos românticos aos *Williams* e *Peter* dos americanófilos.

2. Nas Américas: o coelho e o elefante. - Não adianta, para provar algo, citar muitos autores como se o número de referências equivalesse a uma verdade. Isso é um remanescente do "método escolástico" ou "método de autoridade" da Idade Média: « Aristóteles disse que… » e, se Aristóteles disse, deve ser verdade! Portanto, cuidado com o tipo de afirmação como: "Archeologist and linguists have arrived at a **general consensus** that the ancestors of modern Arawakan peoples originated... (X, 1990, Y, 2001, Z, 2002,...". Também não basta que um livro seja editado em Oxford ou em Cambridge para que seja declarado bom, muitos autores tirando do trabalho dos outros, evidentemente sem o dizer! Como vamos ter a oportunidade de ver, muitos autores citam simplesmente classificações velhas de 100 anos ou mais, criando um efeito de "bola de neve" que produz uma ilusão de autoridade. Da mesma forma, muitos não-linguistas aceitam estimações glotocronológicas sem o mínimo sentido crítico. Não

podemos nos comportar como estudantes e dar nomes de pessoas que tiraram suas teorias do trabalho de outros: « New names for old theories ! ». Então, vamos tentar devolver a César o que pertence a César !

Em um intento de classificação das numerosas línguas da Colômbia e Venezuela, os filólogos jesuíticos e franciscanos - como Gumilla (1745) e Gilij (1760) - reconheceram logo as relações entre certas, porque eram missionários espanhóis, italianos ou franceses que conheciam bem o latim e, portanto, a relações entre as línguas latinas. Chegaram a desenvolver as noções de **línguas matrizes** (são nove para Gilij: **Caribe**, **Maipure (=Arawak)**, Sáliva, Guahibo, etc.) e de **línguas derivadas**. Os critérios de classificação eram baseados na comparação lexical. As principais causas responsáveis pelo surgimento das línguas derivadas, para eles, eram os acidentes fonéticos, o trato com nações estranhas (empréstimos) e a mescla de línguas (línguas mistas). Na matriz **caribe**, encontramos o tamanaco, o maquiritare, o cumanacoto, etc. Na matriz **maipure**, encontramos o achagua, o mojeño, e "muitas outras línguas escondidas no Alto Orinoco, no Rio Negro e no Marañon". Até Brinton (fim do século XIX), nada de melhor foi feito. Em particular, note o intento desastroso de classificação em Martius (1820).

ARAWAK

Brinton (1891): do maipure ao arawack. Para Steinen (1886): homeland no Planalto Central (Mato Grosso), por ser um lugar de terras pobres (???)

A partir de Ehrenreich (1897, incluindo os arawá) e La Grasserie (1894, incluindo o puquina), o arawak torna-se uma lixeira que inclui línguas que NÃO pertencem ao arawak:

Rivet (1924-1954) : arawak + arawá + uru-puquina + takana + harakmbet

Noble (1964) : arawak + arawá + puquina + uru + apolista (?) > homeland nas cabeceiras do Ucayali.

Voegelin (1977) : arawak + chapacura + arawá

Urban (1998) : arawak + arawá + guahibo + puquina + harakmbet

Aikhenvald (2002) é uma compilação feita por uma turista cultural, e cheia de erros : salumã com terena (e critica Campbell por não ter incuindo essa "língua" !), maipure com piapoco, baniwa em um ramo & piapoco-achagua-yucuna em outro ! Também inventa uma « língua apolista », etc.

Oliver (1989) : a melhor classificação ao norte do Amazonas, feita por um não-linguista.

Payne (1991) : a melhor até a data, mas extranha ligação chamicuro-amuesha e muita confusão no Norte, continuando a falar de um grupo setentrional como se houvesse homogeneidade.

Para os **arawak**, ninguém sabe onde encontrar o homeland. Mesmo assim, **Lathrap** coloca o proto-arawak na várzea abaixo de Manaus como centro de dispersão primário, sem dar argumentos decisivos. É o mesmo que o autor desta comunicação pensa por razões linguísticas (Ramirez, 2001, p. 26), mas não com tanta certeza (por causa de certos problemas, como o amuesha/yanesha). Mesma visão com **Oliver** (1989), com o Orinoco como centro de dispersão secundário.

Em 1965, surge a teoria de **Noble** (1965) que sugere as cabeceiras do Ucayali-Madre de Dios como proto-home dos arawak. Por quê? Porque Noble insere **ERRADAMENTE**, dentro da família arawak, os harakmbet, os arawá (deni, yamamadi, etc.) e os puquina. Isso é muito estranho porque, desde Rivet, ninguém acreditava muito no parentesco arawak-arawá-etc. De qualquer forma, o estudo posterior do harakmbet e das línguas arawá mostrou que, até para um cego, essas línguas NÃO pertencem à família arawak. Mesmo sendo uma teoria linguisticamente absurda, há muita gente que cai no buraco !!!

Arawak (Aruak, Maipure) (4.500 yrs.)

I) JAPURÁ-COLÔMBIA (não classificadas: **†JUMANA, †PASSÉ)**

- **I^{a}) CENTRAL-NORTE**
  - **Iaa)** **BANIWA-CURRIPACO**
    WAREKENA
    †MANDAWAKA
  - **I^{ab})** **YUKUNA**
    †WAINUMA & †MARIATÉ
  - **I^{ac})** **KABIYARI**
  - **I^{ad})** **PIAPOCO**
    ACHAGUA
- **I^{b}) KAIXANA**
- **I^{c}) RESIGARO**

II) BARÉ-GUINAU

- **II^{a}) †BARÉ**
- **II^{b}) †GUINAU**

III) ALTO ORINOCO
- **III^{a}) BANIVA-MAROA**
  - **BANIVA-MAROA**
  - **YAVITERO**
- **III^{b}) †MAIPURE**

IV) NEGRO-RORAIMA (não classificada: **†ARUÃ)**
- **IV^{a}) BAHUANA-CARIAÍ**
  - **†BAHUANA**
  - **†WIRINA**
  - **†MANÁO**
  - **†CARIAÍ**
- **IV^{b}) WAPIXANA**
- **IV^{c}) MAWAYANA**

V) CARIBEÑO
- **V^{a}) ORIENTAL**
  - **LOKONO**
  - **IYERI**
  - **TAINO**
- **V^{b}) OCIDENTAL**
  - **GUAHIRO (WAYUU)**
  - **PARAUHANO**

VI) †MARAWÁ

VII) †WARAIKU

VIII) CHAMICURO

IX) PURUS
- **IX^{a}) PIRO**
- **IX^{b}) IÑAPARI**
- **IX^{c}) APURINÃ**

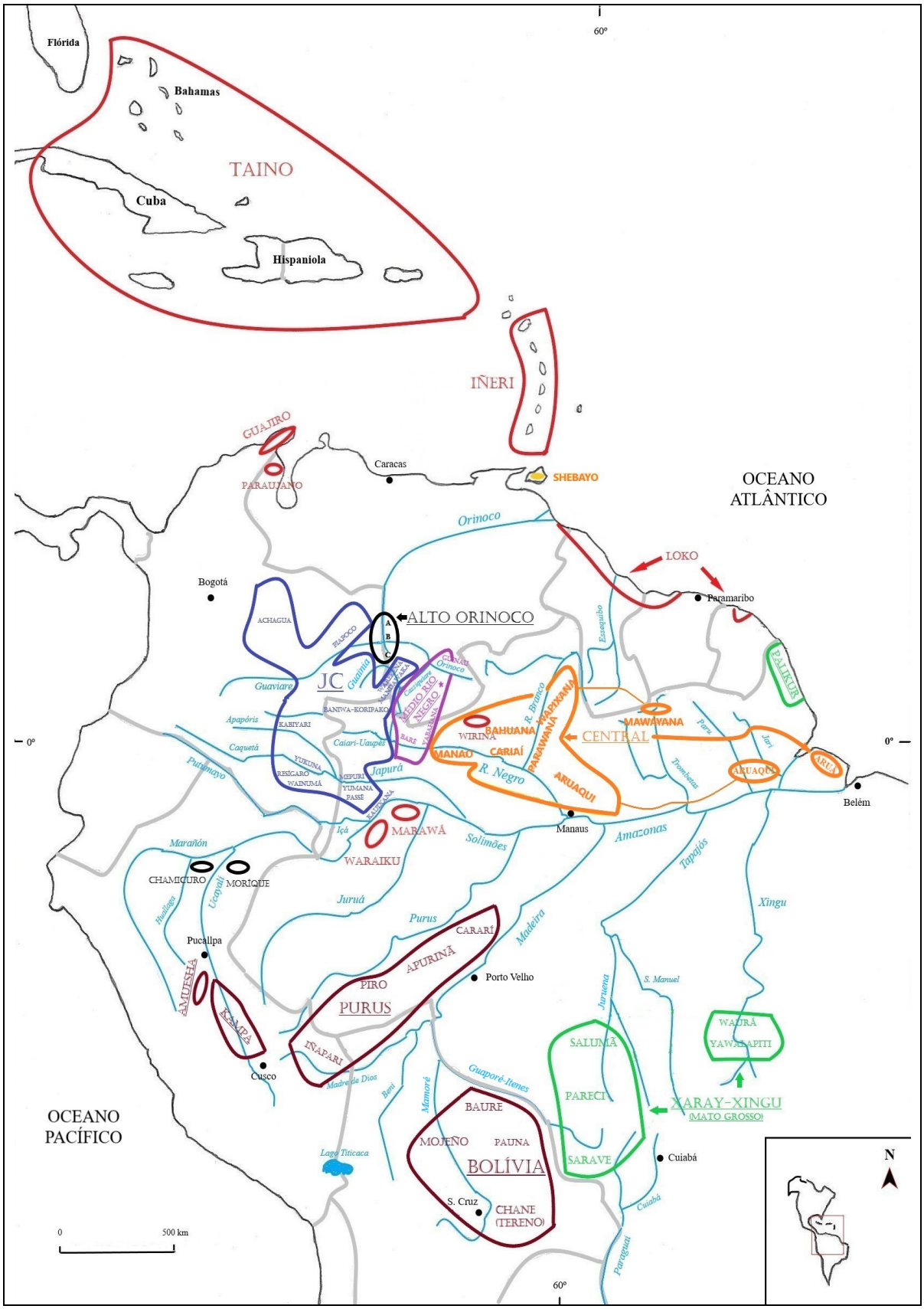
X) KAMPA (Pré-andino)

XI) AMUESHA (Yanesha)

XII) BOLÍVIA
- **XI^{a}) BAURÉ**
- **XI^{b}) MOJO**
  - **MOJEÑO**
  - **TERENO**
  - **PAUNA**

XIII) PALIKUR

XIV) MATO-GROSSO
- **XIV^{a}) PARECI**
- **XIV^{b}) XINGU**
  - **YAWALAPITI**
  - **WAURÁ-MEHINAKU**



Localização dos subgrupos e línguas arawak nos primeiros contatos. Extremamente diaspórico, o subgrupo Caribeño é indicado em código vermelho. No subgrupo Alto Orinoco, A, B e C indicam respectivamente o maipure, o pareni-yavitero e o baniva de Maroa. No subgrupo Baré-Guinau, o asterisco (*) indica a localização aproximada do anauyá e do mainatari.

CARIB (KARIB)

Gilij (1750), boas classificações em Girard (1971) e em Kaufman-Gildea (1.994-2.000).

Para os **carib**, ninguém sabe onde encontrar o homeland. Desde o século XIX, surgiram teorias que colocaram o proto-carib no centro do continente, bem ao sul do rio Amazonas (**Steinen**, 1886, 1894), outras no Norte da Colômbia (perto de Panamá), outras no planalto da Guiana. No entanto, nenhuma dá argumentos decisivos. **Lathrap** coloca ao Norte do Baixo Amazonas porque é lá que há muitas línguas carib: infelizmente, não são línguas muito diferenciadas entre si! Aryon coloca o proto-carib ao Sul do Amazonas por causa de empréstimos entre o tupi-guarani (família tupi) e muitas línguas carib: infelizmente, são empréstimos entre o tupi-guarani e não todas as línguas carib. De qualquer forma, há muita semelhança linguística entre as línguas carib, tupi e pano, o que não pode ser um puro acaso e sugere uma origem sulista… Meira (2005) comparou somente 8 línguas Karib, o que pode ser perigoso porque perde-se assim certas continuidades dialetais essenciais. Usa com ferramenta classificatória: 1) o método léxico-estatístico : "The numbers are so close that no definitive conclusion can be drawn" (p. 133). 2) o método fono-estatístico : " (a partir de mudanças triviais : **k > g / V_V** e **p > w / V_V** em bakairi e ikpeng): the hypothesis of a Bakairi-Ikpeng branch does seem plausible" (pp. 175-177). É o método do coelho e do elefante! A classificação de Meira (2.006) contém erros: mapoyo & yabarana, etc.

BAKAIRI	BAKAIRI	IKPENG
IKPENG	**50 %**	
KUIKURO	**49 %**	**47 %**

Carib / Karib (2.500 yrs.) (não classificado: †**Pimenteiras** [Piauí])

I) PANARE

II) YEKUANA

III) CARIBOIDE

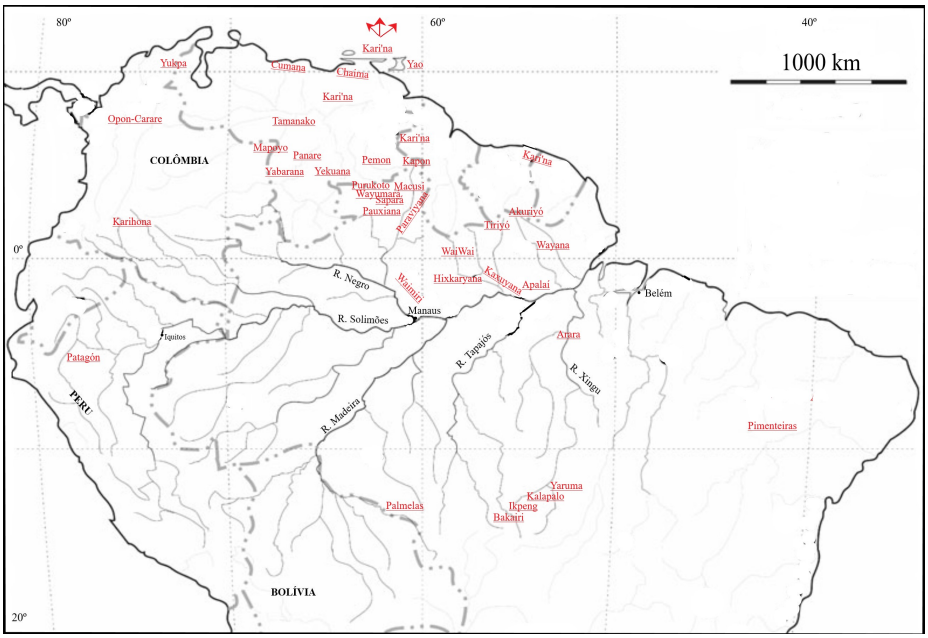
- **III^{aa}) †PALMELAS**
- **III^{ab})WAIWAI-HIXKARYANA**
- **III^{ac}) KAXUYANA**
- **III^{ad}) APALAÍ**
- **III^{ae}) WAYANA**
- **III^{af}) KARI'NA**
- **III^{ag}) WAIMIRI-ATROARI**
- **III^{ah}) YABARANA-CUMANAGOTO-TAMANAKO**
- **III^{ai}) PEMON-KAPON**
- **III^{ba}) TIRIYÓ**
- **III^{bb}) AKURIYÓ**
- **III^{bc}) KARIHONA**
- **III^{c}) YUKPA**
- **III^{d}) †OPON-CARARE**

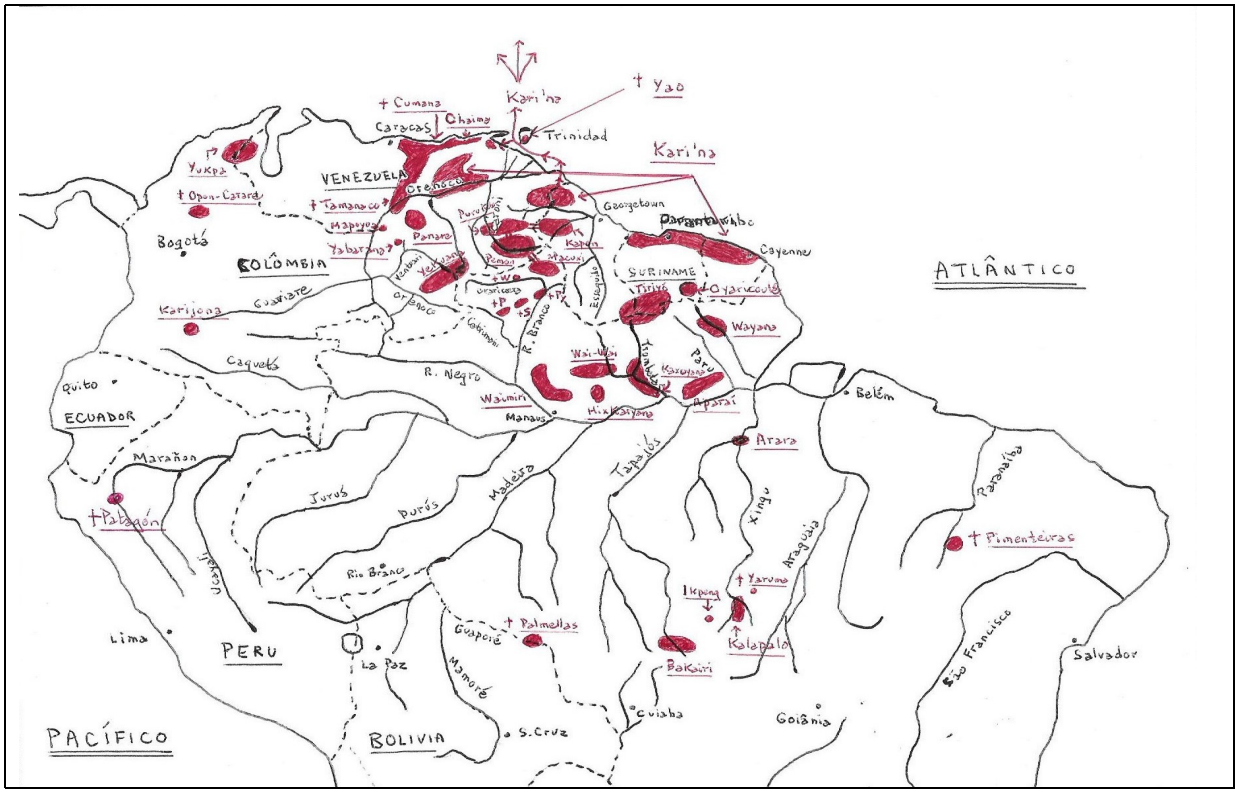
IV) ARARA-IKPENG

V) BAKAIRI

VI) XINGU (Kuikuro, Kalapalo)

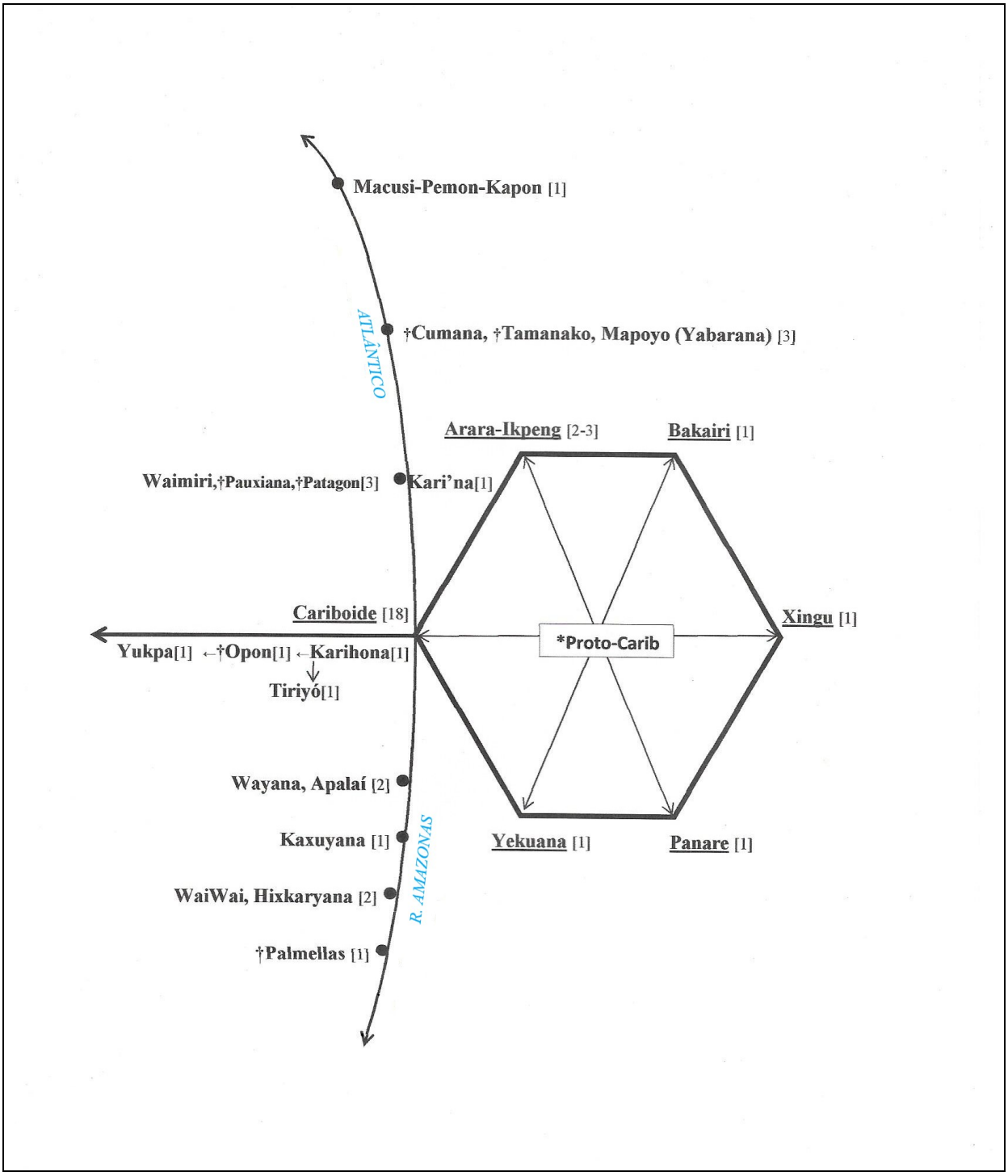
LOCALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS KARIB





Com as abreviaturas :
+**P** Pauxiana
+**S** Sapará
+**Py** Paraviyana
+**W** Wayumará

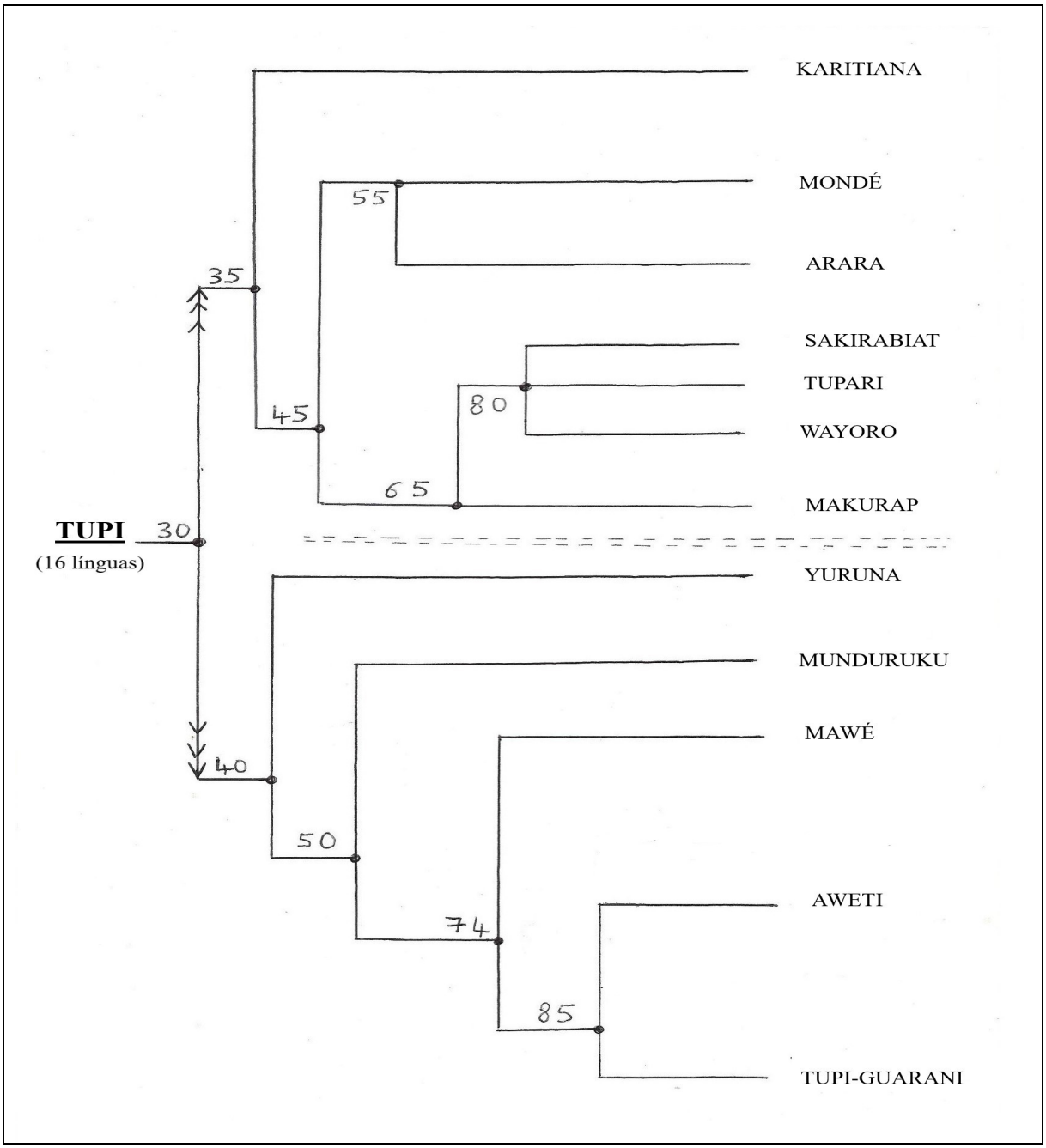
CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS KARIB



TUPI

Para os **Tupi**, é evidente : depois da instalação da linha telegráfica por Rondon e das expedições que seguiram no Mato Grosso e Rondônia (Lévi-Strauss, etc.), **Métraux** (1928: 310) pode declarar que a origem tupi deve ser procurada 'no Alto Tapajós ou no Ji-Paraná' porque é lá que há muita diversidade. Isso é confirmado pela primeira classificação séria desta família feita por **Aryon Rodrigues** (1964: 104), que coloca o proto-tupi 'na área do Guaporé'. **Lathrap** (1970: 82) desloca o proto um pouco mais para o norte: ao sul do R. Amazonas, entre Madeira e Tapajós, mas sem dizer por quê. Pessoalmente, eu optaria para a proposta de Lathrap levemente modificada: o médio Aripuanã, entre Parintins e Guaporé (cf. abaixo : 1. Classificação da família Tupi & 4. Mapa : Localização dos pobos tupi). TODOS devem ter razão: o linguista não pode dar um lugar mais preciso.

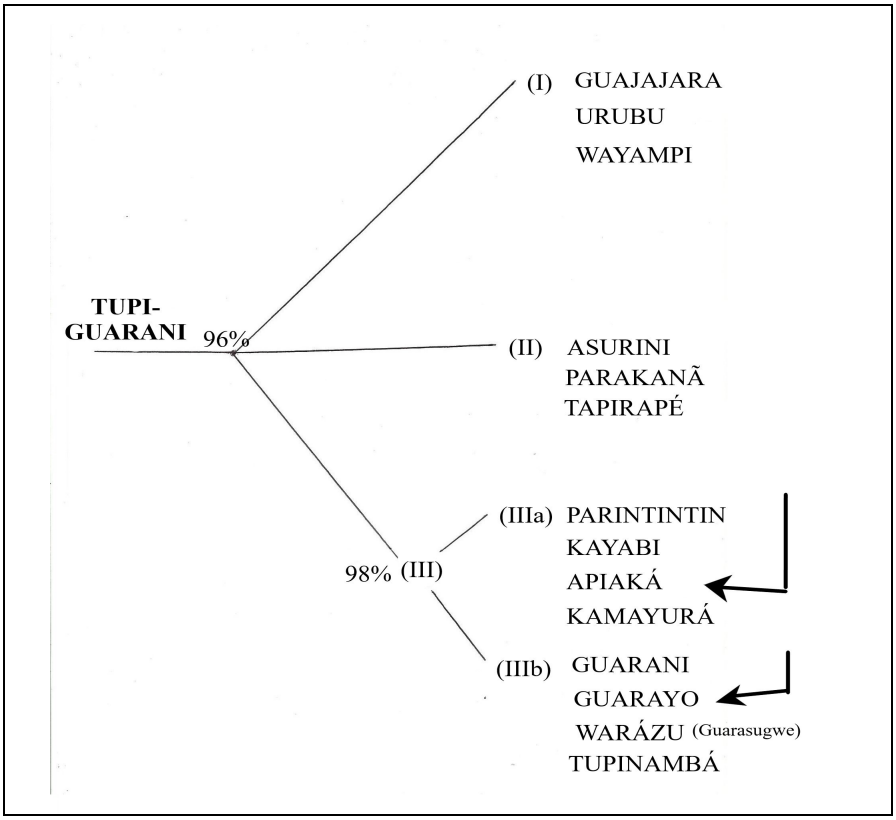
1. Classificação da Família Tupi (16 línguas)
[os números referem-se às percentagens de vocabulário básico comum]



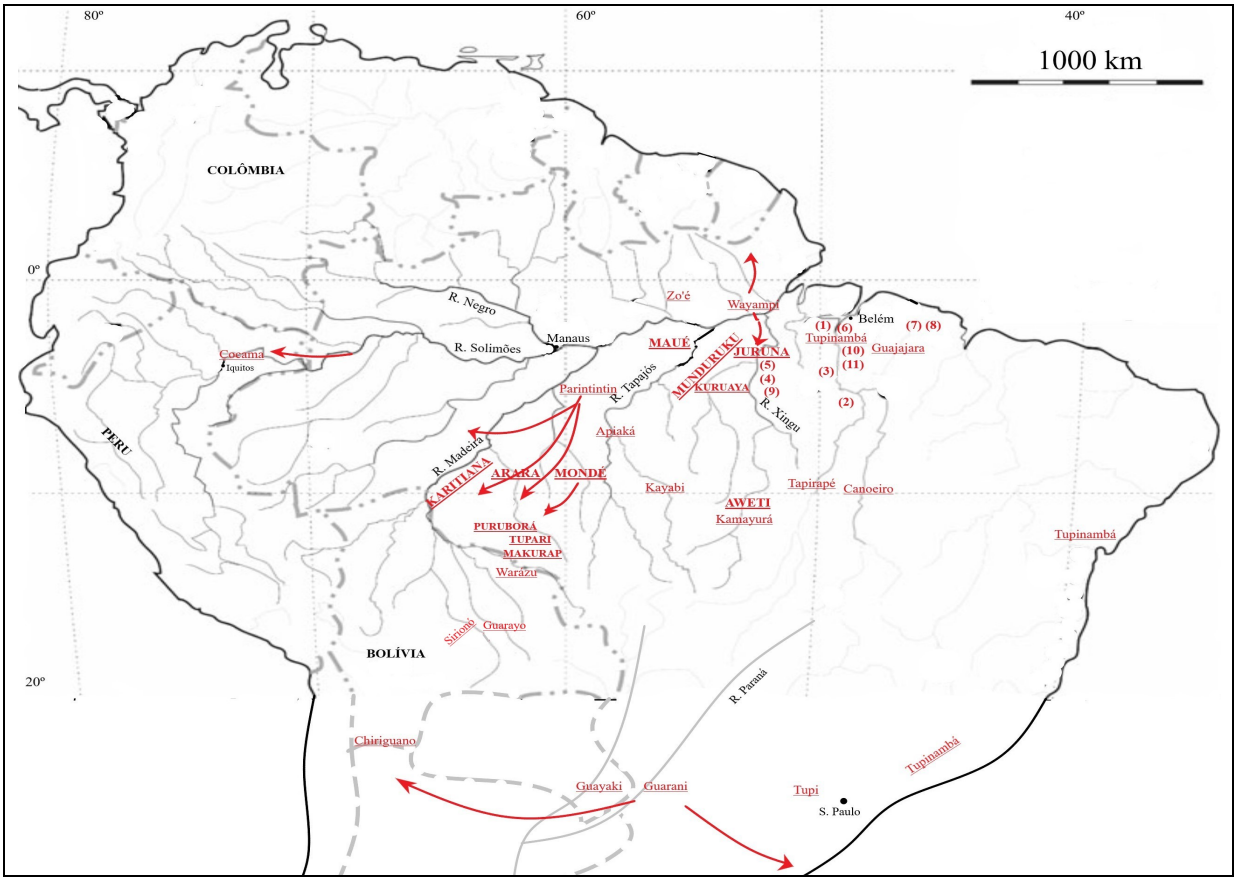
2. Dialetos tupi-guarani

- Grupos GUARANI: mbyá, kaiwá, nhandéva, †xetá, "chiriguano" (Bolívia), etc.
- GUAYAKI (Aché)
- GUARAYO
- GUARASUGWE
- Grupos SIRIONÓ: sirionó, jorá, yuqui.
- †TUPI de São Paulo
- †TUPINAMBÁ
- COCAMA (cocamilla, omagua)
- CANOEIRO (Avá)
- ASURINI do Tocantins ①
- SURUÍ do Tocantins ②
- PARAKANÃ ③
- TAPIRAPÉ
- Grupos GUAJAJÁRA: guajajára, tembé.
- ARAWETÉ ④
- ASURINI do Xingu ⑤
- Grupos PARINTINTIN ("kawahib" de Nimuendajú): parintintin, tenharim, juma, amondawa, uru-eu-wau-wau, karipuna, etc.
- APIAKÁ
- KAYABI
- KAMAYURÁ
- Grupos WAYAMPI (oyampi): wayampi, emerillon.
- ZO'É
- ANAMBÉ ⑥
- GUAJÁ ⑦
- URUBU-KAAPOR ⑧
- †TAKUNYAPÉ ⑨
- †TURIWÁRA ⑩
- †AMANAYÉ (11)

3. Dialetologia tupi-guarani (classificação)



4. Localização dos povos tupi (em minúsculas, os povos tupi-guarani)



Problemas da dialetologia tupi-guarani

Aryon (1984) divide os tupi-guarani em oito subgrupos:

Aryon. Primeira classificação (1964): boa! Swadesh de 200, melhor que Loukotka. Tupinambá/Guarani/Guarayó: dialetos "muito próximos". Aryon (1945): dispersão dos TG a partir das cabeceiras do Xingu & alto Araguaia. Mesma coisa para Loukotka (1929): centro tupi em Apiaká, Tupi/Guarani/Guarayó fruto da mesma migração.

Aryon (1984-85): agrupamentos baseados em jogos de traços fonológicos. Críticas:

1°) Dados errados:
> em II: o guarasu tem ***ts > h**, o sirionó tem ***p > ø** .
> em VI: ***j > j ~ dʒ** (kagwahip), **s** (apiaká)
***ti > ti ~ tʃi** (kagwahip), **si** (apiaká)
gw ~ w

2°) Escolha de traços sem precisar sua importância relativa e sem quantificá-los.
Também: "Enumerar as mudanças de sons sem conseguir determinar sua ordem, o que pode levar a um verdadeiro caos classificatório, leva a uma lingüística histórica simplificada que, com suas aparências objetivas e científicas, não deve servir de álibi para impedir a procura da verdadeira classificação das línguas".
3°) Poucos traços (4-5, em vez de 100 no meu método) e sem grande importância fonética, fora ***p > ø** que justamente não foi considerado.
4°) Árvore plana e não hierarquicamente ramificada: decepção para os arqueólogos.
5°) Problema grave: mistura entre classificação genealógica e influência entre dialetos vizinhos. As línguas, depois de divergir, podem ulteriormente convergir: contatos entre dialetos, que vão os reaproximar.

Dietrich (1990): agrupamentos baseados em jogos de traços fonológicos e gramaticais. Faz a média entre os traços, "combinando os dados" (p. 99): o método do "coelho e o elefante", já que os subgrupos definidos fonologicamente & gramaticalmente são diferentes! Em conclusão (p. 116): "não há subgrupos", mas "grupos de 2-3 dialetos aparentados" > para o arqueólogo que quer saber o centro de dispersão!!! > Classificação diferente de Aryon. Mesmo problema que Aryon: dados errados, escolha de traços sem quantificar sua importância, etc.

Jensen (1999): a diferença dialeto-língua, para o grupo TG, é uma diferença delicada (p. 128) > 40 línguas ou dialetos ???!!!

Mello (1992): estudo comparativo lexical de TG a partir de 250 palavras > isoglossas lexicais em mapas + isoglossas fonológicas > média.
Das 250 palavras, 100 são nomes que designam animais, vegetais e objetos manufaturados: o autor coloca no mesmo nível palavras básicas (como "olho", "cabeça", "sol", "lua", etc.) e animais (como "abóbora", "anu", "barata", colhereiro", etc.")!!! > Classificação diferente de Aryon (1964) porque está errada: Tupinambá com Wayampi & Urubu!

Mello (2000): nova classificação com mesma metodologia (pois, em 1992, havia "falhas nos dados"!), mas o tupinambá volta sozinho (é um dos 3 subgrupos deles).

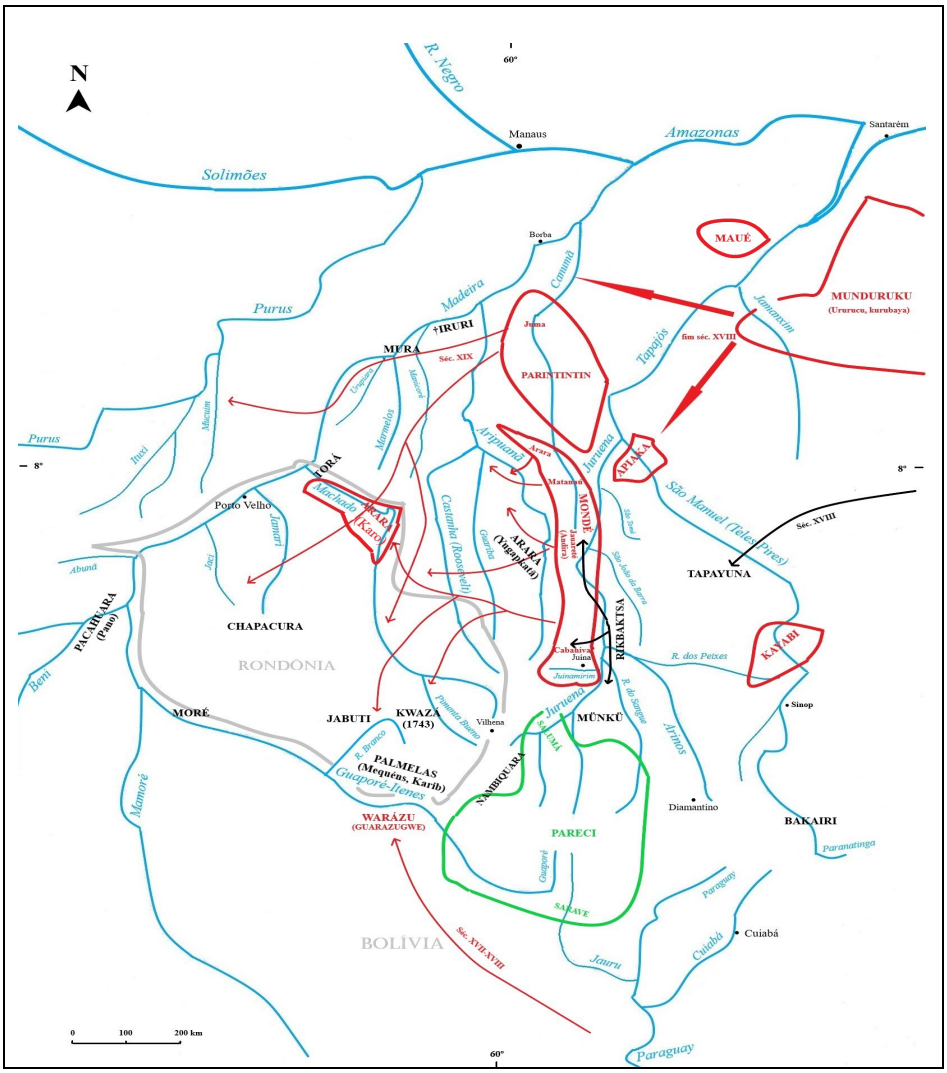
Schleicher (1998): o pior! Depois de dedicar sua dissertação a "Jesus Cristo, o seu melhor amigo", declara (p. 320-21): é impossível classificar os subgrupos de TG (???), mas é possível achar o ponto de partida: bom para os arqueólogos! Homeland no Mato-Grosso (< mais diferenças entre as isoglossas fonológicas em Kagwahip/ Kayabi/Kamaiurá/Tapirapé ???). Homeland razoável porque todos os rios são disponíveis para migrar ?!!! Depois, com ajuda de J.-C.:
tupinambá para o boca do Amazonas; guarani para o sul; guarayo para o leste ou separados dos guarani, MAS se para o leste, os Kagwahip os acompanharam "only continuing down the Madeira River rather than stopping in Bolivia"!

Toda a dialetologia tupi-guarani poderia ser melhorada uma vez que se considera as influências tupi-karib ("akuri", "akare", "tamanua", "marakana", etc.), o que sugere que o proto tupi-guarani deve ser procurado perto de Belém, entre o baixo rio Xingu e o baixo rio Tocantins, uma área em que - aparentemente - há mais diversidade linguística em tupi-guarani. Cf. Goeje (1909), Bertoni (1921) e Aryon (1985).

5. Migrações Parintintin, Mondé & Warázu

As migrações parintintin e warázu tiveram impacto sobre as populações autóctones do Madeira. Abaixo, as migrações e localizações dos povos na área Madeira-Tapajós no século XVIII. Em vermelho, os grupos Tupi. As flechas vermelhas indicam as migrações dos grupos parintintin (kagwahib), warázu (guarasugwe), mondé e munduruku. Não confundir os arara-mondé com os arara-karo do rio Machado, igualmente tupi. Os arara-yugapkatã são estudados no arquivo 75; os mondé e as suas migrações, no arquivo 74.

Mais detalhes no meu artigo: Ramirez, Henri (2010). Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 2(2): 179-224. Universidade de Brasília.



Sobre as *migrações guarayu e guarasu* do Paraguai ao Guaporé, Métraux e Nordenskiöld basearam-se em documentos históricos: os guarasu seriam os mesmos guarayó-itatin que chegaram até o rio Guaporé vindos do rio Paraguai (séculos XV-XVI).

Toda essa movimentação foi recentemente contestada pelo arqueólogo Eurico Miller. A partir do estudo da cerâmica guarasu, o autor observa como ela é distinta da cerâmica tupi-guarani do Paraguay, o que sugere uma origem distinta entre os dois grupos. Além disso, a separação entre guarayó e guarani é estimada em 1.696 anos, e não em apenas 5 séculos. Baseando-se nesses novos fatos, Miller sugere que a migração tupi-guarani mencionada por Métraux pode ter ocorrido em sentido exatamente oposto: de Rondônia para o Guaporé (guarayó e guarasu), e de lá para o Paraguay (guarani).

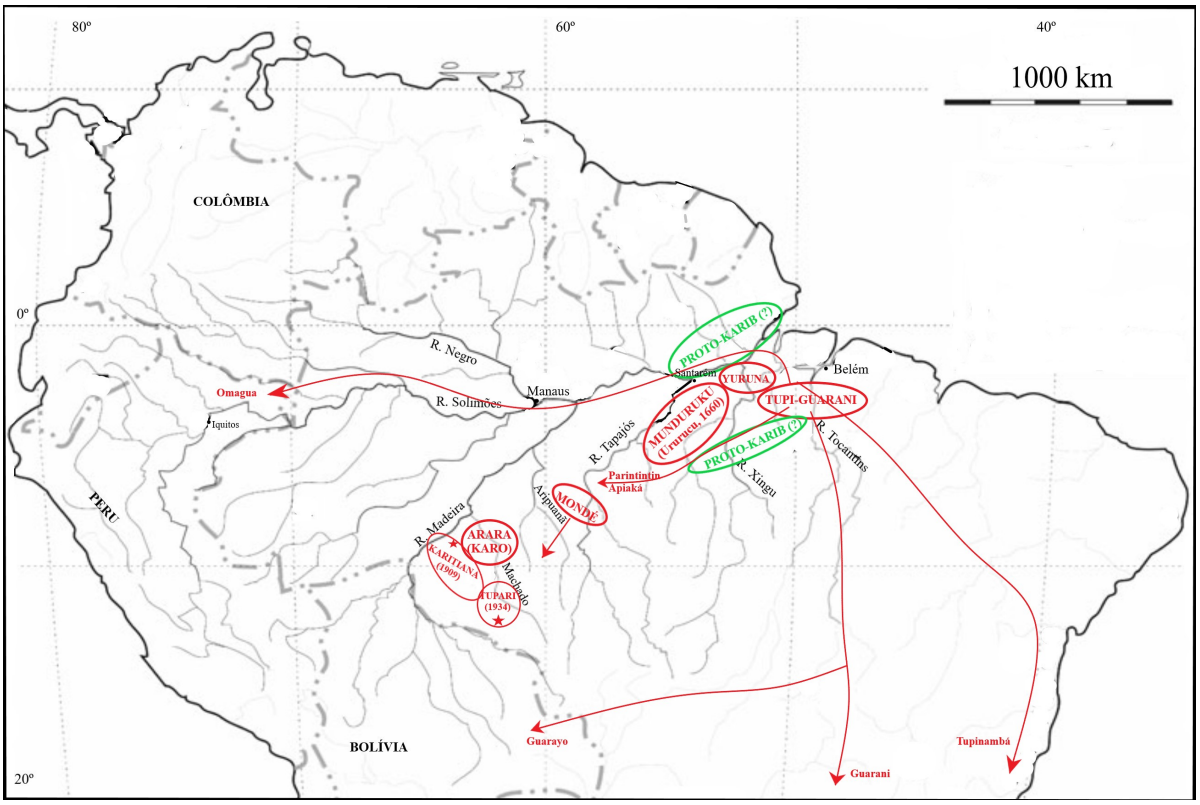
Em quem acreditar afinal? Nos documentos históricos de Métraux ou nos cacos de cerâmica de Miller? Em primeiro lugar, um simples exame do vocabulário básico mostra que os falares guarayó e guarani possuem 97% em comum. Comparando com o português e o espanhol, com os seus 88% em comum e seus aproximados 1.100-1.300 anos de separação, entendemos dificilmente como uma diferenciação de 1.696 anos foi proposta entre o guarayó e o guarani! Uma distância temporal de 6 a 9 séculos nos parece mais do que suficiente.

Por outro lado, três palavras serão mais do que suficientes para ilustrar nossa arqueologia das palavras. Em guarayó, temos: **kave** *cão*, **merï** *banana-legume* e **apu** *banana-fruta*. Significativamente, essas palavras são bem diferentes do guarani ou de qualquer outro dialeto tupi-guarani, em que as palavras para "cão" e "banana" são respectivamente **jawara** e **pakob(a)**. Quanto ao guarasu, como pensávamos então (no ano 2006), ele está idêntico ao guarayó nessas três palavras. Mais significativamente ainda, as únicas línguas da Amazônia onde encontramos essas formas ubicam-se no norte da província de Santa-Cruz: são as línguas paunaka (arawak), baure (arawak) e tapacura (chapakura).

Em que sentido, quando e onde se efetuaram esses empréstimos? Tendo em vista que nenhuma outra língua tupi-guarani ou chapakura tem essas palavras, mas que elas estão presentes em certas línguas arawak faladas bem longe de Santa Cruz, como nos dialetos piro, podemos inferir que a transferência das palavras efetuou-se das línguas arawak para o guarayu-guarasu e o tapacura. Tendo em vista que nenhum outro dialeto tupi-guarani possui essas palavras, a não ser o guarayó-guarasu, podemos também inferir que esses empréstimos foram introduzidos em uma época em que o guarayó-guarasu já se tinha separado dos outros povos tupi-guarani e em uma região onde o guarayó-guarasu tinha por vizinhos os paunaka e/ou os baure. Em resumo: alguns séculos atrás e no departamento de Santa Cruz. Com se vê, tudo parece indicar que a rota migratória descrita por Métraux é exata. A posição atual ocupada pelos guarayó-guarasu seria o resultado de uma migração vindo do sul.

6. Localização dos povos tupi (mapa histórico)

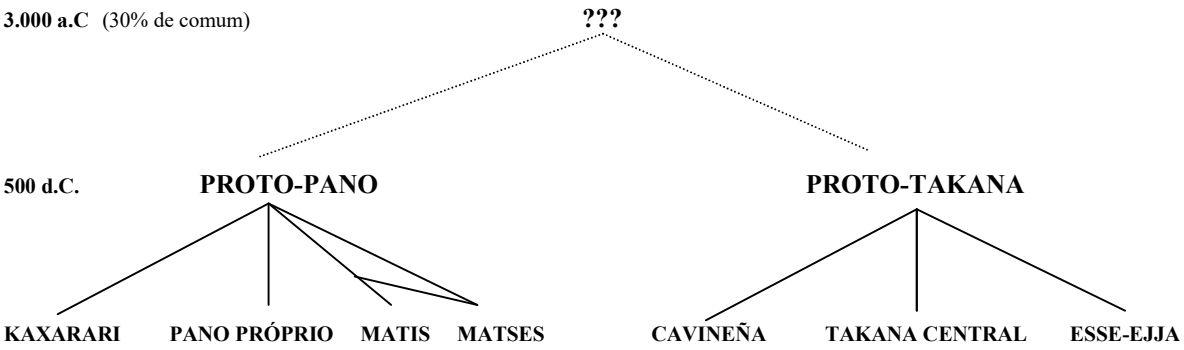
Com asterisco, os subgrupos tupi não mencionados antes do século XX. O mapa sugere um possível proto-tupi entre o Aripuanã e o cotovelo do rio Tapajós. À luz das migrações mondé, a teoria que faz de Rondônia o lar dos proto-tupi não tem fundamento sério.
As influências tupi-karib sugerem que o proto tupi-guarani deve ser procurado perto de Belém, entre o baixo rio Xingu e o baixo rio Tocantins, uma área em que há mais diversidade linguística em tupi-guarani (cf. discusão p. 39). A teoria que faz de Rondônia o lar dos proto tupi-guarani é ridícula: é do tipo "o indo-europeu nasceu nas estepes ao norte do mar Negro, portanto, o latim também nasceu lá". E é até pior, porque o tupi-guarani tem pouca profundeza temporal (chutando: 700-1.000 anos) em relação ao tupi (chutando: 3.000-4.000 anos).
A subida dos *Omagua-Cocama* pelo rio Amazonas e sua passagem perto da atual Manaus, onde viviam arawak do subgrupo central como os *†aruaki*, os *Bahuana*, os *Manao*, os *Wapixana*, etc. (cf. Ramirez, 2020, Enciclopédia das Línguas Arawak, Vol. III, pp. 13-58), é comprovada por vários empréstimos Arawak → Omagua, como *kurata* 'beber' e *karuta* 'morder' (cf. arquivo 70, pp. 7-8). Tudo isso mereceria mais estudos.



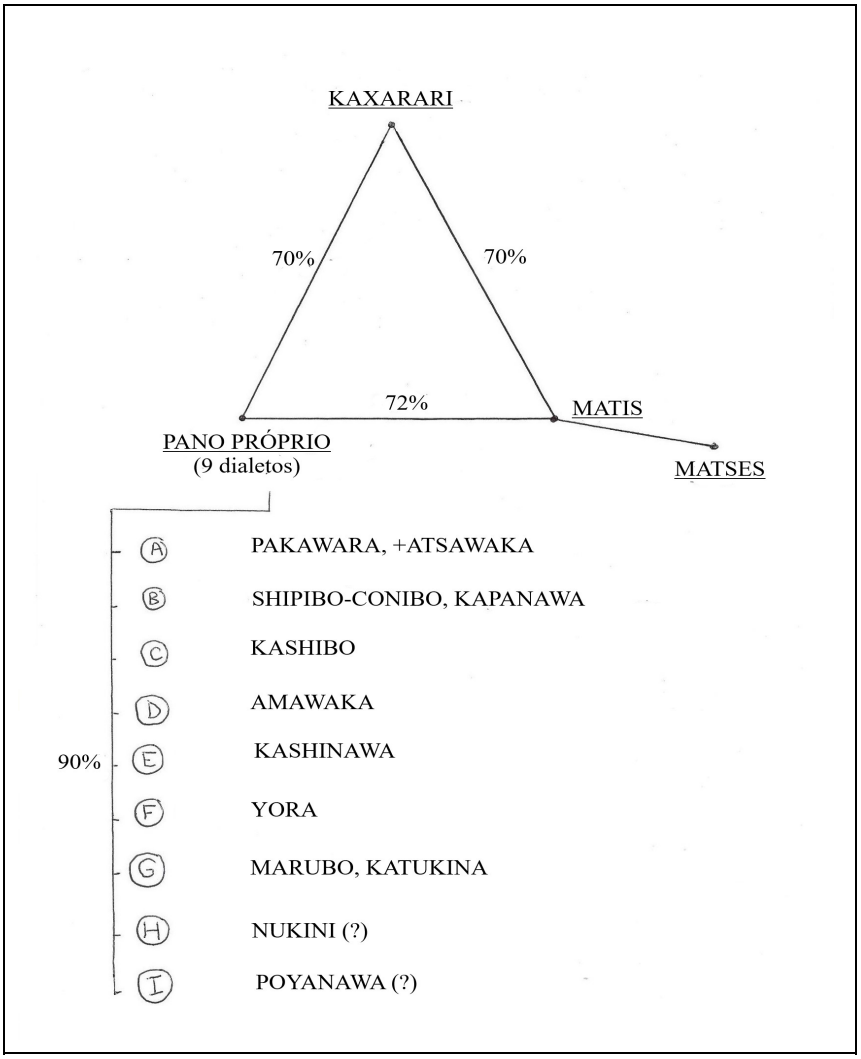
PANO & TAKANA

Pano (1.500 yrs.)
- **I) PANO CENTRAL**
- **II) KAXARARI**
- **III) MATIS-MATSES**
  - **III^{a}) MATIS**
  - **III^{b}) MATSES**

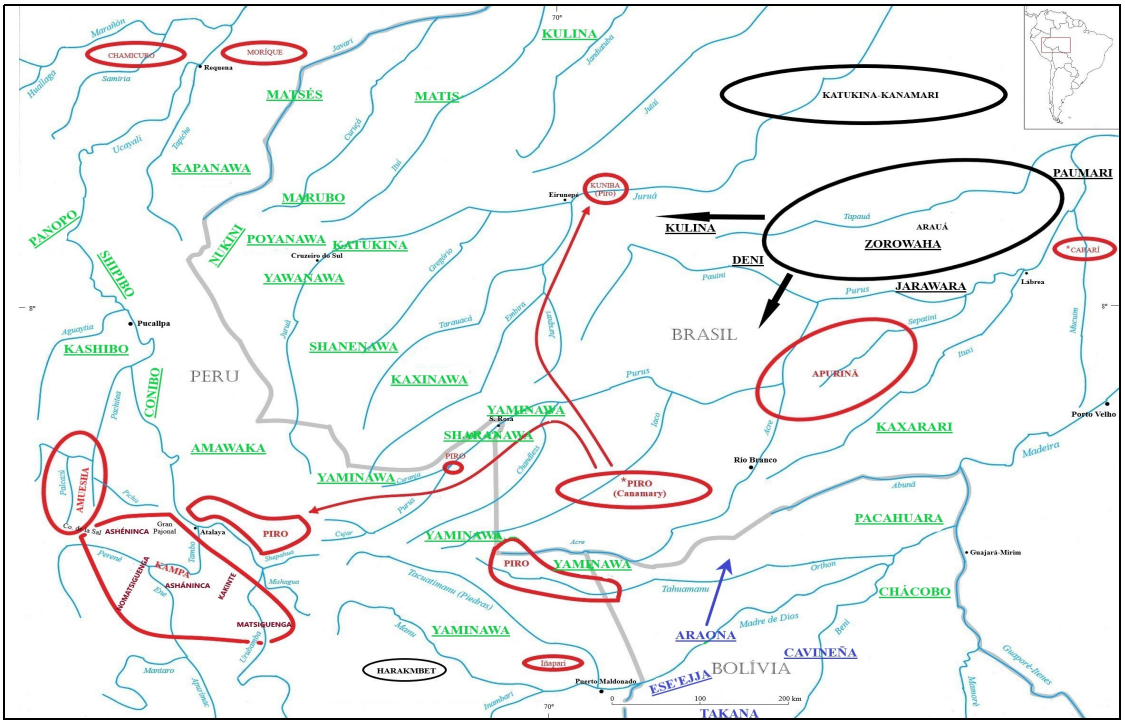
Takana (1.500 yrs.)
- **I) CAVINEÑA**
- **II) ESSE-EJJA**
- **III) TAKANA CENTRAL**
  - **II^{a}) TAKANA PRÓPRIO**
  - **II^{b}) REYESANO**
  - **II^{c}) ARAONA**



Classificação Pano
(YORA = yaminawa, sharanawa, shanenawa, yawanawa)



Localização dos grupos pano (em verde), takana (em índigo) & arauá (em preto)
(grupos arawak em vermelho)



Pré-História pano

Trabalhos de W. Lathrap no Peru (1970, 1985), Roe (1982) e Myers (1988):

- 100-300 a.C.: os Pano migraram em direção ao Ucayali, aparentemente provindo do norte da Amazônia boliviana (devido à expansão arawak de Mojos). Produziam a cerâmica "pacacocha", enterravam seus mortos em urnas, uso do milho. Pouco orientados em direção aos rios, deslocavam-se por via terrestre. No Ucayali, adaptaram-se à vida ribeirinha. Ocupação do Ucayali em ondas sucessivas, os últimos trazendo inovações técnicas que revelam influências dos Guarani (Guaporé).

- Reino absoluto no Ucayali até 700-800 d.C. Depois, intrusão dos arawak, cortando a família pano em dois, um pouco abaixo do Pachitea. Depois, cerâmica "Cumancaya". Depois, enquanto a cultura dos Shitibo tornou-se cada vez mais complexa, os pano do interior simplificaram aos poucos sua cultura.

- Em 1300 d.C., chegada maciça e violenta de tupi (cocama) > os pano cedem mais da metade do Ucayali, até a foz do Pachitea. Depois da extinção histórica dos tupi, recuperação do Ucayali pelos Shetebo e Shipibo.

Muitas classificações sobre o pano, a maioria delas sendo um desastre: Rivet (1924), Mc Quown (1955), d'Ans (1973), Shell (1975), Erikson (1998), Loos (1999), Ribeiro (2005). A melhor - embora parcial (8 línguas) - foi elaborada por Lanes (2000).
Sobre a afiliação PANO-TAKANA: sem correspondências de sons sólidas + gramáticas diferentes > empréstimos ou afiliação? Eis as principais semelhanças:

Português	(Proto-)Takana	(Proto-)Pano
Tamanduá-bandeira	ʃawe	ʃaʔɨ
Tamanduá-colete	bewi	biwin
Porco-espinho	iza	isa
Anta	awada	awara
Irara	bo(k)a	boka
Macaco-prego	sirowa	ʃino
Guariba	doʔo	roʔo
Zoguezogue	dokwadokwa	rokaroka
Tincoá	sika	tʃiʂka
Coruja	popo	popo
Andorinha	tʃoro	tʃono
Arara sp.	kara	kana
Arara sp.	hawa	ʂawan
Tucano	tsokwe	ʂokɨ
Araçari	pitʃa	pisa
Piranha	make	makɨ
Matrinxã	dapa	japa
Formiga-taxi	anani	anani
Tocandira	buna	buna
Vespa	bira	bina, bila
Lagarta	tsena	ʂina
Maruim	tsio	ʃio
Camarão	mapiwa	mapi(wa)
Urucu	matse	maʂɨ
Bambu	rewi	rɨwɨ
Cana-de-açúcar	ʃita	ʃita
Milho	ʃike	ʂɨkɨ
Timbó	atsa	aʂa
Algodão	wapese	waʂminɨ
Flecha	pi(s)a	pia

Português	(Proto-)Takana	(Proto-)Pano
Cabeça	bu *rosto*	bɨ *rosto*
Boca	kwatsa, kwe-	kwɨ-
Dente	tse	ʂɨ-
Língua	ana	ana
Unha	-tizi, -ʃi	-tsis
Pé	ta- *perna, pé*	taʔɨ
Joelho	danaka	ran- / dan-
Mão	me	mi-
Seio	soso	tʃotʃo
Fígado	takwa	takwa
Osso	tsao	ʂao
Sangue	ami	imi
Carne	rami	nami
Pele	biti	bitʃi
Gordura	tseri	ʂini
Nome	bani	anɨ
Mulher	wane	awini
Mãe	ekwa	ɨwa
Criança	bakwe	bakɨ

Português	(Proto-)Takana	(Proto-)Pano
Árvore	akwi	iwi
Sol	badi *lua*	bari
Água	ena	ɨnɨ
Terra	metsi, meʔi	mai
Fogo	ti	tʃiʔi
Noite	tsine	ʃina
Buraco	kani	kini

Grande	ari	ani
Molhado	tsa	tʃa
Doce	bita	bata
Gostoso	noi	noɨ
Dar	ina *pegar*	ina
Morrer	ma-	mawa
Ir	kwa	kwa
De pé	ni	ni
Plantar	bana	bana
Eu	ei	ɨ
Tu	mi	mɨ
Não	-(a)ma	-(ja)ma

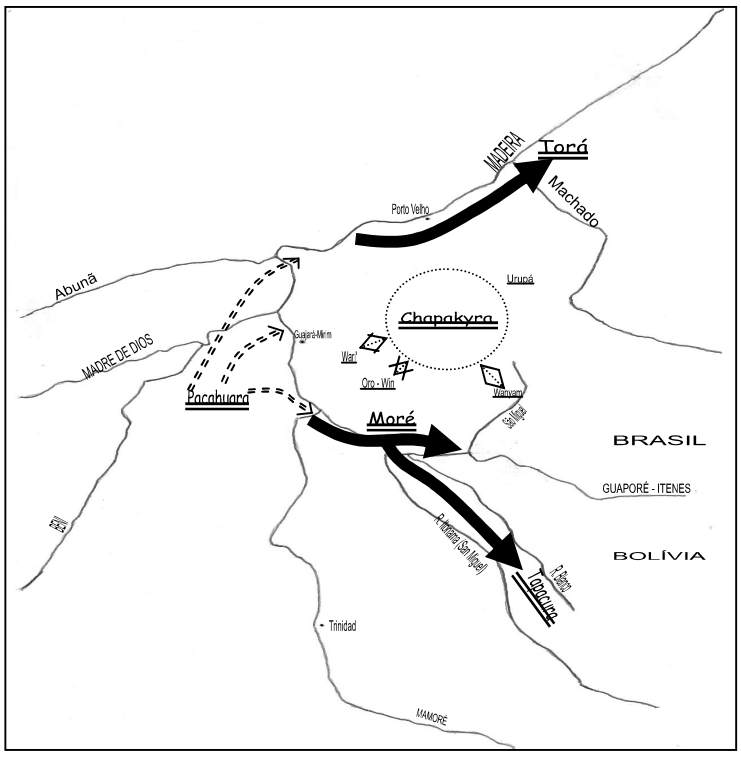
<u>Arawá</u> (2.000 yrs.) [cf. mapa anterior]

I) PAUMARI
II) ZOROWAHA
III) YARAWARA-DENI
- **III^{a}) YARAWARA**
- **III^{b}) MADIHA**
  - **KULINA**
  - **DENI**

<u>Chapacura</u> (1.300 yrs.) [cf. mapa posterior]

I) CHAPAKYRA
- **I^{a}) WARI' (pacaa-nova)**
- **I^{b}) †MIGUELENHO**
- **I^{c}) ORO-TOWATI (oro-win)**
- **I^{d}) †URUPÁ**

II) CHAPAKURA
- **II^{a}) MORÉ**
- **II^{b}) †TORÁ**



Tukano (1.500 yrs.)

I) KUBEO
II) TUKANO
- **III[a]) TUKANO**
  - **WANANO (e pira-tapuyo)**
  - **YE'PA-MASA**
  - **TUYUKA**
  - **KARAPANÃ (e tatuyo)**
- **III[b]) MAKUNA**
- **III[c]) DESANO**

III) TANIMUKA (retuama)
IV) TUKANO OCIDENTAL

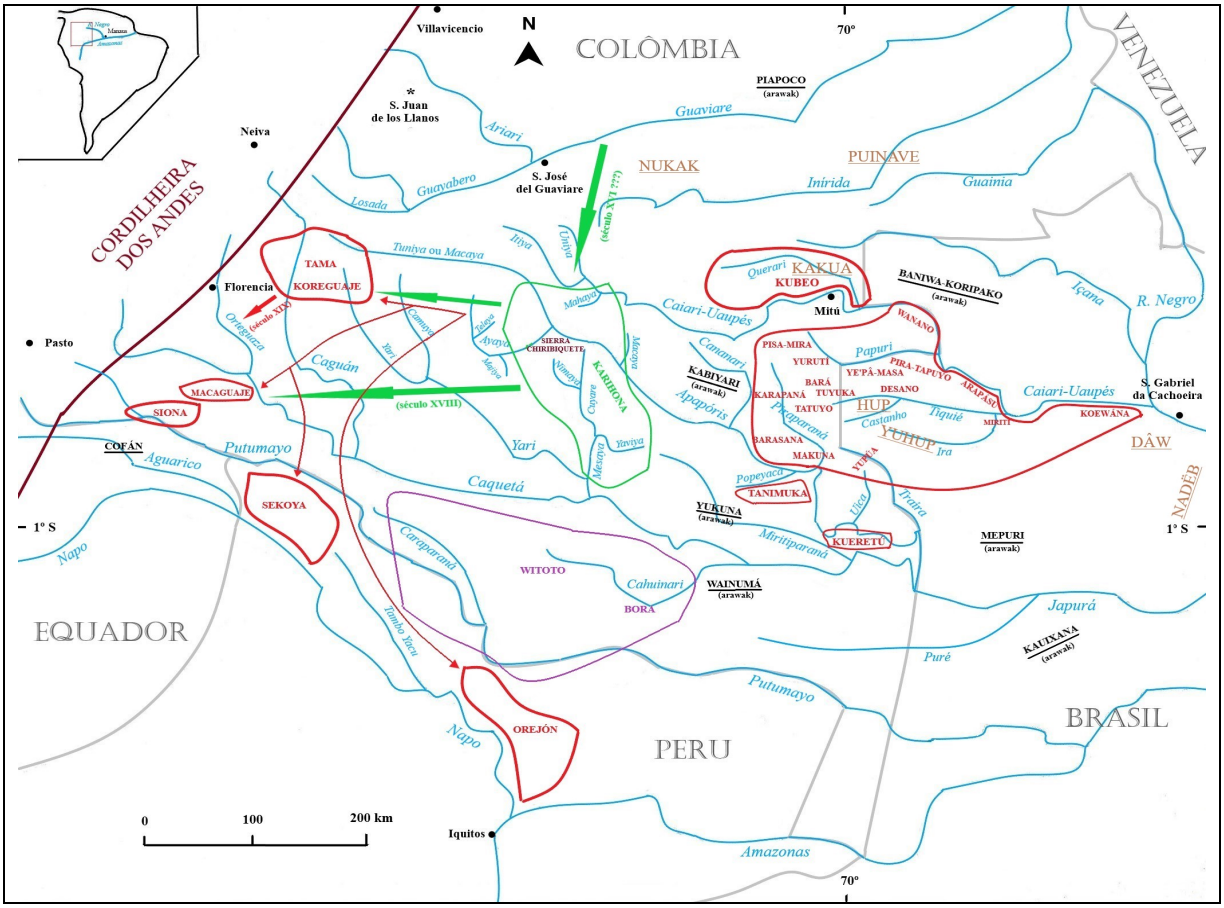
Maku (2.500 yrs.)

I) NADËB
II) HUP-DÂW
- **II[a]) HUP**
- **II[b]) DÂW**

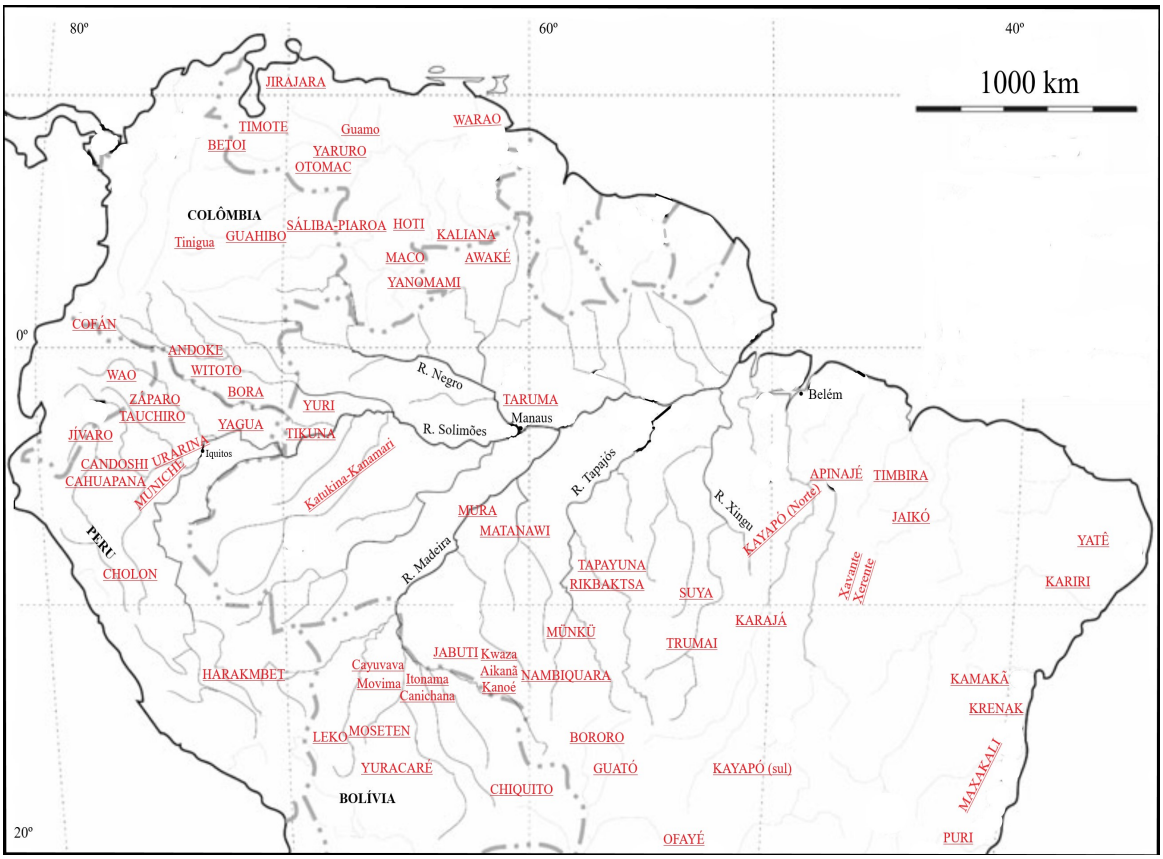
Nukak-Puinave (3.000 yrs.)

I) PUINAVE
II) NUKAK
- **II[a]) NUKAK**
- **II[b]) KAKUA**

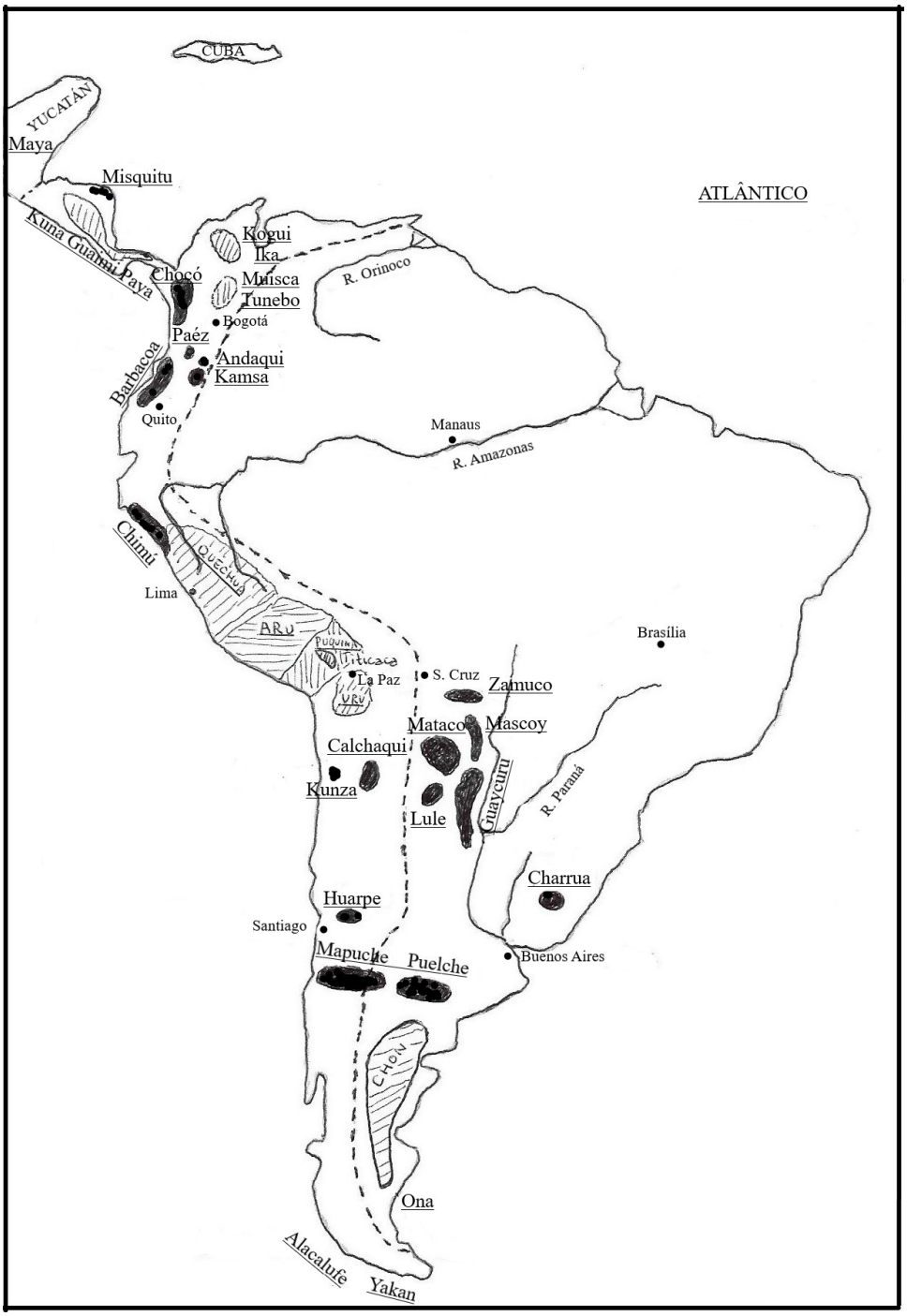
Localização dos grupos tukano (em vermelho) **e 'Maku-Puinave'** (em marrom)



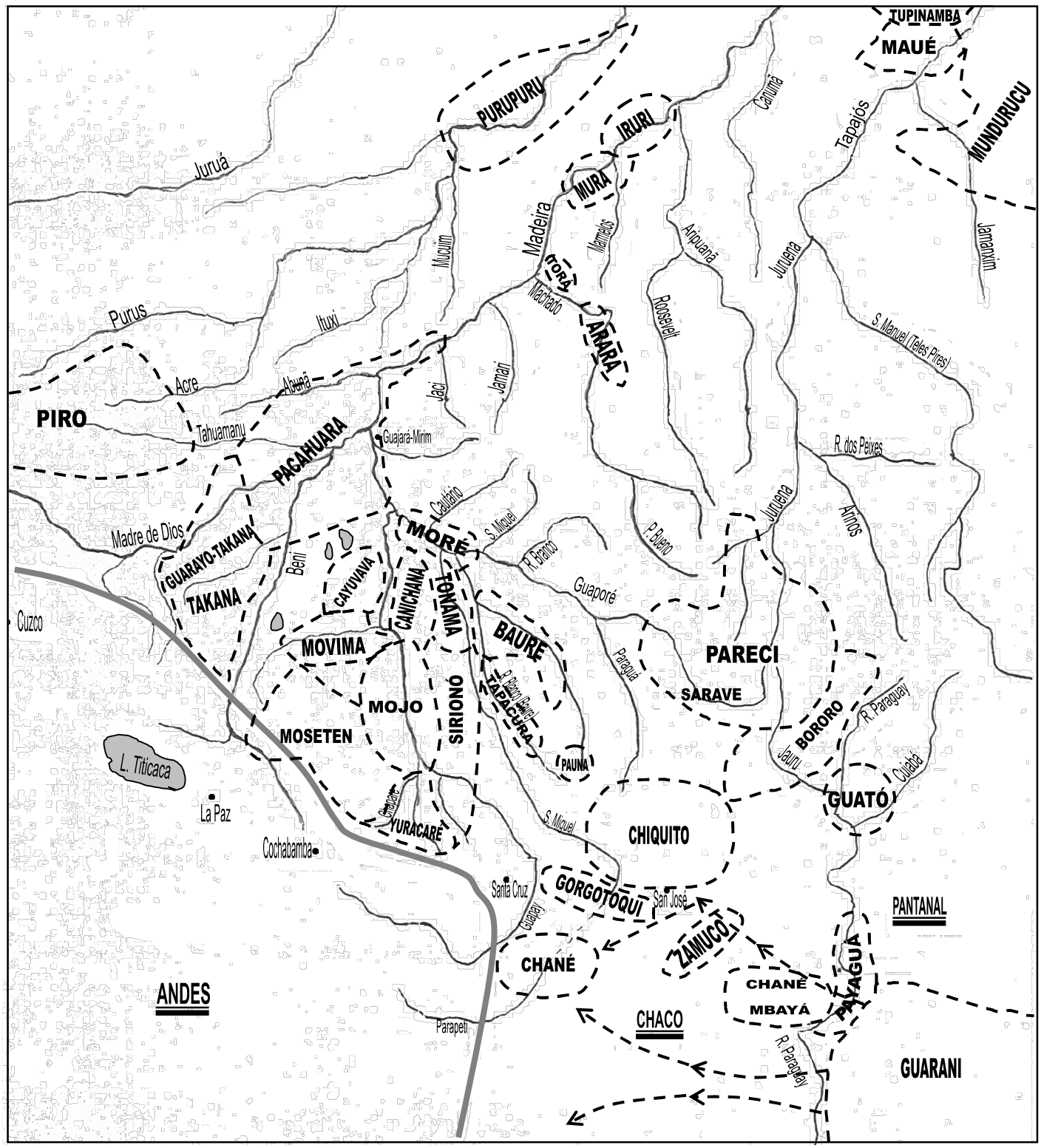
OUTRAS LÍNGUAS E FAMÍLIAS
(Amazônia, Orinoco, Cerrado e Nordeste Brasileiro)



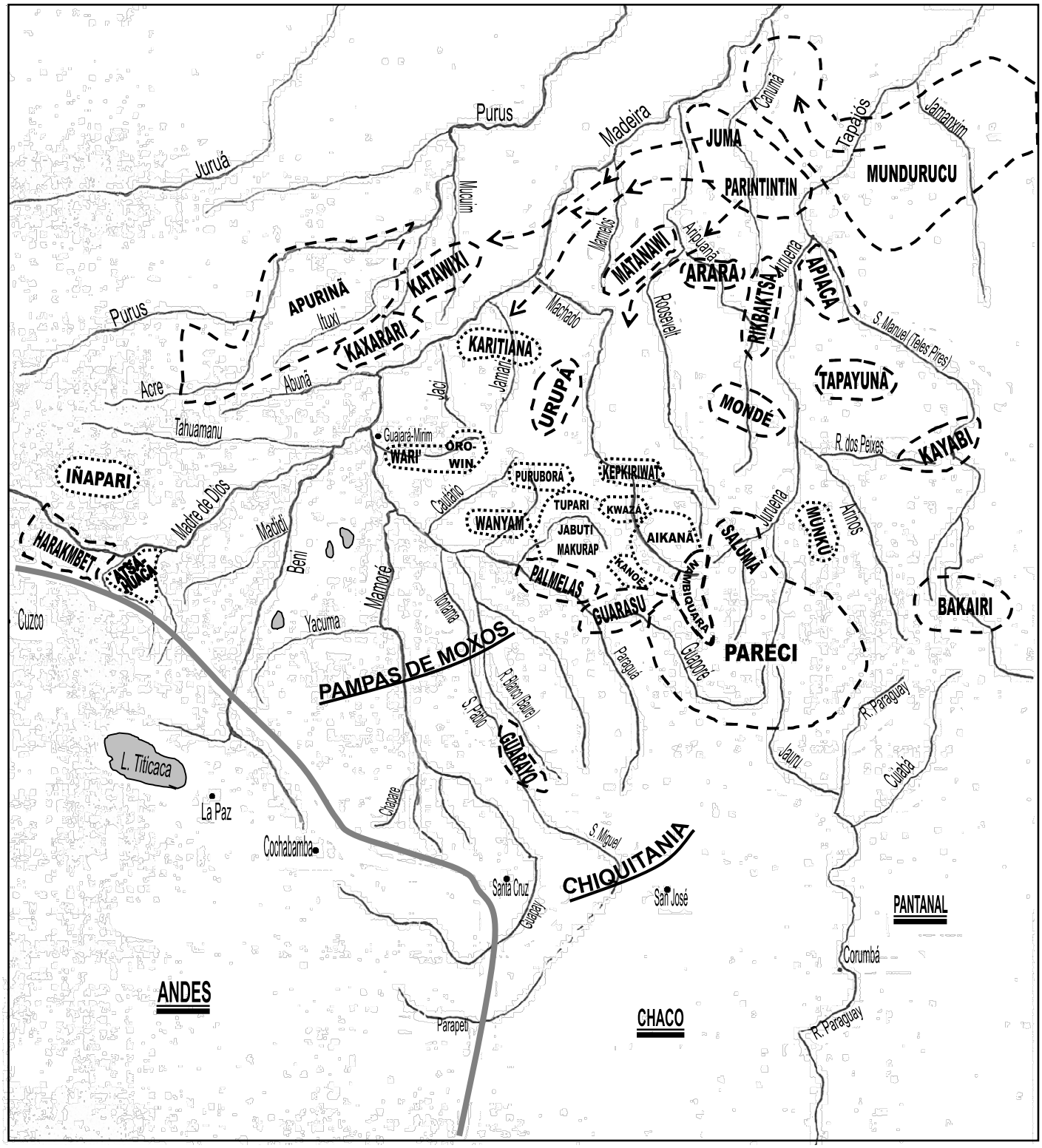
FAMÍLIAS DO CHACO E DOS ANDES
(em pontilhado, limites andinos)



ÁREA DO ALTO MADEIRA (1521-1714)



ÁREA DO ALTO MADEIRA (1715-1935)
(em pontilhado, os grupos descobertos no século XX)



BREVE BIBLIOGRAFIA

(sobre classificação das famílias arawak, carib, tupi, arawá, chapacura, pano e tacana)

AGARD, Frederick B. (1974) *A course in romance linguistics*. Georgetown, Georgetown University Press (2 v.).

CROWLEY, Terry (1992) *An Introduction to Historical Linguistics*. Auckland, Oxford University Press.

DELBRÜCK, B. (1880) *Einleitung in das Sprachstudium*, Breitkopf & Härtel, Leipzig.

DOLGOPOLSKI, A. (1988) "The Indo-European Homeland and Lexical Contacts of Proto-Indo-European with Other Languages", *Mediterranean Language Review*, n° 3, pp. 7-31.

HOCK, H. H. (1991) *Principles of Historical Linguistics*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter.

LATHRAP, D. W. (1970) *The Upper Amazon*. New York, Praeger.

MEIRA, S. (2005) "The Southern Cariban languages and the Cariban family", *International Journal of American Linguistics* 71(2): 127-192.

MÉTRAUX, A. (1928) *La civilisation matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, Librairie orientaliste.

NOBLE, G. K. (1965) "Proto-Arawakan and its descendents". *International Journal of American Linguistics* 31(3): 1-129.

OLIVER, J. R. (1989) *The archaeological, linguistic and ethnohistorical evidence dor the expansion of Arawakan into Northwest Venezuela and Northeastern Colombia*. Ph.D. Thesis, University of Illinois.

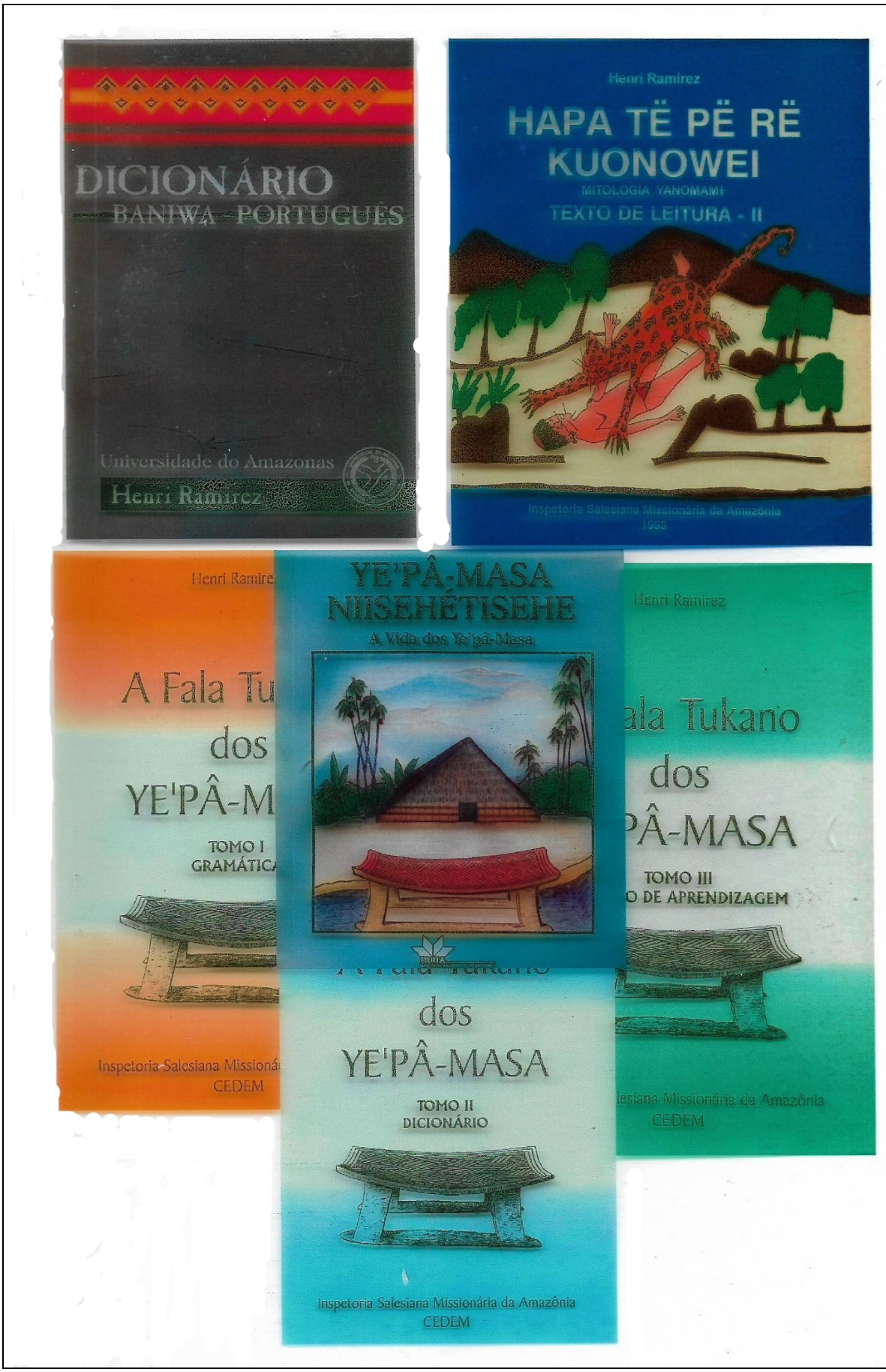
RAMIREZ, H. (2001) *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e Descrição.* Manaus, Universidade do Amazonas.

RODRIGUES, A. D. (1964) "A classificação do tronco lingüístico tupí", *Revista de Antropologia* 12 (1 e 2): 99-104.

ROOSEVELT, A.C. (1992) "Arqueologia Amazônica", *In* M. M. Carneiro da Cunha [ed.], *História dos Índios no Brasil*, 53-86. São Paulo, Companhia das Letras.

STEINEN, K.v.d. (1886) *Durch Central-Brasilien*. Leipzig.

STEINEN, K.v.d. (1894) *Unter den Naturvölkem Zentral-Brasiliens*. Berlin.


DICIONÁRIO
BANIWA - PORTUGUÊS
Universidade do Amazonas
Henri Ramirez
Henri Ramirez
HAPA TË PË RË KUONOWEI
MITOLOGIA YANOMAMI
TEXTO DE LEITURA - II
Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia
1993
Henri Ramire
A Fala Tu
dos
YE'PÂ-M
TOMO I
GRAMÁTICA
Inspetoria Salesiana Missionár
CEDEM
YE'PÂ-MASA
NIISEHÉTISEHE
A Vida dos Ye'pâ-Masa
dos
YE'PÂ-MASA
TOMO II
DICIONÁRIO
Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia
CEDEM
Henri Ramirez
ala Tukano
dos
PÂ-MASA
TOMO III
O DE APRENDIZAGEM
lesiana Missionária da Amazônia
CEDEM